GRÁTIS! FLEXIDISC EXCLUSIVO MIDNIGHT OIL

VOTE NOS MELHORES DE 88!

BIZZ

EXEMPLAR DE ASSINANTE VENDA PROIBIDA

EDITORA AZUL

ROCK BRASIL 89

O ANO DA GUERRILHA

ENTREVISTAS: **KURTIS BLOW** O REI DO RAP • **ICE-T** HIP HOP FUTURISTA

PET SHOP BOYS • DANÇANDO NAS PISTAS DO POP

WORLD MUSIC • A INVASÃO DO TERCEIRO MUNDO

ULTRAJE A RIGOR • ROCK DO ABC • DURAN DURAN • TITÃS • ZIGGY MARLEY

SADE • TIM MAIA • IRA! • ENGENHEIROS • BARÃO • PUBLIC ENEMY • RUN DMC

RITA LEE
ROBERTO DE CARVALHO

ZONA ZEN

DISCO DE OURO
EM DUAS SEMANAS

EM DISCOS, CASSETES E COMPACT DISCS EMI

A EMI apresenta o som mais revolucionário do século XX.

The Beatles

A coleção completa em Compact Disc.

Também em cassetes **cromo** e LPs remasterizados em **digital**.

SHOW BIZZ

SÃO PAULO RECUPERA ESPAÇO IMPORTANTE

Há quatro anos, um incêndio criminoso destruía um dos templos da cultura alternativa e contestatória nos difíceis anos 70 — o **Tuca**, Teatro da Universidade Católica de São Paulo. Em meados de novembro, o espaço voltou à ativa, ainda em fase de arrecadar dinheiro para o término das obras de restauração. Neste mês e em novembro passaram por lá Elomar (que reabriu a casa), Patife Band, Ed Mota e Conexão Japeri, Luiz Melodia e Joyce. E vamos esperar que nenhum outro fascista piromaníaco decida destruir o Tuca de novo.

O menestrel baiano Elomar, na reinauguração do Tuca

OUÇA ESSA

"São Paulo precisa de uma mãe, não de um filho da mãe", **Nasi**, do **Ira!**, comentando a vitória de Luiza Erundina para a prefeitura de São Paulo, durante o programa *Paulista 900*, TV Gazeta

Debbie: remixes para os antigos sucessos

VÃO SAIR OS REMIXES DE BLONDIE

O produtor Colduct cuida do projeto dos remixes de **Debbie Harry/Blondie**, iniciando com "The Tide Is High". Debbie também está colaborando no último LP de Allannah Currie e Tom Bailey, mais conhecidos como os **Thompson Twins**. ⊗ O super **Arthur Baker** coloca em seu LP o **OMD** e ainda **Jimmy Sommerville** (a metade cantante dos **Communards**), **ABC**, **New Order**, **Alison Moyet** e **Will Downing** ⊗ **Eddie Van Halen** sentou-se na mesa do estúdio para coproduzir *Shadows*, da banda de pop rock **Private Life** ⊗ **Sonic Youth**, **Flaming Lips** e **Butthole Surfers** estão em um LP em homenagem a **Neil Young**. Os lucros vão para um programa educacional de crianças com paralisia cerebral.

ECHO PROCURA UM VOCALISTA

Procura-se um coelho para o lugar de Mac (à direita)

Will Sargent, Les Pattinson e Pete de Freitas, ex-integrantes do Echo & the Bunnymen, começaram a trabalhar sobre composições novas sem a presença do cantor Ian McCulloch. O trio procura um novo vocalista e não sabe se manterá o nome da banda e mesmo se legalmente ele pode ser mantido. Enquanto isso, Morrissey planeja se reunir com outros membros dos Smiths para a gravação de seu segundo LP. Johnny Marr não vai fazer parte do projeto. Vinny Reilly, que tocou no primeiro LP solo de Morrissey, *Viva Hate*, está envolvido nas gravações.

GENTE FINA É OUTRA COISA

George Michael: um pé na bossa nova

George Michael diz que seu próximo LP vai ser mais suave. O grego barbado disse mais: anda ouvindo **João Gilberto** e pensa em compor uma bossa nova para o disco! As declarações foram feitas em uma festa em sua homenagem em Hollywood (onde mais?), na qual estavam **Bob Dylan**, **Little Richards**, **Axl Rose** (Guns'n'Roses), **George Harrison**, **Tom Petty**, aquela gracinha da **Stephanie** de Mônaco, e outros menos cotados, mas mesmo assim famosos. Compareceu também à fantástica bocalivre o ex de Michael no **Wham!**, **Andrew Ridgeley**. Elegantemente, ele cumprimentou o amigo agora bilionário, dizendo que ele merece.

REPRESSÃO BAIXA NO ACID HOUSE

Pronto. Bastou a moçada começar a se divertir para instituições cretinas e um governo como o de Margaret Thatcher, idem, tentarem acabar com a brincadeira. A repressão baixou solta sobre as casas londrinas de acid house e a BBC baniu de seu *Top of the Pops* (uma espécie de *Globo de Ouro* lá, deles) músicas que tenham a palavra *acid* no nome ou na letra. Segundo essas instituições, este tipo de música induz ao consumo de ácido lisérgico e ecstasy (esta, supostamente, libera a libido geral). Saco. Já ouvimos essa história antes.

O ROCK EMBARCA NA PERESTROIKA

Time Machine, Cruise, Alexander, Gradsky Band. São grupos famosos dos quais você jamais ouviu falar. São os filhos da *perestroika*, rolando pela noite soviética sob a égide da Goskontsert, a agência oficial de concertos. Pensou-se que isso seria impensável a partir de 83, quando a União de Compositores de Moscou decretou que 80 por cento das músicas de rock tinham que ser feitas por membros da entidade. Impensável porque se sabe que há rancos roqueiros na União quanto bons jogadores de futebol por aqui. Mesmo assim o rock rola. Não pela *glasnost*, um processo de distensão política, mas pela *perestroika*, que tenta descentralizar a economia. Ou seja, quem não lucrar, fecha. Rock lucra. E dane-se a União. Este raciocínio está por trás do interessante *Back in the USSR. The True Story of Rock in Russia* (Faber and Faber, NY). Olho aberto, importadores de livros. A moçada vai querer!

SINÉAD ACUSADA DE OBSCENA

Kevin Dubrow, que foi expulso de seu emprego de cantor do **Quiet Riot**, trabalha em seu primeiro disco solo. Ele diz que o baixista **John Entwistle**, do **Who**, vai dar uma mãozinha ⊗ Executivos da CBS americana ficaram de cabelo em pé e ameaçaram boicotar o novo single de *Sinéad O'Connor*, "Jump in the River", alegando que a letra era obscena. Outra versão da mesma música está na trilha sonora do mais recente filme de Jonathan Demme, *De caso com a Máfia*.

Sinéad: obscenidades nas águas do rio

Annie, emprestando talento às telas

OLHA SÓ O ELENCO DESTA TRILHA SONORA!

Annie Lennox, Al Green, Natalie Cole, Miles Davis, David Sanborn, Buster Pointdexter, Robbie Robertson e Kool Moe Dee fazem parte do elenco estelar da trilha sonora da comédia *Scrooged*, com Bill Murray (de *Tootsie*), que estreou nos EUA no final do ano ⊗ Nasce um novo selo de metal nos EUA, tentando acompanhar a explosão do gênero, o Titanic, que vai ser distribuído pela Atlantic. A primeira banda a assinar foi **Badlands**, com **Jack E. Lee**, ex-guitarrista do Ozzy Osbourne, e o ex-vocalista do Black Sabbath, **Ray Gillen**.

OUÇA ESSA

"O rock é a Aids da música atual" (Il maestro **Julio Medaglia**, em seu livro *Música Impopular*, Global Editora)

DROGAS EXPLICAM A PIRAÇÃO DE JAMES BROWN?

James Brown nunca foi exatamente um cara comportadinho. Mas, de um tempo para cá, o *godfather of soul* despirocou de vez. Já atirou na mulher, entrou de rifle na mão em um seminário sobre seguros, foi perseguido pela polícia, que atirou em seus pneus, e, destrambelhado, só parou nove quilômetros depois, rodando só com as rodas de metal. Agora descobriu-se a causa do comportamento errático, ou ao menos parte dela. O advogado de Brown, Albert Dallas, revela que ele se envolveu demais com uma droga alucinógena causadora de forte dependência, PCP, também conhecida como *angel dust*. As coisas teriam piorado de dois anos para cá, quando ele se casou com a chacoalhada Adrienne Rodriguez.

Brown: metido em encrencas alucinógenas

Paul Natkin/Archive Photos

Beach Boys: vinte anos depois, a volta às paradas

Foto Prod. DB

MOÇADA VAI SURFAR DE NOVO AO SOM DOS BEACH BOYS

A penúltima vez em que os **Beach Boys** emplacaram um single no topo da parada americana foi em 66, com "Good Vibrations" (pergunte a seu pai). A última foi agora, 22 anos depois(!), com "Kokomo", da trilha sonora de *Cocktail*. Sem **Brian Wilson** (cujo LP solo lançado recentemente não decolou), eles costuraram o hit com John Philips, do **The Mamas and the Papas**, e outro veterano, **Scott Mackenzie**, autor do hino hippie "San Francisco (Be Sure To Wear Some Flowers in Your Head)".

U2: nenhum vídeo lançado no Brasil!

WEA

CADÊ OS NOSSOS VÍDEOS DE ROCK?

O vídeo comemorativo dos 25 anos do selo **Island** inclui performances em estúdio de **Christians, Eric Clapton, Robert Palmer, Sly & Robbie, Trouble Funk** e, de quebra, **Grace Jones, Bob Marley** e **U2**. Aliás, isso faz lembrar um dado desolador: se você consultar a lista de vídeos selados pelo Concine (isto é, os não-piratas), vai saber que já existem cerca de cinco mil. Desse total, só uns vinte são de música (aí incluídos óperas e "outros"). Nós perdemos a informação, e as distribuidoras, meio míopes para o tamanho desse mercado, perdem dinheiro. Brasil.

UM SHOPPING CULTURAL PARA O RIO

Está em andamento no Rio o Projeto Fundição Progresso, que pretende dar ao Brasil o seu primeiro shopping cultural. Construída numa área ao lado do atual Circo Voador, a Fundição terá nove casas de espetáculos, treze estúdios de arte e ciência e uma galeria de arte, além de restaurantes, lojas e estúdios de som e vídeo. A primeira parte do projeto fica pronta no primeiro semestre deste ano — o prazo final para abertura do centro cultural vai até o final do primeiro semestre de 90. A iniciativa — que poderia ser seguida em outras capitais (alô, empresários!) — é do grupo Circo Voador.

BULL-DOG.
ESSE JÁ VEM COM PEDIGREE.

Está assim de arremedos de Bull-Dog na praça. Mas, certamente, nenhum deles possui pedigree. Já o Bull-Dog da Samello, sim. Ele é autêntico, tem classe, estilo, tradição. Bull-Dog da Samello. Esse tem muita garra.

SAMELLO
BULL DOG

OUÇA ESSA

"Terence D'Arby! Meu Deus! Me dê um fuzil de 12 tiros e eu livro o mundo desta peste. O cara é um nojo!"
Sonic Youth

THATCHER REPRIME BANDAS DE ROCK

The Pogues são as mais novas vítimas de Margaret Thatcher. Funcionários do governo pediram a rádios e televisões britânicos que não toquem "Birmingham Six", alegando que as "letras dizem que alguns terroristas condenados (do IRA, Exército Republicano Irlandês) não são culpados e que os irlandeses estão em desvantagem nos tribunais britânicos." Os Pogues acharam a medida "hilária", mas a proibição contra o "apoio ao terrorismo" pode começar a atingir outras bandas mais politizadas, como o **That Petrol Emotion**.

Island Pictures

As "características vocais" de Waits, vendendo alimentos no rádio

TOM WAITS RODA A BAIANA

Tom Waits está processando uma empresa americana de alimentos por roubar suas "características vocais" num comercial de rádio. Ele quer dois milhões de dólares como reparação pelo comercial de Frito-Lay — por dar a falsa impressão de que Waits endossa o produto. Ele reclamou também de um comercial de TV que faz "uso inapropriado de imagem", mas não vai processar por que o anúncio deixa claro que não se trata dele mesmo. Em outro processo que rola desde junho de 88, os **Fat Boys** pedem 5 milhões de dólares à indústria de cerveja Miller Lite, que colocou no ar uma imitação do trio de rap.

PRINCE TERMINA NOVO LP

WEA

Prince, vidrando em novo filme e LP

Fontes próximas a sua majestade púrpura informam que **Prince** já terminou seu LP novo. Revelaram também que ele tem pronto o argumento de um filme, no qual encontra um DJ de house music de Chicago e abraça a causa da popularização deste gênero. O **William Hurt** vai fazer no cinema o papel de **Brian Wilson**. E quem será os outros **Beach Boys**?

UMA TRILHA DO BARULHO

Divulgação/Azul

Pretenders: cover na trilha de 1969

A grande trilha sonora deste ano poderá ser a do filme *1969*, que inclui uma versão dos Pretenders de hit de Dionne Warwick, "Windows of the World"; uma nova versão de "Get Together" dos Youngbloods pelo ex-líder da banda Jesse Young; e músicas de Crosby, Stills and Nash, Jimi Hendrix, The Animals, Creedence Clearwater, Blind Faith, Canned Heat e outros. O filme, dirigido por Ernest Thompson, tem como atores principais Kiefer Sutherland (de *Contos Assombrosos*) e Robert Downey (*Abaixo de Zero*), e fala sobre dois colegas de escola, um poeta e outro pragmático, que têm de tomar decisões em meio ao tumulto político daquele ano.

BLUES BRASIL

A Eldorado contrata mais um brasileiro. **André Christovam**, que há mais de um ano vem percorrendo o circuito alternativo num projeto solo — ele já fez parte dos Heróis do Brasil de Kid Vinil e já foi apontado como o melhor guitarrista blues destas plagas —, entra agora em vinil. Ele pretende misturar a tradicional ginga e veia poética brasileiras — Cartola, Moreira da Silva, Adoniran Barbosa — ao blues tradicional de um Muddy Waters, Robert Johnson etc. Em estúdio desde dezembro passado, André vem acompanhado, ainda, de Alaos Neves (bateria) e Márcio Vittule (baixo).

Foto Abril

André Christovam: o primeiro disco solo, pela Eldorado

ROCK SEM CÍLIOS POSTIÇOS.

Deep Purple
Nobody's Perfect

O Deep Purple acaba de lançar no Brasil o Lp .....

Você sabe que o Deep Purple joga pesado e quer que os modismos se explodam e os sex-simbols idem.

O Deep Purple só tem compromissos com as quatro letrinhas que não choram. Rock.

Sem nhem nhem, sem ui, ui, ui, em suma, é Marshall em cima de Marshall.

Se você gosta de vitrine, fuja deste disco. Ele só tem conteúdo.

Em discos e fitas
PolyGram

PHIL COLLINS VAI AO CINEMA

Collins assalta o trem

Além de ser excelente baterista e cantar, **Phil Collins** agora chega ao cinema em grande estilo. Ele faz o papel de Buster Edwards no filme ***Buster***, sobre o grande roubo do trem na Inglaterra em 63. Na trilha sonora, há músicas suas e a mão do lendário **Lamont Dozier**, do time **Holland-Dozier-Holland**, da Motown.

NUNCA SE VENDEU TANTO DISCO (NOS EUA!)

Com o povo como sempre pagando o pacto, a grana por aqui anda meio curta para o consumo de discos. A coisa, porém, é bem diferente para nossos irmãozinhos do norte. 88 foi, para os EUA, o melhor ano de vendas de discos de todos os tempos. Com uma novidade: pela primeira vez os CDs terão ultrapassado a venda de LPs (esses dados são uma projeção de dezembro). São quase 800 milhões de unidades em CDs, LPs, singles e nos novos **darlings**, da indústria: os singles em cassete e os singles em CD.

OUÇA ESSA

"As pessoas costumavam dizer que eu tinha as qualidades de atriz de um hamster morto."
Cybill Shepherd, a gata de *A Gata e o Rato*

BOY GEORGE COM MEDO DE SER PRESO

Boy George, fugindo de um processo na justiça americana?

Boy George teria cancelado sua turnê nos EUA porque tinha medo de ser processado caso pisasse naquele país. O processo viria por causa da morte, na casa de George, do músico americano **Michael Rudetsky**, de uma overdose de heroína. No ano passado, os pais de Rudetsky viram derrubada na justiça sua pretensão de tirar 12 milhões de dólares do cantor a título de indenização. O porta-voz da Virgin, gravadora de George, desmente tudo, dizendo que ele simplesmente não tem qualquer plano de ir aos EUA em futuro próximo.

AS VELHAS FERAS SE ENTENDEM

Clapton: matando saudades do Cream

Eric Clapton juntou-se a **Jack Bruce** durante um show de Bruce no Bottom Line, NY, e os dois, para os embasbacados fãs e saudosos do **Cream**, atacaram de "Sunshine of Your Love". Uma semana antes, Clapton tinha se juntado a **Elton John**, em Los Angeles, e mandaram ver "Saturday Night Is Allright for Fighting". Agora em janeiro, Elton retorna o favor, tocando teclados na turnê japonesa de Clapton.

Chegou a Sopa Purê.

Procurando satisfazer ao seu paladar, a Knorr® pesquisou e trouxe mais uma inovação para você: a Sopa Purê. A Sopa Purê Knorr® vem com mais pedacinhos de legumes, bem selecionados, dando sabor e consistência especiais. É saudável e deliciosa. São três variedades exclusivas: Mandioquinha, Sete Legumes e Tomate com Legumes. Experimente. Sopa Purê. Mais uma inovação Knorr®, para você.

Sopa Knorr®
A refeição leve e gostosa.

O fim da crise de identidade.

O CHEQUE-OURO do BANCO DO BRASIL transmite a quem o recebe toda confiança e credibilidade. Isso porque só quem realmente se destaca possui o Cheque-Ouro.

Mas, e você, que é filho dessa pessoa? Você também é muito especial, merece a mesma confiança e o mesmo tratamento. Mas não é isso o que acontece. Aqueles olhares desconfiados, ter que mostrar a carteira de identidade, esperar um telefonema sempre que paga com cheque, tudo isso é muito chato.

O BANCO DO BRASIL tem uma novidade para você que ainda não tem Cheque-Ouro: o CHEQUE-OURO FAMÍLIA.

Basta seu pai indicar você para o gerente, e pronto. Seu cheque vai ser aceito na mesma hora, e você vai poder sacar dinheiro a qualquer hora do dia ou da noite através do Caixa-Ouro. Vai ser o fim da crise de identidade.

CHEQUE-OURO. Reflete quem você é.

BANCO DO BRASIL

ÍNDICE

Fotos de Capa: Ricardo Siqueira/Titãs — Legião — Lobão —, Geraldo Luís Gomes/Ira!, Ciuliano/Kid Abelha, Rochelle Costi/Kurtis Blow

EMI Odeon

PET SHOP BOYS

4 **SHOWBIZZ**
Notas, notícias e boataria

15 **ÍNDICE**
Você está aqui...

16 **PARADA**
Estados Unidos, Grã-Bretanha e Parada do Leitor

18 **AO VIVO**
Titãs, Dulce Quental, Ziggy Marley, Tim Maia, Sade, Duran Duran, Golpe de Estado

28 **ROCK BRASIL**
E este ano, como é que vai ser? As bandas respondem

34 **PET SHOP BOYS**
Pelas pistas de dança do mundo

39 **ENTREVISTÃO**
Kurtis Blow e Ice-T

48 **ABC**
O som que rola na capital do automóvel

52 **WORLD MUSIC**
Não se fala em outra coisa. Afinal, o que é isto?

58 **ULTRAJE**
Que nem gente grande

60 **HARRY**
Tecnopop e internacionalista

61 **LANÇAMENTOS**
Brian Wilson, Duran Duran, Picassos Falsos, Joy Division...

70 **BRASIL**
Do Oiapoque ao Chuí

72 **CINEMA**
As memórias de uma supertiete nas telas

74 **EM CARTAZ**
Imagine: John Lennon, Um Peixe Chamado Wanda, Bird, Imensidão Azul

76 **VÍDEO**
Ingrid Bergman e os principais lançamentos

78 **LETRAS**

80 **CARTAS E SERVIÇOS**

82 **DISCOTECA BÁSICA**
Phil Spector's Christmas Album

Como o rock brasileiro irá enfrentar o complicado 89? No que ele poderá se transformar? Estas e outras perguntas foram feitas a roqueiros brasileiros das mais variadas tendências e matizes por **Sônia Maia**, que compôs um amplo painel, indicando o que deverá daqui por diante atingir vossos preciosos ouvidos. E, dentro deste cenário, uma região particular do país se destaca como celeiro de bandas — o ABC, sede da indústria automobilística nacional, região poluída e destratada e mesmo assim resistente, radiografada por **Patrícia Cardozo de Faria.** Longe da poluição, depois de ter invadido todas as praias, o **Ultraje** arma seu novo LP e se diz mais maduro e reflexivo sem perder o ar escrachado, conforme revela a **Marisa Adán Gil.** E, com jeito de querer chegar a areias transnacionais, o **Harry** canta em inglês, faz um tecnopop competente e conversa com Marisa.

Na parte internacional, esta edição está literalmente dançando. Senão, vejamos. Ídolos em pistas de dança do planeta, os popíssimos **Pet Shop Boys** falam a **Anamaria Lemos** em Londres. **Kurtis Blow**, que deu o ar de sua graça por aqui, falou a **Jean-Yves de Neufville** e **Ice-T**, poderoso rapper, autor de parte da trilha sonora do filme *As Cores da Violência*, conversou em Los Angeles com **José Emílio Rondeau.** Também extradançante em suas diversas encarnações, a world music aparece dissecada por **Pepe Escobar.**

Nesta edição, trazemos ainda a cédula para você eleger os melhores de 88. Seu voto é coisa séria.

José Eduardo Mendonça

Expresso do Oriente.

O Micro System Hot Stereo coloca em suas mãos o resultado da alta tecnologia Philco-Hitachi.
É o som limpo, puro, que faz sucesso nos dois lados do mundo.
O Micro System Philco-Hitachi Hot Stereo acompanha você em todos os passos.

Em casa, no agito da praia, nas danças de rua, em qualquer lugar.
São 60 watts pulsando no seu mundo, fazendo a descontração da sua vida.
O Micro System Philco-Hitachi Hot Stereo é Dual Cassette, para copiar de fita para fita, em alta velocidade (High Speed Dubbing) ou velocidade normal. É o único Auto-Reverse da sua categoria. Tem equalizador gráfico, rádio com 4 faixas e caixas destacáveis.
Não perca o Expresso do Oriente.
Reserve já o seu lugar no Micro System Philco-Hitachi Hot Stereo em um dos revendedores Philco-Hitachi.

Care
CENTRAL DE ATENDIMENTO E RELAÇÕES EXTERNAS
(011) 800-8130 DDD GRÁTIS
GRANDE SP • 941-6966

PHILCO - HITACHI

TODA EMOÇÃO DO MUNDO EM SUAS MÃOS.

PARADA

Fonte: *Cash Box* e *Billboard* (EUA), *New Musical Express* e *Melody Maker* (GB), de 5 a 26.11.88. *Para a Parada do Leitor, foram consideradas as cartas recebidas até 30.11.88.*

Rui Mendes (Abril)

Go Back coloca os Titãs em primeiro lugar na Parada

Parada do Leitor (LPs)

1 (N) *Go Back* — **Titãs** (WEA)
2 (1) *Stay on These Roads* — **A-ha** (WEA)
3 (N) *Tracy Chapman* — **Tracy Chapman** (WEA)
4 (2) *Faith* — **George Michael** (CBS)
5 (3) *Bora Bora* — **Paralamas do Sucesso** (EMI-Odeon)
6 (7) *Substance* — **New Order** (WEA)
7 (6) *Que País É Este?* — **Legião Urbana** (EMI-Odeon)
8 (4) *RPM* — **RPM** (CBS)
9 (5) *Psicoacústica* — **Ira!** (WEA)
10 (9) *Ideologia* — **Cazuza** (PolyGram)
11 (14) *Viva Hate* — **Morrissey** (EMI-Odeon)
12 (8) *Cuidado!* — **Lobão** (BMG-Ariola)
13 (12) *Carnaval* — **Barão Vermelho** (WEA)
14 (13) *Strangeways, Here We Come* — **Smiths** (WEA)
15 (N) *Lovesexy* — **Prince** (WEA)

Convenções

( ) indica a posição na parada anterior
(N) indica novidade na parada
(R) indica retorno à parada

Leitor! Sua participação é importante na Parada BIZZ!
Escreva para BIZZ, Caixa Postal 60081, CEP 05096, dizendo quais os discos que você comprou este mês. Acrescente seu nome, endereço e telefone para que possamos voltar a consultá-lo.

LPs (EUA)

1 (6) *New Jersey* — **Bon Jovi** (Mercury)
2 (1) *Appetite for Destruction* — **Guns'n'Roses** (Geffen)
3 (4) *Cocktail* — **Trilha Sonora — Vários** (Elektra)
4 (N) *Don't Be Cruel* — **Bobby Brown** (MCA)
5 (2) *Hysteria* — **Def Leppard** (Mercury)
6 (5) *Simple Pleasures* — **Bobby McFerrin** (EMI)
7 (N) *Rattle and Hum* — **U2** (Island)
8 (3) *Tracy Chapman* — **Tracy Chapman** (Elektra)
9 (7) *...And Justice for All* — **Mettalica** (Elektra)
10 (10) *Faith* — **George Michael** (Columbia)

LPs (GB)

1 (N) *Money for Nothing* — **Dire Straits** (Vertigo)
2 (N) *Rattle and Hum* — **U2** (Island)
3 (N) *Any Love* — **Luther Vandros** (Epic)
4 (4) *Kylie* — **Kylie Minogue** (PWL)
5 (N) *Watermark* — **Enya** (WEA)
6 (N) *Introspective* — **Pet Shop Boys** (Parlophone)
7 (N) *The Best of Chris Rea* — **Chris Rea** (WEA)
8 (N) *Rage* — **T'Pau** (Siren)
9 (N) *Give You the Best That I Got* — **Anita Baker** (Elektra)
10 (N) *The Greatest Hits Collection* — **Bananarama** (London)

LPs Independentes (GB)

1 (N) *Day Dream Nation* — **Sonic Youth** (Blast First)
2 (N) *Bug* — **Dinosaur Jr.** (Rhythm King)
3 (1) *Blue Bell Knoll* — **Cocteau Twins** (4AD)
4 (3) *Tender Prey* — **Nick Cave** (Mute)
5 (N) *Into the Dragon* — **Bomb the Bass** (Rhythm King)
6 (2) *Rank* — **Smiths** (Rough Trade)
7 (5) *House of Love* — **The House of Love** (Creation)
8 (8) *Kylie* — **Kylie Minogue** (PWL)
9 (4) *Nephilim* — **Fields of Nephilim** (Situation)
10 (7) *Tommy* — **The Wedding Present** (Reception)

Passe na Caixa e pegue o seu Credicard.

Depois viaje, jante fora, alugue um carro, pague a maternidade, dê presentes e faça tudo o que você quiser.

A Caixa Econômica Federal tem o cartão que tira você de casa, paga o seu jantar, aluga um carro pra você, acerta a conta do hospital, compra tudo o que você precisa e ainda organiza o seu orçamento.

Na Caixa Econômica Federal tem Credicard. O cartão de crédito que tem crédito aberto e aprovado em mais de 110 mil estabelecimentos em todo o país.

E você tem até 40 dias para pagar, o que nos dias de hoje representa uma grande vantagem.

Além disso, com o Credicard você pode parcelar até 75% do seu saldo em quantas vezes quiser, ou optar no ato da compra pelo Credicard Plus.

Na hora de pagar é você quem escolhe o dia do vencimento do seu Extrato Mensal. E a Caixa coloca à sua disposição mais de 2000 agências para você efetuar o pagamento.

Como você vê, o Credicard continua sendo o cartão de crédito mais completo e avançado do país. E é por isso que a Caixa Econômica Federal é associada à Credicard.

Porque um grande banco não oferece apenas mais um produto a seus clientes. Oferece o mais completo e avançado cartão de crédito do mercado.

CAIXA ECONÔMICA FEDERAL

AO VIVO

DURAN DURAN

Estacionamento do Capitol Records (Hollywood) 20/10/88

Os Durans fazem o show tradicional de promoção na rua, com extrema elegância e lealdade aos milhares presentes

Os Beatles atravancaram o trânsito londrino tocando no terraço de um prédio em 1969. Os Rolling Stones anunciaram a turnê de 1975 tocando do alto de um caminhão estacionado na Quinta Avenida de Nova York. O U2 deu um mini-show na praça que enfeita o centro financeiro de São Francisco e, dias mais tarde, "citou" os Beatles, gravando o clip de "Where the Streets Have No Name" no terraço de um prédio baixo em downtown L.A. A apresentação do Duran Duran no estacionamento do prédio que abriga a Capitol Records em Hollywood, portanto, tinha tradição: banda famosa faz show-relâmpago-gratuito-"secreto" (o estardalhaço da FMK ROO era tão fenomenal que só faltava caçar ouvinte no laço para "ficar mais perto dos fãs") e, no processo, ganha uma baita divulgação grauita. Mas mesmo um golpe promocional tem seu charme, e o DD utilizou a oportunidade com extrema elegância e lealdade ao público presente — mais de cinco mil pessoas.

A versão 88 do Duran x 2 mantém apenas três sócios-fundadores e é a encarnação mais funky da banda: tem um mininaipe de metais, um baterista que suinga e duas backing-vocalistas. Igualmente balançado é o repertório do recente *Big Thing* (aliás, o motivo de tanta balbúrdia na esquina de Vinte e Yuca) — "I Don't Want Your Love", o primeiro single e a música com que o DD abriu o show, é o testamento da tentativa da banda de ficar mais calorosa. Esse calor ficou evidente durante o miniset (50 minutos) apresentado à tarde, em Hollywood. Sem maquiagem, sem roupinhas exuberantes (se é que uma jaqueta pink combinando com sapatos verdes possa ser chamado de modelito discreto): a banda se apoiava exclusivamente em suas canções e em sua capacidade de reinventá-las, sem lightshow, sem fumaça de gelo seco, sem raio laser. Apenas um P.A. (alô, Leo Jaime: P.A. quer dizer "Public Adress" e não "Public Auditorium") de potência fulminante e um zilhão de hits — "Election Day", "Skin Trade", "Save a Prayer" e, o melhor, um megapoutpourri misturando "Rio", "Hungry Like the Wolf" e "Planet Earth".

Mesmo sem acesso à boca livre total oferecida à imprensa, às emissoras de rádio e TV e aos convidados, a malta ululante saboreou a tarde gratuita com Duran Duran como não conseguiria, provavelmente, na noite seguinte, quando a banda se apresentaria na boate Cocoanut Grove. Por mais íntima que pudesse ser a noite seguinte, o show ao ar livre foi inúmeras vezes mais humano.

José Emilio Rondeau

TITÃS

Olympia (SP) 29/10/88

Era o momento do reencontro. Depois da controversa participação no Festival de Montreux, a expectativa era grande. O que mudou desde que os Titãs deixaram o solo pátrio, depois da turnê de *Jesus...?* Para o público que superlotava o Olympia à espera da sua (ainda) banda preferida, a resposta era clara: nada. Ou, se mudou, mudou pra melhor — certamente, todos os hits do grupo estariam presentes num show de retrospectiva, com longa duração (26 músicas, era o que havia sido anunciado).

Para os Titãs, porém, a questão era bem outra. Com um disco ao vivo para promover, eles decidiram dar ao show o mesmo espírito do vinil: *go back*, pince do passado aquilo que interessa, faça novos arranjos, acrescente sucessos mais recentes com toques que os diferenciem das versões originais, e você tem um disco. E um show. A intenção, de acordo com os rapazes, seria a de fechar um ciclo, dando uma visão completa da carreira do grupo até agora. Resta saber como isso vai funcionar — será que existe vida para os Titãs fora dos padrões estabelecidos em *Cabeça Dinossauro* e seguidos em *Jesus...?*

No palco, a jornada regressiva dos viajantes titânicos é bem mais proveitosa do que no vinil. Toda a emoção que falta a *Go Back*, o LP, compareceu concentrada na apresentação em São Paulo. Com mais cancha de palco do que antes, os Titãs são agora capazes de performances empolgantes — casos de Branco, Arnaldo e especialmente Britto, com um domínio absoluto do espaço de palco e controle total sobre a platéia, pronta para explodir a um pequeno aceno de seus líderes. Sim, porque é isso que os Titãs significam para os adolescentes que gritam com paixão os refrões de "Polícia", "Estado Violência" e "Lugar Nenhum", para citar só alguns exemplares da linha agressiva-mas-não-muito, responsável pelo êxito do grupo.

Paulo Miklos, numa de suas exemplares apresentações, aparentemente despreocupado com o rumo dos Titãs

Embora o revezamento de vocalistas sempre tenha sido um recurso muito bem utilizado pelos Titãs, só agora é possível dizer que eles acharam a solução ideal. Com blocos menores e uma divisão menos ortodoxa (cada vocalista assumindo o papel de *frontman* em pelo menos dois momentos diferentes), o show ganhou em ritmo e coesão — não se fica mais com a sensação de estar assistindo ao "bloco do Arnaldo", ao "bloco do Britto", e assim por diante. Já as covers incorporadas a músicas como "Diversão" ("Satisfaction") e "Desordem" ("Que País É Este?") funcionam como uma faca de dois gumes: à virtude da surpresa inicial se opõe o pecado imperdoável da repetição, que torna o recurso previsível e, portanto, cansativo. É tudo uma questão de tempo e criatividade...

A seqüência montada para a noite é memorável, não deixando um segundo sequer para que a platéia tome fôlego. Mesmo a trilogia reggae resgatada pelos dois primeiros discos ("Não Vou Me Adaptar", "Marvin" e o sucesso radiofônico "Go Back") acaba funcionando, encaixada entre números infalíveis, como "O Quê"/"Comida" (no novo arranjo, fundidas numa só) e "Corações e Mentes". Mas o que arrebata mesmo o público são os hits de protesto, de "AAUU" (a mais aplaudida da noite) a "Lugar Nenhum", passando pelas catárticas "Porrada" e "Bichos Escrotos".

Os Titãs têm um lugar garantido dentro do atual cenário do rock brasileiro. E este talvez seja o seu maior problema — é de se esperar que, ao "fechar um ciclo", eles procurem um novo caminho, e tentem se livrar do estigma que eles mesmos escolheram, a partir do lançamento de *Cabeça...* Mas é justamente essa marca que os mantém como uma unidade indivisível e de identidade única no (cada vez mais) fechado mercado do rock brasileiro. Qual é a saída?

Marisa Adán Gil

DULCE QUENTAL

AeroAnta (SP) 29/10/88

Mais uma boa inclusão no time das intérpretes brasileiras, Dulce sabe cantar grande com sua voz pequena

Uma coisa ninguém pode negar em relaçao a Dulce Quental — seu espirito bandeirante, capaz de descobrir talentos antes de se tornarem consagrados. Primeiro, seu novo LP traz pelo menos uma surpresa: a gravaçao de "Terra de Gigantes", de Humberto Gessinger, num momento em que a música mal frequentava as radios. Segundo, quando se abriram as cortinas do AeroAnta e vi, lá, no palco, Rocco (bateria, também Tokyo) e Beto Burger (baixo, também Nau). Ou seja: buscar sangue novo para si propria, alimentando-se da nova geração, ja faz Dulce marcar um ponto nessa sua nova investida.

Mas o público, pelo menos em parte, nao deixou de deflagrar suas criticas ao chamar Marina ao palco no lugar de Dulce. "Esta é a São Paulo que eu conheço", largou a fragil garota. Só por isso Dulce poderia ter titubeado. Mas, que nada! Segurou firme e cantou ate o final, com direito a pedidos de bis e tudo o mais.

Falar de Dulce Quental neste universo tao esquizofrênico no qual vive a nossa música é um pouco dificil. Portadora de uma personalidade pra lá de sincera e até ingênua, Dulce caminha para a música pop nativa ao mesmo tempo que abre trincheiras num contexto intruncado: o da intérprete brasileira com quem pode partilhar o anonimato junto a pessoas de alto calibre, como Vânia Bastos, Ná Ozzetti, Cida Moreira, Suzanna Salles etc... Sem falar na própria Marina — à parte — e os medalhões Bethânia e Gal. Uma vozinha que, de fato, lembra um pouco Marina — eu diria uma mistura de Marina com Nara Leao — e uma timida presença de palco, segura, em grande parte, pelo forte acompanhamento da banda, claramente disposta a dar tudo por ela. O que aqui poderia parecer menor — timidez e fio de voz — pode muito bem ser uma grande qualidade, como foi para Nara Leao em seus tempos.

Assim considerando, fecho os olhos para a atual situaçao da nossa música, esqueço que Dulce optou por um repertorio que, apesar de ser de primeira linha, está direcionado para um pop disposto a entrar no pastiche das radios, concebido pela direção musical de Dino Vicente — aquele mesmo que pasteurizou Amigo Barnabé, mas que com Dulce Quental se deu melhor, pois sua intençao é bem mais pop que a de Amigo. Enfim parto de fazer consideraçoes, fecho os olhos, deixo sua fina e sincera voz entrar pelos ouvidos, ouço a competência da banda, sinto o repertorio — e destaco algumas cançoes sensiveis, como "Onde Mora o Amor", "Inocência do Prazer", "Caleidoscópio" e "Terra de Gigantes" — e penso que nao da para ficar chorando o tempo todo sobre o leite derramado. Personalidades como a dela fazem falta no cenário pop brasileiro e são bem-vindas.

Sônia Maia

Uma geração que estava no pinadno no tempo de Bobby vai ver o filho Ziggy, invasor de paradas no mundo todo

ZIGGY MARLEY & MELODY MAKERS

Universal Amphitheatre (Los Angeles) 27/09/88

Primeiro chegaram os rastafaris louros, cabelo parafinado e chinelão de dedo (juro que vi mais de um pé sujo de areia nos rubros tapetes do luxuoso anfiteatro). Depois, as meninas de bata de batik e os rapazes de camiseta tie-dye, quase sempre nas cores rituais — verde-amarelo-vermelho —, muitas vezes com a ainda mais ritual bolinha de crochê. Uma geral na média de idade não deixava duvida: com raras exceções ali estava uma geração que cursava primario (ou o jardim de infância), quando Bob Marley pregou seu evangelho reggae pelo mundo. Nao vinham para ver o pai, vinham para ver o filho que, num feito arrebatador, tomou de assalto radios, paradas e MTV neste verão-outono, com sua versão mais pop, mais *light*, mas integra da musica que foi o apostolado de Bob. Por conta disso — e do charme de Ziggy, mais a impecável eficiência da banda —, o que se viu no anfiteatro da Universal foi um pouco mais que uma festa consciente (que é o titulo do LP de Ziggy): foi uma alegre celebração do poder de fogo do reggae numa terra que ignora o resto do mundo (até que o resto do mundo venha invadir suas cidades, mas isso ja é outra historia).

A banda merece um capitulo so seu — pelas bençaos de Jah. Ziggy não apenas herdou a voz e o talento do pai, mas tambem seus musicos, capitaneados pelo insuperavel Aston 'Family Man' Barrett. Isso significa altissima qualidade sempre, e algumas notas à parte sobre a evoluçao do estilo: como o reggae que os ex-Wailers fazem hoje para Ziggy é, ao mesmo tempo, mais pesado (no sentido de mais rock) e mais leve (no sentido de mais rápido) do que o que faziam sob a inspiraçao e liderança de Bob.

As comparações sao irresistiveis, mas Ziggy, com nobreza, passa à margem delas e impoe seu estilo, suas canções. Nao, nao se trata do desenho claro do texto contundente de Bob — e, quando ele canta uma única cançao do pai, a veemente "War" (do LP *Rastaman Vibration*, isso fica muito claro —, trata-se de reggae de adolescentes, cheio das melhores intenções, as vezes esparso, mas sempre vigoroso e alegre. Um reggae para o futuro, para as novas gerações, celebrando sua própria longevidade.

Ana Maria Bahiana

DEREK B/PUBLIC ENEMY/RUN-DMC

Palatrussardi (Milão) 28/10/88

Run-DMC: xingamentos, mal tratos e perversidade. A relação sado-masô é um pacto tácito que os dois hipopótamos Def fazem questão de manter com sua platéia

Max Roach é um dos bateristas máximos do jazz moderno. Vejamos seu juízo em relação ao hip hop: "Vive no mundo dos sons, não no mundo da música. Por isso é revolucionário. O povo negro sempre demonstrou que o mundo dos sons é muito mais amplo que o da música, e que nem tudo deve cair necessariamente sob as habituais definições da música ocidental".

[illegible]rta para excesso de ruído, bazucas e reduzindo o [illegible] a comatosos, guerrilha de informação, implosão da ética e da estética rock, scratch do apocalipse: uma verdadeira *posse in effect*, o próprio Armageddon em [illegible].

Não estamos no Bronx ou na Brixton londrina — mas mesmo na Milão da burguesia hiper-capitalista os sons do palco e da platéia entram em clash, configuram um diverso ha[illegible] de dinamite: cada urro do público é uma nota a acrescentar a *performance in progress*. Hip hop é tudo, guerra de slogans, era [illegible] mas é, acima de tudo, um *work in progress*.

A biblioteca básica dos b-boys em linha de fuga não contém — é claro — James Joyce ou William Burroughs. Mas as técnicas literárias aplicadas aos sons — são as mesmas [illegible] [illegible] todos [illegible] crossover [illegible] e cut-up, usando Malcolm X, o pantera negra Eldridge Cleaver, Richard Wright, o pastor muçulmano [illegible] Louis Farrakhan como sementes [illegible] de um imaginário violento povoado de [illegible] e super-heróis.

Derek B., londrino, não se alia à linha [illegible] do rap. Marteia no egoísmo auto-complacente, megalomano, sexista — de resto o vocabulário-chave do rap-pastiche na linha "quem gritar mais alto, leva". A impressão causada pelo blah-blah-blah de DB é reafirmada por notória fonte das ruas londrinas: [illegible] Nash, black de Gana, Mr. Cool em pessoa. [illegible] total. Salva-se seu DJ [illegible] capaz de levantar sobrancelhas com sua performance [illegible] ao som de "It Takes Two" de Rob Base, scratchado com o cotovelo, o pé [illegible] traseiro, de ponta-cabeça e variações afins [illegible] anexas.

Public Enemy é uma bateria de Marshalls do empenho social do rap. Quando entra em cena o professor Griff — o ministro da informação — com uniforme paramilitar, acompanhado de membros da Segurança do Primeiro Mundo, com seus Uzis de plástico, a escala Umberto Eco de sem[illegible] a ambiental estoura no vermelho. A maior banda do mundo em 1988, a que possui a maior capacidade de provocar polêmica, a que tem mais a dizer — seja brilhante intuição ou demência terminal — é um molotov incendiário de história da soul music, ruído puro, poesia de rua, filosofia Pantera Negra e razões históricas da negritude muçulmana. Ritmo [illegible] B — o bumerangue letal de 500 milhões de dólares da Força Aérea americana, o bombardeiro para acabar com todos os bombardeiros, mísseis, baterias antiaéreas etc. Chuck D, o profeta da [illegible] das nações. Flavor Flav, com o eterno maxi-relógio marcando o tempo pendurado no pescoço [illegible] people what time [illegible], boyeeeee [illegible] [illegible] Terminador X [illegible] — [illegible] "Don't Believe the Hype", "Black Steel in the Hour of Chaos", "Rebel Without a Pause", "Bring the Noise". Apoteose do slogan [illegible] consciência [illegible] mesmo quando desarmados — porque fazem [illegible] [illegible].

Depois [illegible] público, Run, DMC e Jam Master Jay [illegible] James Taylor com scratch. Dois hipopótamos b-boys Def Jam seguem as regras de [illegible] do passe — como "Cérebros de Nádegas". Run e DMC sempre induzem em perversidades com suas platéias. Tratam "[illegible]" [illegible] A relação sado-masô com a audiência é um pacto [illegible]. Depois de [illegible] violência [illegible] passional, apenas verbal, carregam as baterias para "[illegible]", "Mary Mary" ou "Raising Hell". D[illegible]são na platéia — até mesmo entre os rappers de butique milaneses. Fecham com o "clássico" — "Walk This Way", [illegible] da absorção do hip hop por uma faixa considerável da Grande e Indiferente Massa Branca. Voltam todos — DB, os Enemies — para um [illegible] [illegible] uma performance com [illegible] Dos clubes espalhados pela América, outdoors mais ou menos [illegible] em Londres, Berlim, Hamburgo, Amsterdam. Mesmo assim a mensagem dos rebeldes sem pausa atravessam os [illegible] da cabeça de cada membro [illegible] antenas parabólicas do consenso. Da próxima vez, a revolução não será televisada.

Pepe Escobar

Public Enemy, aqui, sem uniformes paramilitares, mas tão incisivos quanto no show para a burguesia milanesa

HERBIE HANCOCK

Orfeo (Milão) 10/11/88

Herbie Hancock sempre foi um prodígio. Este produto de uma Chicago de blues e gangsters assinou seu primeiro "ao vivo" com 11 aninhos — sob o peso da música clássica, no início dos anos 50. Herb é versátil. É imprevisível. Mas não é um gênio. Atravessou todas as variações de linguagem de piano. Colaborou com o grande Dexter. Colaborou — durante 5 anos — com o Lúcifer do trompete. Erigiu um catálogo de experimentações eletrônicas. Fez discos acústicos com Chick Corea, jazz-rock, fusões supersônicas. Descobriu e protegeu Wynton Marsalis — a grande esperança café-com-leite de uma jazz revival. Forjou a trilha sonora de *Round Midnight* — a bíblia cinematográfica do *jazz* revival, com a qual ganhou um Oscar. Transportou funk bêbado de tecnologia a uma pista de dança interplanetária em *Future Shock*. Continua divertindo-se entre diversões eletrônicas de luxo e os rigores dos principais festivais de jazz do planeta. Mas Herb — apesar de um killer-currículo não é um gênio.

Uma noite com o Príncipe das Trevas, Miles, em lua negativa, pelo menos nos rende espasmos de gênio. Neste análogo caso milanês, com Herb, rende tédio. Banda competente: Greg Osby (sax), Buster Williams (baixo) e Al Foster (baterista *extraordinaire*). Um teórico super-quarteto. A sofisticação pianística de Herb dispensa comentários. Mas e sua motivação? Performance lenta, desfibrada, extenuada — totalmente desprovida de tensão e rigor. "Maiden Voyage", o antológico "Round Midnight" de Monk, até mesmo o formidável "Skating in Central Park" que fecha *Blow Up*, de Antonioni, afiguram-se — no máximo — como melodias perfeitas esparsas ao vento, dissipadas por excesso de verniz, por uma ânsia de música completamente saciada.

A última coisa que se pode predicar a um quarteto de jazz é "moderação". Moderar seu fogo, aplacar suas justaposições. A menos que essa "moderação" seja resultado de um profundo refinamento intelectual. Não é o caso de Herb — que não é Miles nem Monk. Herb possui uma mente de precisão admirável, é capaz de trabalhar o inteiro universo jazz com o escrúpulo minucioso dedicado a um objeto de artesanato. O que parece ter esquecido — espera-se só por enquanto — é como se guiar as ambições, os desejos e as mais transgressivas linhas de fuga deste mesmo universo.

Pepe Escobar

A química cool de soul comedido de uma mulata esguia, de voz rouca e sedutora: sabe mais para ouvir do que ser vista

SADE

Universal Amphitheatre (Los Angeles) 18/10/88

Sade atrasou sua entrada em cena por longos, torturantes sessenta minutos. Uma hora de atraso, sacrilégio em qualquer bíblia do showbiz, mais ainda nos Estados Unidos, onde os sindicatos ficam "doidim" de alegria quando fazem pagar hora extra a seus associados. Curiosamente, tampouco a platéia parecia interessada na razão da demora da estrela principal da noite. Pelo menos um terço do público do Universal Amphitheatre estava atracado com pipocas, cerveja, cachorros-quentes e champanhe vagabunda, colado na telinha da mini-TV do bar que transmitia um jogo decisivo do campeonato norte-americano de beisebol. Só quando o juiz decretou o fim da partida, a malta retornou a seus assentos.

Mas o atraso de Sade e seu afiado octeto foi perdoado quando ativaram a química cool de soul comedido que caracteriza o repertório dessa mulata esguia, de voz rouca e sedutora. Pescando faixas dos seus três álbuns, Sade concentrou a atenção no mais recente, *Stronger Than Pride*. A abertura, com "Paradise", estabeleceu o tom da noite — ritmos precisos, enganchados numa levada hipnótica, costurados por melodias sinuosas. Sade — num modelito de inspiração indiana todo em branco — regia a banda com gestos elegantes mas frágeis. Vez por outra — como em "Nothing Can Come Between Us" —, ela sentava-se na beira do praticável da bateria e entoava a canção com o distanciamento de uma arqueóloga, traindo uma frieza desconcertante que, por descuido, transformara a experiência de um show ao vivo tão "quente" quanto a audição de um CD imaculado.

Apesar de todos os insubstituíveis méritos dos shows ao vivo, Sade é uma artista para ser ouvida, mais do que vista. Ela praticamente não reagiu à reação da platéia e só atendeu a um único pedido de bis: "Smooth Operator".

José Emílio Rondeau

TIM MAIA

Palace (SP) 27/10/88

Tim Maia possui uma voz de timbre inconfundível, capaz de ser identificada ao primeiro compasso até por quem mal o conhece — se é que esse alguém existe. Potente, brilhante e dotada de extensa tessitura, esta voz conquista os corações femininos em baladas que, com uma incrível sutileza, têm seus refrões decorados — de imediato — por milhares de ouvidos que se colam ao rádio. Mas o charme de Tim não para em sua voz. Ele parece respirar música por todos os poros, mesmo transbordando de suor. E, além de melodia, Tim é ritmo. A abertura de seu show segue o estilo adotado por figuras como B.B. King e James Brown, com a cortina subindo ao embalo de um pulsante tema instrumental, enquanto a Banda Vitória Régia é apresentada por uma gracinha de mestre de cerimônias.

Quando Tim sobe ao palco, seu comportamento é digno de um maestro. Além de coordenar cada ataque de sua banda, intervir na cozinha mostrando seu talento para percussão e exigir do técnico de som o ajuste exato para cada instrumento, Tim Maia rege um imenso coral: sua platéia. Há quem se queixe do perfeccionismo exagerado deste maestro, mas seus insistentes pedidos de eco e retorno na voz fazem parte de sua performance e, obviamente, visam aproximar o máximo possível o que é apresentado ao vivo do que é ouvido em disco. Toda a platéia parece muito familiarizada com seus discos, pois não há dois versos seguidos de qualquer uma de suas canções que não sejam acompanhados por este coro. Suas lentas preces de amor fornecem o descanso necessário para que a platéia recupere o fôlego perdido a cada funk — e haja fôlego para acompanhar "Do Leme ao Pontal", "O Descobridor dos Sete Mares", "Você e Eu, Eu e Você (Juntinhos)" no passo do ídolo. Embora rígido com o suporte técnico e mesmo com os músicos, Tim é flexível na hora de atender aos pedidos dos fãs. Alternando a ordem das músicas de acordo com os gritos da platéia, é capaz de emendar "Gostava Tanto de Você", "Primavera" e "Você", subvertendo a ordem predeterminada do repertório escolhido para o show. Mas a empolgação evidente da platéia não foi suficiente para trazer Tim Maia de volta ao palco após o encerramento com "Vale Tudo". Não houve bis, talvez por falta de eco no momento do coro pedir seu retorno.

Celso Masson

O charme de Tim Maia não pára em sua voz fonotrônica: ele simplesmente transpira música por todos os poros

IRA!

Concha Acústica do TCA (Salvador) 24/09/88

Não se pode compreender o Ira! sem os sentimentos de sinceridade e emoção que sua música sempre passou. Estes quesitos, aliados à habitual competência, estiveram presentes na terceira vinda do Ira! à capital baiana, mostrando que a banda continua sendo a que melhor traduz o espírito rocker paulistano. E três mil nirvanianos espectadores cantaram a dança desse reencontro de quase dois anos de ausência.

A balada hard "Rubro Zorro" abriu o show, centrado basicamente no repertório do último álbum mas com incursões a hits e pérolas antigas como "Flores em Você" e "Dias de Luta" (esta última cantada em coro pela galera: "Se hoje canto essa canção o que cantarei depois/ Cantar depois... O quê?"). "Manhãs de Domingo" — remake para o futuro de "Casa de Papel" e "Nas Ruas" — mostrou, como se viu por toda a noite, que Mr. Scandurra não precisa mais ser citado como o melhor guitarrista do rock brasileiro (e segundo o "fellismano" Thomas Pappon, um dos melhores do mundo), pois já é *hors concours*. Guitarras pesadas para a voz de Nasi, cada vez melhor e muito distante das desafinações dos velhos tempos. Para não cometer injustiças, Gaspa (baixo) e André Jung (bateria) mantêm o nível desse grupo que mostra cada vez mais uma unidade e sintonia ímpares. Não há vilão nessa história.

Diante do clima aspiralmente crescente, era quase que impossível manter o corpo e a cabeça parados, mesmo porque o coração tem razões que a emoção conhece. E ver Edgar alucinado em "Farto" é pedir para que o momento pare e se cristalize. Como muito é muito pouco, veio uma seqüência no estilo "possível romance numa praia da Bahia" "Mesmo Distante", "Envelheço na Cidade" e "Receita Para Se Fazer um Herói", o atual sucesso da rapeize nas FMs locais. Outro ponto para o Ira! é a incrível capacidade da banda em mudar andamentos que resultam em novos arranjos geniais, sem falar que o swing percussivo já dá para se notar numa boa.

Hagamenon Brito

GOLPE DE ESTADO

Dama Xoc (SP) 23/10/88

O cotidiano na porrada sonora: sem tomar fôlego

Num domingo quente de lua cheia fui conferir como se portaria um grupo de hard-heavy-blues numa casa do dito circuito pop noturno paulistano. Lá chegando, fiquei temeroso com a presença de pouco público num local amplo mas com palco e som ideais para o estilo do Golpe. Para o quarteto isso é relativo — com muita presença e raça mostraram como nunca seu trampo atual. Aos primeiros acordes da guitarra de Hélcio e do baixo de Nelson em "Pra Conferir", as luzes começaram a trabalhar e o público aproximou-se da banda. Tinha mais público do que no show do Church, que estava no Projeto SP naqueles dias. O vocalista Catalau desceu do forro para as caixas e foi dançando para o centro do palco. O poder do som e a presença de Catalau prenderam o tempo todo as atenções de todos: o bar esvaziou e até as bar-women passaram a curtir. Sem dar fôlego, o Golpe foi desfilando os temas mais fortes de seus dois LPs: "Noite de Balada", "Forçando a Barra", "Terra de Ninguém", com letras e interpretação debochadas que falam do cotidiano de um Brasil atual. Hélcio desfila uma gama de riffs e solos melodiosos sem se preocupar com a rapidez tão decantada por outros grupos nos tempos atuais. Paulo Zinner desce o braço à vontade, com nitidez — usando bastante os couros e deixando pouco para a estridência dos pratos —, enquanto Nelson Brito faz um trabalho desvinculado das costumeiras linhas de baixo, o que deixa Paulo mais à vontade. Em "Olhos de Guerra", Catalau deixa de lado suas corridinhas de marcha à ré, desce do palco e vai cantar numa arquibancada lateral. "Muito Chefe para Pouco Índio" tem solo arrasador de Paulão. Catalau faz então o público cantar e dançar em "Onde Há Fumaça Há Fogo". Na sequência é convidado o guitarrista André Christovam para participar de "Moon Dog" (um blues hipereletropesado) e enquanto sola com Hélcio, Nelson e Paulo cavocam com fúria. André fica para o final, enquanto Catalau volta a dançar sobre as caixas em "Libertação Feminina". Branco (Titãs) está curtindo tudo no meio da platéia. Saem e voltam para um bis (a pedidos mesmo) com "Sem Ser Vulgar" e com tradicional distribuição de baquetas e palhetas. E quem não conhecia a porrada sonora do Golpe já sabe que esse tipo de som pode existir numa boa versão por aqui. E eu voltei para casa satisfeito com tudo, menos com o público, que poderia ser maior, compensando o suor da banda.

Leopoldo Rey

ENGENHEIROS DO HAWAII E BARÃO VERMELHO

Clube Português (Recife) 14/10/88

O show que os Engenheiros do Hawaii deram no Recife provou que os gaúchos saíram dos pampas dispostos a botar fogo no calor sufocante da cidade. Concederam ao Barão Vermelho a "honra" de encerrar a noite mas resolveram disputar o troféu de quem toca mais alto e com mais eficiência.

Com uma hora de atraso, entram os Engenheiros atacando de "Longe Demais das Capitais", com Humberto mudando a letra e citando Recife e Porto Alegre. A identificação com o público não poderia ser mais imediata. Ao reconhecer os hits, o pessoal dançava delirantemente. Mas, quando ao final de cada música Augusto estraçalhava sua guitarra, era possível ver a decepção no rosto da moçada, mal acostumada com o som das FMs. Os Engenheiros faziam um show competente, sem papo-furado, jogando na bola.

Vieram "Segurança", "A Revolta dos Dândis I" e a "Infinita Highway", com todo mundo cantando junto. Carlos Maltz explodia a bateria. Humberto Gessinger dava conta do recado no baixo e se preocupava muito em balançar o cabelo formando uma longa franja para instigar as meninminhas.

Ele apresentou a banda tocando "Take a Walk on the Wild Side", de Lou Reed, que passou completamente despercebida pelo público. "Terra de Gigantes" com duas guitarras, um dos momentos mais bonitos do show e que sintetiza a música do grupo: uma mistura de futilidade e refinamento, sentimentos nobres e vulgares. Tocaram ainda "Ouça o que Eu Digo; Não Ouça Ninguém", do novo LP. No bis, atacaram de "A Revolta dos Dândis II" e "Toda Forma de Poder".

Lá pela uma da manhã, subiu ao palco o Barão Vermelho. E a festa ficou mais pesada. Como se não bastasse a guitarra do Frejat, o simpático grandalhão Fernando Magalhães cuidou da base: pauleira total. Dé fez o que pôde com o baixo e Guto atacou a bateria sem novidades. Frejat apresentou Peninha, o percussionista, como "a pimenta do nosso som". Lá na frente era o mais puro e deslavado hard-rock, talvez o show mais pesado que a província de Pernambuco já (ou)viu. Nas músicas do LP *Carnaval*, ainda desconhecidas, não houve muito entusiasmo da platéia. A coisa começou a esquentar no hit "Pense e Dance", em "Torre de Babel" e, principalmente, em "Beth Balanço". A madrugada avançou ao som de blues e rocks básicos (inclusive aquele riff de "Satisfaction"). Às 2h15 o bis veio com "Pro Dia Nascer Feliz", a apoteose total. Quem só gosta de pop saiu meio assustado. Quem gosta de rock saiu com a alma lavada.

Marcelo Abreu

ROCK BRASIL 89

OLHO POR OLHO DENTE POR DENTE

Imprensado entre o pop, o brega e a armação, o rock brasileiro olha o horizonte sem candidez. A convite de BIZZ, diversos membros da linha de frente contribuem com suas opiniões e dão, em primeira mão, um panorama de como a próxima escalada poderá ser feita

No exato momento em que a primeira lauda desta matéria entrava na máquina (dia 16 de novembro de 1988) configurava-se um novo horizonte político para o país. O terror pelo qual passou a cidade de São Paulo — num fenômeno só comparável às *n* ressuscitações de Jason nas *n* releituras de *Sexta Feira, 13* — parece ter chegado ao fim. Maluf, Quércia & Cia. estão definitivamente enterrados.

89 adentra os últimos dez anos antes da chegada do século 21 com uma esperança renovada para o Brasil. E o que isso tem a ver com rock'n'roll? Tudo. Embora não estivesse em pauta durante as entrevistas a política em si, os roqueiros, direta ou indiretamente, pontuaram seus depoimentos com essa questão: de um lado, a situação econômica que o país atravessa e que, como em todos os momentos de crise num país de Terceiro Mundo, atinge, de forma cruel, a cultura; de outro, as eleições diretas para a Presidência este ano. Carlos Maltz, dos Engenheiros do Hawaii, não perdeu a oportunidade de mencionar este assunto: "Este ano é importante porque as pessoas vão ter de se definir, deixar a frescura de lado, dizer para quem estão torcendo e botar a mão".

89 configura-se, também, como o ano em que o rock brasileiro praticamente completa dez anos desde sua invasão. Sim, porque apesar de ele ter acontecido no *mainstream* em 82 — com Blitz, Barão etc — já formava seus embriões com três ou quatro anos de antecedência. E a pergunta que visitou a imprensa em geral durante este período, através dos críticos mais céticos do país, era sempre a mesma: a que ele vem? Para onde ele vai? Que rock é esse? Renato Russo, talvez pela sua própria história — ele passou por todos os estágios inerentes ao rock da *garage band* às garrafadas em meio a 40 mil pessoas —, mostra-se um tanto cético mas cheio de lucidez. Ele ganhou as aspas na abertura oficial desta matéria, pois seu depoimento, de certa forma, resume as intenções primeiras implícitas na maioria dos grupos dessa nova geração, além de apontar muito bem em que era nós estamos. Ou seja, o que foram (são) os anos 80.

"A gente veio com a garra dos anos 60 e esbarrou numa estrutura anos 80, consumista, de garoto consumista... Existem as ideias por trás e elas esbarram no consumo. John Lydon e Morrissey já disseram que o rock morreu. Eu tendo a concordar com isso. Pego hoje a minha *Melody Maker* e não vejo nada de interessante. Até Sugarcubes é uma droga. Qual foi a última coisa nova? Eu não vi. Os anos 80 foram tão esquisitos... Não tem muita orgia em cima nem mais muito mistério. Hoje você sabe exatamente o que está por trás do quê. Sabe quanto o Michael Jackson ganhou, embora seja muito bonita a propaganda da Pepsi. Quando ouço R.E.M.

sei exatamente o que estão fazendo — contrato milionário. Antes você não sabia dessas coisas. A assinatura dos Sex Pistols com a EMI não era uma coisa muito divulgada. Hoje a imprensa explica tintim por tintim. Sei tudo o que vou ouvir no último disco do U2. Isso é típico dos anos 80. O DeFalla, por exemplo, que é superlegal, original, o Edu K. é um louco das idéias — coisa de que estamos precisando —, não vinga por causa dessa estrutura. Não dá mais para ser cult band. Se ainda há público inocente é porque é desinformado. A partir do momento em que se informa, deixa de ser inocente."

Mas tudo é um mar de espinhos? O rock perdeu sua importância? Renato Russo prossegue: "No Brasil rock é atrativo para garoto de classe média como opção de vida. Tipo o pai enchendo o saco dele: 'Vai ser advogado? Engenheiro?' E ele respondeu: 'Não, vou ser roqueiro'. Ninguém *vai ser, é*. Fica difícil construir no Brasil alguma coisa porque aqui há muito pouca informação. Lá fora o rock não mudou o mundo, mas foram feitas certas coisas. Mudou a forma de pensar das pessoas. O racismo continua, mas está longe de ser pensado como era nos anos 50. Independente de qualquer coisa, a música é um veículo muito importante — como Caetano dizia: 'Como é bom poder tocar um instrumento'. E tem o lance da idade, também". Renato seria, nesse ponto, involuntariamente completado por Carlos Maltz, em outra ligação telefônica: "Já estamos todos velhos".

"Não há mais um frenesi nacional"

Por que Rimbaud parou de escrever com 18 anos e foi ser traficante de armas na África?", pergunta Renato. "Nunca mais vou escrever 'Geração Coca-Cola'. Era uma coisa de momento. Mas querer ter muita certeza não leva a muita coisa. Tem que ter algo para apoquentar. Rock hoje para mim é importante porque, quando estou sozinho, pego meu disco favorito, ponho na vitrola, relembro, penso e até danço. O que conta nem é a história, mas o que está no vinil, que se torna seu, foi feito para você." Depois deste desabafo, ele nao deixa de querer ver uma luz no fim do túnel: "Como eu queria que alguma coisa nova acontecesse! Gostaria que aparecesse um bando de jovens dizendo para nós, Titãs, Paralamas..., 'Não acreditamos em nada do que vocês falam e vamos mudar tudo'. Pode acontecer. Talvez esse momento seja como 74/75, quando disseram que os Beatles tinham acabado e foi a partir daí que se configurou um novo cenário para o rock. Será que estamos nesse momento?"

Pode ser. Mas a renovação vai depender, também, de mudanças na mídia radiofônica — uma das mais importantes, senão a mais importante para a música —, embalada por uma programação viciosa. Será que ninguém enjoa do velho locutor de rádio dizendo: "Aí, gatinha, isso é sucesso!", como apontou muito bem Marcelo Nova? E a primeira questão colocada aos roqueiros foi justamente esta, como vocês se sentem fazendo rock junto a este outro segmento que se consolidou definitivamente em 88, ou seja, o brega e a música de armação?

Na verdade, poucos se importam com o fato, já que a maioria atesta fazer música independente do que toca no rádio, independente do público, música para si, dentro de sua ideologia, intenção etc. Destrinchando este raciocínio, pinçamos alguns depoimentos, como este, de Carlos Maltz: "Em primeiro lugar tem um fator superbrega na medida em que os caras fazem chantagem emocional. Me parece que isso está instituído no Brasil. É como na época da ditadura — na música atacam pelo que há de mais baixo: 'Você me deixou'. Acho que há caras quentes fazendo isso, sinceros, como Roberto Carlos, que é o único que posso citar porque não sou muito chegado nesse tipo de música. Em segundo: houve uma explosão do rock e o Brasil sempre funcionou explosivamente. O que tem de estranho não é o que está acontecendo agora, mas o que aconteceu antes — todo mundo ficou a fim de banda, a fim de rock, rock na novela etc. Isso dilui. As bandas, em si, não têm interesse nisso. Acho que o movimento está atingindo seu devido lugar, um público estável. Deixou de ser 'frenesi nacional'." Com o que concorda Edgard Scandurra, do Ira!, para quem o grande inimigo do rock nem chega a ser o brega, e sim o pop. "São pessoas que se vendem como rock. O rock é simples, uma música espontânea. O verdadeiro rock é aquele que não tem uma superprodução de Madonna. Com exceção do Led Zeppelin, não conheço nenhuma banda que tenha seguido seus princípios desde o começo e tenha virado sucesso estrondoso. O brega nunca vai tocar numa rádio de rock, ao passo que o pop sim, porque tem uma guitarrinha, uma bateria, os mesmos instrumentos do rock.

Fernando Schlaepfer

Lobão: "Nada detém uma pessoa feliz"

WEA

Edgard Scandurra, do Ira!, acredita que o pop apertou as possibilidades do rock

De fato, o que se tem notado é que as ditas rádios alternativas, rádios-rock, estão cada vez mais pops, mais populares. O rock perdeu o espaço conquistado, e apenas as bandas do primeiro time frequentam, com uma certa assiduidade, as programações mais ortodoxas das FMs em geral. Como conviver com isso? Que canais restam para as bandas divulgarem seu trabalho? A maioria dos roqueiros respondeu em coro: show. Além disso, todos são unânimes em afirmar que, se qualquer banda se dispuser a fazer um trabalho voltado para o rádio, está fadada a se f*, literalmente. Solução? Marcelo Nova diz: "Se a porta da frente está fechada, entre pela dos fundos". Mas como? Clemente, dos Inocentes, afirma que "quem vai substituir a FM é a alternativa. Só falta AM virar alternativa..." Completando o raciocínio de Clemente, Gutje, da Plebe, declara: "Imagine se as bandas se virassem para a AM? Pô, eu ficaria supersatisfeito de ver 'A Serra' tocando na AM. O cara na estradinha de terra, de côcoras, com seu radinho de pilha ouvindo a Plebe. Ia ser o máximo! Seria muito melhor que cem garotões de Escort ouvindo nossas músicas". Outro depoimento lúcido foi o de Frejat, do Barão Vermelho, que notou aspectos importantes para as programações de rádio: "É essencial que não toquem apenas a última novidade. Poucas rádios de rock no Brasil tocam Doors, The Who, Jimi Hendrix, Animals — que são essenciais para entender a história do rock'n'roll. Você não tem a metade da informação de que necessita para poder reciclar, porque o rock nunca teve uma característica de originalidade — ele é calcado na reciclagem de coisas. O que falta no rádio é isso — história. E a base de tudo. Até para odiarem o Led Zeppelin e fazerem surgir o punk". E mais. "Quem ouvia Raul Seixas e Mutantes na época deve estar hoje ouvindo Simone, porque não se recicla, não se recolocam essas coisas."

"A história faz falta no rádio"

Edgard Scandurra acha que o rádio está horrível: "A virada para o pop das chamadas rádios-rock trouxe para elas músicas que deveriam estar inseridas em outro contexto. O caso das Mercenárias é um exemplo perfeito. Para prosseguir seu trabalho elas precisavam no mínimo, ter uma música sua tocando nas rádios de rock. O que aconteceu com o *boom* do brega foi isso — apertou as oportunidades. O INXS, que é pop, e não toca nas outras rádios, foi para a 89 (FM de São Paulo) e tomou espaço das Mercenárias, por exemplo. Eles deveriam tocar nas rádios em que se toca Rosana." Edgard ainda acrescenta, respeitosamente: "As Mercenárias acabaram, mas vão ter um nome no futuro superlindo. É uma banda que vai fazer história no rock mais que uma banda de sucesso. O fato de uma banda fazer sucesso não significa que ela melhorou artisticamente. Eu tenho uma visão que parece meio pessimista, mas é a realidade. Vi uma banda no Madame Satã outro dia, chamada Faces e Fases, e foi do caceta. Me lembrei do começo do Ira!, que é a parte mais importante da carreira — o início. Isso faz falta. O show do Faces, com apenas um holofote, me agradou muito mais do que os de rock que eu vi no Olympia."

Carlos Maltz já acha que as rádios que estão em posições menos privilegiadas deveriam deixar de ser babacas e jogar numa outra corrente, em vez de bater na mesma tecla. "Os donos são muito caga hões", diz ele. "É um pouco suja essa posição comercial da jogada. Os caras não são amantes da arte e é besteira achar diferente. Tenho certeza de que todas as bandas que tocavam nas garagens nem sacavam esse esquema todo. Com a gente foi assim. Você não pode deixar de lado as tuas leis para seguir as que não são tuas. As bandas têm de seguir o caminho inicial — o que as levou a tocar na garagem." No que todos os entrevistados parecem concordar em gênero, número e grau. E Edgard Scandurra aponta, fechando a questão: "Acho que há bandas que estão perdendo um pouco essa coisa (da garagem). Se dizem os donos da verdade são os tais, tiram foto com Chico Buarque e acham que estão lá em cima. Esta é a arma dos fracos. Retomando a simplicidade acho que a gente sobrevive. Pelo menos alimenta a alma."

"Eu estava passeando outro dia no centro de São Paulo e encontrei um garoto de 10 anos ouvindo atentamente Iggy Pop. Ele me reconheceu, mostrou o disco e falou 'Tô gostando'. Não tenho explicação racional para isso, porque não toca na rádio, não vai para a TV. Parece ser um instinto dele. O que leva um garoto de 10 anos a comprar um disco do Iggy Pop só ele pode responder. Esta história, contada por Marcelo Nova, ilustra uma parte do universo do público roqueiro, aquele que o é por vocação, aquele com o qual se conta para que o estilo permaneça vivo. Mas onde está a nova geração? O que ela está fazendo? Por que os selos independentes, que, teoricamente, seriam o canal de expressão desses jovens, não decolam? Quem vai dar continuidade a esse movimento? Onde estão as novas bandas? Esta, na verdade, foi a parte mais rendosa da entrevista. Embora o descobrimento de novos talentos não esteja obrigatoriamente ligado aos grupos que já estão aí — afinal eles têm de se preocupar com seu próprio umbigo —, causa um certo desgosto a postura individualista e até desinformada de grupos como o Kid Abelha. Questionados sobre os novos grupos, o *underground*, George Israel e Paula Toller não titubearam. De acordo com Paula, "existe um *underground* que é um pouco fictício, na medida em que só é porque ainda não conseguiu chegar ao público. E tem aquele *underground* por vocação — pessoas que vão fazer coisas que não combinam com nada; o modo de trabalhar não combina e ninguém vai contratar essa pessoa. Para entrar no mercado tem que aturar muita coisa em troca de poder fazer o que você gosta. O *underground* mesmo ninguém sabe e daqui a pouco aparece. Todos ficam achando que *underground* é Mercenárias, as bandas que estão um pouco fora". George

"É preciso retomar a simplicidade"

acredita que o *underground* é formado pelas bandas que são amigas do pessoal da BIZZ". E ri. E acrescenta: "O que ninguém viu". Pergunto. As bandas têm de combinar com o quê? Fazer que tipo de concessão para aturar o que em troca do que? De um contrato? Desde que BIZZ existe e.a já compilou em suas páginas — com nome de integrantes, estilo e história — mais de 70 bandas com potencial — ou não — de mercado. Isso daria, se se considerar que cada banda tem um mínimo de três integrantes, um número de "amigos" superior a 210. Ao longo de todo o meu trabalho como repórter detectei potencialidades que superam, hoje, o número de vinte singles, canções que poderiam estar convivendo pau a pau com qualquer programação de qualquer rádio. Isso desconsiderando os grupos mais radicais. E eu pergunto, agora, o que fazer com esses vinte singles? Fica uma sensação de impotência, embora este seja o trabalho que mais me gratifica nesta revista. Primeiro, seria neces

Fernando Schlaepfer

Frejat, do Barão: "A rádio não te dá metade da informação necessária para a gente se reciclar"

Kid Abelho, disparando suas abóboras selvagens

sário que a mentalidade sanguessuga das rádios mudasse. Que eles tivessem pessoal realmente especializado para sair à cata de opções para sua programação. Segundo, que as gravadoras colocassem seus produtores para trabalhar e saíssem à caça de novos talentos. Tudo isso parece muito irreal quando se olha para o universo cultural brasileiro e a estrutura na qual está montado. Se você tentar perguntar a um programador de rádio se ele segue listão, se ele aceita jabá, se suas atividades estão ligadas a uma relação comercial com as gravadoras, a resposta será invariavelmente não. Seria como se o Sarney, na época da decisão por quatro ou cinco anos de governo, dissesse: "Sim, povo brasileiro, governei mal e passo meu mandato".
Se os novos grupos não têm a menor importância ou expressividade para os Kid Abelhas, me pergunto o que seria do rock brasileiro se dependesse da expressividade e importância de um Kid Abelha. Ou dessa mentalidade expressa. Ninguém é obrigado a apoiar os fracos e oprimidos, mas também não dá para avalizar uma declaração que os coloca como inexistentes.

"Esta é uma geração oligofrênica"

Uma das formas de virar a mesa está no fortalecimento dos selos independentes. Como diz Lobão: "Depende da coragem e convicção do empresariado desse setor. Tem de investir. O negócio é ter uma boa turma. Nada pode deter uma pessoa feliz". Edgard Scandurra, que veio desse meio, viveu o *underground* paulista em seus tempos áureos, afirma: "Vai acontecer. Vão chegar daqui a pouco e falar 'Chega, vamos acabar com essa música eletrônica, esse pop'. O Brasil já tem força para fazer isso, independente do que rola lá fora. Dá para juntar Baratos Afins e Wop Bop, por exemplo, e promover esse movimento. Fazer shows ao ar livre, tentar quebrar esse lance de capital. Acho uma piada pagar uma puta grana para ver um show de rock. No Brasil falta essa iniciativa. Quem a tiver vai se dar bem".

Mas não dá para negar que a atitude consumista, típica dos anos 80, faz com que essa nova geração deixe em seu rastro uma enorme interrogação. "Não entendo", diz Marcelo Frommer, dos Titãs, "o que leva uma pessoa a ouvir à exaustão uma música. Eles pedem no rádio direto e querem ouvir aquilo até não aguentarem mais. É um universo muito estranho." Outro segmento de público é descrito por Marcelo Nova: "Eu pergunto para um garoto de 17 anos que vai ao meu show: o que você está lendo, o que você está fazendo? E ele responde: 'Nada, está tudo tão chato!' Sei lá o que vem dessa nova geração, ligada em videogame etc. Essa garotada é quem vai mudar. Não sei se para melhor ou pior. São vinte e tantos anos de falta de hábito em qualquer exercício intelectual — é a geração oligofrênica, de bobeira".

Apesar de todos estes dados serem uma verdade incontestável, há, no outro extremo, um público interessado, inteligente e participativo. E não é nas zonas nobres das cidades que ele será encontrado, pelo menos em número significativo. Segundo boa parte dos roqueiros, o público de rock não ultrapassa o número de 100 mil — portanto, esse deveria ser o número mais alto de venda de discos por parte de um grupo de estilo, o que é pouco para uma grande gravadora — e está concentrado ou na periferia das grandes cidades ou no interior dos estados. Gutje acredita que "o Brasil funciona como uma pororoca, seja na cultura, seja na política. Na capital a onda vai e vem e o público do interior não sente necessidade de seguir isso. Está mais com o pé no chão. Consegue trabalhar melhor sua identificação. É o público que eu mais curto — o do interior e o de subúrbio". Edgard Scandurra concorda, e acha que o jovem do interior é mais fã. "Pesquisam as bandas, cultuam mais o roqueiro com cara de bandido, ao passo que nas capitais, se você quiser pegar um roqueiro, tem de ir até a periferia. A gente fica direto na estrada, que é apaixonante, mas às vezes você está cansado e este público te dá gás, te levanta. Em São Paulo você tem de estar sempre em cima, sempre bem, porque *você* tem de levantar o público. Ele nunca vai te levantar, pelo contrário, perigas você levar uma latada na cabeça."

Afinal, o que está acontecendo com o público das capitais? Carlos Maltz, assim como uma série de roqueiros, acha que ele está gordo de informação, saturado. "Óbvio que continua sendo rock, mas de repente, num interior, conseguimos fazer muito mais, com menos obstáculos que nas capitais. Acho que quem está nessa viagem estética, política, tem de ir para esses lugares. Tem muita gente interessante a fim de aprender."

Apesar de toda a disposição e de uma massa de jovens interessada, a mídia tende a desconsiderar este fato. Não é incomum ler nas páginas da imprensa declarações anunciando o fim do rock ou adjetivos às vezes exacerbados sobre sua desimportância. Também vários programas de TV para esse público foram extirpados. Desses dois universos, pinçamos dois depoimentos — Edgard Scandurra aponta a última da imprensa escrita: "Li uma matéria na *Folha de S. Paulo* falando do hip hop e os caras anunciavam aquilo como o maior evento pop do ano (*ele se refere ao show de lançamento do LP* Cultura de Rua *do selo Eldorado, no Aeroanta, em São Paulo*). Concordo, mas no texto eles davam uma conotação pejorativa ao rock ao dizer: 'Um show para esquecer os medalhões da MPB, os grupinhos de *roque* nacional e os previsíveis musos(as) do próximo verão'. Parece que estão cuspindo no próprio prato! Quero dar um aviso para o público do interior, que geralmente se guia — principalmente os jornalistas de lá — pelo que sai nos jornais das capitais: muito cuidado com o que a imprensa daqui fala. De repente um locutor de rádio do interior vai estar falando que o rock acabou e nem sabe por quê".

"O país funciona como uma pororoca"

A TV, outro veículo importante nesse setor, também foi tema da matéria. Mas os roqueiros parecem que não a veem com tão maus olhos. Pelo menos neste momento. Carlos Maltz faz uma análise providencial sobre a TV: "Ela está passando por um momento interessante e devemos ficar antenados. O império da Globo está dançando. E não é só por causa do Silvio Santos. As bandas devem fazer uma avaliação do que é brega e do que não é. Programas de entrevistas, como o *Canal Livre*, o *Metrópolis*, a *TV Mix*, de São Paulo, a TV Rio, são opções. Se bem que, como a gente sempre disse, se você tem algo a dizer, diga em qualquer canal, em qualquer lugar. Mas, se houve uma perda de interesse no rock por parte das grandes emissoras, houve, no lado oposto, um estilhaçamento e estão abrindo novos espaços. E as pessoas devem ficar antenadas e não fechadas em seus próprios limites. Temos de nos ligar nas coisas que dependem mais da gente do que dos outros. 89 é o ano da guerrilha. O rock brasileiro estava acostumado ao filé e temos de começar a comer o osso. Acho que o rock é rebeldia além desse chavão. Temos de enxergar onde podemos jogar para combater esse monopólio que não está interessado na gente. Eu não tenho mais saco de chorar sobre o leite derramado. Chegou a hora de fazer a nossa história". Ou, como diz Marcelo Nova: "Usar a espada de Ivanhoé contra o raio laser de Roberto Marinho".

Os canais, bem ou mal, estão aí. Depende de uma boa investida. Os novos grupos, embora muitos deles com qualidade às vezes até superior à dos que estão aí, enfrentam sérios problemas para se inserir no mais mínimo contexto que seja. O DeFalla, por exemplo, foi citado por três entre onze entrevistados como uma banda de primeira linha, mas que esbarra nessa estrutura viciada. Mas não é ela que vai impedir — como não impediu antes — que chegue um bando de garotos e inverta a situação. De onde eles vêm e como não se sabe. Ou melhor, eu poderia arriscar pelo menos um ou dois palpites, mas isso seria outra matéria, ou, ainda, é melhor manter em segredo para que eles, de fato, cheguem.

Sônia Maia

Gutje, do Plebe: 'A AM é bem melhor que uma centena de garotos Escort ouvindo nossas músicas'

DeFalla com seu 'louco das ideias' Edu K., esbarrando em problemas de estrutura da indústria

O FUTURO: INDEPENDÊNCIA E DESCENTRALIZAÇÃO

A primeira coisa é a gente se reconhecer como índio, encarar que somos do Terceiro Mundo e deixar de se fingir de civilizados. Afinal, este não é um país sério. Com quem estamos falando? Depois do *boom* do rock Brasil anos 80, conclui-se que caímos numa grande cilada: as rádios passaram a tocar exclusivamente o *mainstream* do rock nacional e suas matrizes estrangeiras. Quem diria que a febre da imitação levaria às paradas os até então desconhecidos ídolos copiados na "camuflа" por pessoas que acreditavam nunca serem reveladas suas matrizes? Enfim, o rock brasileiro virou jornal, mera tradução das notícias frescas do mundo civilizado.

E o que pode acontecer? Uma coisa é óbvia: a diversificação. Talvez o pessoal se canse de imitar os mesmos grupos e passe a beber em outras águas. Por que não misturar Robert Fripp com Roberto Carlos ou escola de samba com trash-metal? Um dia, quem sabe, nosso rock ache uma linguagem própria e deixe de ser uma versão sul-americana do rock francês e italiano, ou seja, imitação barata de rock inglês.

Mas fora do pop as coisas já são um pouco diferentes. Escondidos em porões e coberturas, existem grupos que se preocupam com algo mais do que agradar o maior número de pessoas possível. Silenciosamente, esses músicos abrem pequenas brechas expandindo as margens desse universo musical viciado, o que pode, com o tempo, conduzir o mercado por caminhos mais diversos.

Mercado. Esta é a palavra mágica que encanta a garotada em busca de fama e fortuna. O ponto x da questão é aonde o mercado passa a exigir novidade para criar uma geração de pasteurizáveis. E aí está a grande arma: ludibriar a cultura de massa e arrastá-la em novo sentido. Como? Não dá para esperar a renovação das grandes gravadoras, já que elas se limitam a lançar o que está caindo de maduro e pouco se arriscam em época de crise como a que estamos vivendo. Resta fazer o possível e o impossível: lançar cassetes, EPs, LPs, compactos, vídeos o que der, do jeito que der e mostrar para quem quiser ouvir. Será que é isso que está acontecendo?

O fim do império das capitais é outra coisa certa. A nova música vem dos locais mais escondidos do mapa oficial do rock. Da Bahia vem a mistura suingada que rende mais ao vivo do que em estúdio. Do Rio Grande do Sul vem uma tempestade de anarquia e de outras praias vem sabe-se lá o quê.

A verdade é que os subúrbios pouco a pouco atingem os ouvidos urbanos trazendo um pouco de verdade à mentira generalizada do rock brasileiro, ao mesmo tempo em que chegam a eles a informação e as chances de disputar um lugar no picadeiro do circão pop.

Carlos Eduardo Miranda estreia como colaborador na BIZZ, é gaúcho, agitador cultural do Sul, produtor, músico de pelo menos três bandas de lá (Atahualpa y os Panques, Vingança de Montezuma e Taranatiriça, em sua nova formação), além de jornalista e produtor de vídeos comerciais e jingles.

QUEM QUER DANÇAR COM OS PET SHOP BOYS

Quem dança seus males espanta (ou será quem canta?). Essa dupla inglésa acredita firmemente nessa máxima e não deixa por menos. Onde existe um cruzamento possível entre Bee Gees e New Order, lá estão eles. Impossível? Talvez não...

BIZZ — Você era jornalista?

Neil Tennant — Eu tentava... (risos). Pra falar a verdade a coisa começou antes disso. Eu e o Chris nos conhecemos em 81. Eu trabalhava com edição de livros, não era jornalista então. Eu escrevia músicas desde os 11 anos. O Chris era muito musical, ele tocava trombone e piano. Mas ambos nos interessávamos por música pop. Eu gostava muito de new wave: Elvis Costello, Sex Pistols etc. Ele, de dance music. Nós dois nos interessamos por música que você possa dançar. Começamos a gostar de [illegible] como hip hop. Essas influências foram bem fortes.

BIZZ — O que fez vocês se decidirem a formar a grupo e a fazer música profissionalmente?

Neil — Nós começamos a compor e, depois de um ano fazendo isso, achamos que as músicas estavam boas. Então começamos a gravar alguns demos num estúdio em Camden Town. Por volta dessa época, fui convidado a editar um livro para a *Smash Hits*, o livro do ano deles, e assim fui trabalhar para eles. Tive que ir a Nova York entrevistar o Sting, que era ainda do Police. Lá eu conheci Bobby O, um produtor cujos discos nós colecionávamos. Ele ouviu algumas de nossas músicas e gostou. Aí gravamos "West End Girls" a primeira versão dessa música virou um disco cult. Foi a 4ª hit na Bélgica e um grande sucesso em Los Angeles, mas só ficamos sabendo disso depois. Aí deixamos Bobby O, porque ele morava em Nova York, nós em Londres, era difícil. Finalmente arrumamos um compresário e ele fez um rolê nas gravadoras com nossos demos. Assinamos contrato com a EMI e lançamos "Opportunities", que não foi exatamente um hit. Refizemos então "West End Girls", que estourou, talvez porque as pessoas já conhecessem a música, que foi tocada por várias rádios quando lançamos a primeira versão.

BIZZ — Tendo sido jornalista, você acha que tinha alguma visão "de dentro" do negócio?

Neil — Não. Não acho que jornalistas consigam ter esta visão, de jeito nenhum. O que a maioria dos jornalistas de música faz é propagar muito pouco verdadeiros.

BIZZ — Mas talvez ser jornalista dê um certo tipo de conhecimento que possa ser útil.

Neil — Um jornalista adquire pouquíssimo conhecimento. Mas é verdade que isso pode ser útil, por exemplo, para lidar com a imprensa. Eu posso saber, por exemplo, com quais revistas devo falar, mas tenho certeza de que o Chris também poderia fazer isso. A coisa que fiz antes dos Pet Shop Boys que mais me ajudou foi edição de livros. Editar é um habilidade que pode ser aplicada a vários campos diferentes. Você edita um vídeo, você edita uma música. Cortando as partes ruins, deixando as partes boas. Eu fui convidado a ser jornalista de música porque eu tinha experiência em edição e conhecimentos de música. Quando nós começamos os PSB era uma desvantagem ser um jornalista, porque aqui na Inglaterra as pessoas são muito desconfiadas. Ainda não conseguimos superar isso. As pessoas acham que não tem a ver com música, que é apenas de esperteza, o que nunca foi.

BIZZ — Que tipo de educação musical vocês tiveram?

Neil — Eu fui autodidata. Eu gostava dos Beatles. Quando tinha 12 anos, ganhei uma guitarra e aprendi a tocar sozinho. Aí também aprendi um pouco de piano; eu tentava tocar no piano os acordes que tocava na guitarra. Não que eu saiba tocar piano — até hoje só sei tocar alguns acordes. Eu não tinha paciência para ficar praticando escalas, então achava mais fácil compor as minhas próprias. Mas o Chris trouxe uma experiência musical muito mais [illegible] minhas de baixo, ritmo, coisas que eu desconhecia. Eu havia sempre escrito coisas baseadas na melodia, nos acordes. O Chris pensa mais no ritmo, no baixo, no balanço. Ele tem idéias musicais fantásticas e eu sou bom para estruturar uma música. Eu tenho uma idéia para a letra, e aí nós "editamos" juntos. Eu fui editor durante 10 anos. Para mim é muito natural trabalhar desta forma. A cena disso, nos dois pensamos de uma maneira muito visual. O Chris era arquiteto. As vezes acho até ficou a nossa preocupação com nossas capas de disco. Mas é porque ambos já trabalhamos nessas áreas.

BIZZ — O processo de compor mudou nesses anos?

Neil — Não, nós ainda compomos da mesma maneira. Compomos algumas partes separadamente, depois as juntamos.

BIZZ — Vocês pensam em termos de singles quando compõem?

Chris Lowe — Pensando bem... acho que ta[illegible]

vez a gente faça isso, sim

Neil — Sempre achamos que cada faixa de um disco deva ser boa o suficiente para ser um single. No disco novo, *Introspective*, por exemplo, todas as faixas são bem longas. Havíamos pensado em lançar um disco só de remixes, mas mudamos de idéia e resolvemos fazer músicas que começassem com remixes. São músicas pop, mas duram uns 8 minutos. Nosso próximo single, "Left to My Own Devices", é uma canção pop de 8 minutos, coisa que poucas pessoas já fizeram. Depois de um tempo, enche o saco ficar escrevendo músicas de 4 minutos. É nos sempre acabamos preferindo as versões de 12 polegadas.

BIZZ — *Vocês usaram uma orquestra em Left to My Own Devices*

Neil — É, esta música é uma grande produção. Foi interessante usar a orquestra, porque quando você tem alguém de fora fazendo o arranjo, o resultado é sempre diferente daquele que você obteria fazendo-o você mesmo. É uma faixa aventurosa .. É como "West End Girls", tem versos falados. Talvez seja a melhor que tenhamos feito até hoje. E foi emocionante escrevê-la, por causa da idéia de escrever uma música de 8 minutos. Neste aspecto, talvez nosso processo de compor tenha mudado. Nós estávamos no estúdio para gravar algumas demos. O Chris estava tocando alguns acordes no piano e eu estava lendo uma revista de música. Aí ele tocou algo que gostei, e eu disse "Ótimo, isso pode ser o verso, aquela outra parte é o refrão... vamos juntar isso tudo". Depois de umas duas horas trabalhando nisso, o título "Left to My Own Devices" veio à minha cabeça. Essa é sem dúvida a parte mais emocionante do que fazemos — quando você começa a compor uma música. De repente, do nada, surge algo.

BIZZ — *O que vocês acham quando são acusados de não terem músicos?*

Chris — Nenhum músico nos acusa disso, apenas a imprensa. E eles não entendem muito disso, não é?

Neil — A maioria dos jornalistas, principalmente nos Estados Unidos, não entende o que um sintetizador faz. O termo "sintetizador" inclui uma gama enorme de aparelhagem. Existem pessoas que pensam que o que fazemos é desonesto! Que Stock, Aitken & Waterman são desonestos! Eles acham que a coisa mais real é você tocar sua guitarra. Mas na verdade, é muito mais fácil pegar uma banda, dar os acordes e gravar o resultado. É fácil fazer um disco inteiro em apenas um dia. É uma abordagem diferente. Nós fazemos discos que têm um acabamento perfeito. Trabalhamos muito neles. Não faz diferença se o teclado foi usado ou se foi programado.

Chris — O mais engraçado é que grupos de rock fazem isso. Eles gravam ao vivo, mas depois reprogramam tudo. Usam a mesma tecnologia que nós, mas para obter resultados diferentes.

Neil — Já nos aconteceu de ter alguém trabalhando conosco que no dia seguinte ia fazer uma sessão do Def Leppard. Os discos do Def Leppard são feitos com essa tecnologia, mas a maioria das pessoas ignora isto. Elas não entendem como as coisas funcionam.

Chris — Quando você programa seu sequenciador, você toca, fisicamente, seu teclado. Não existe isso de apertar um botão pra ver que linha melódica vai sair.

Neil — São apenas abordagens diferentes, e tudo depende de que som você quer. Os Pet Shop Boys nunca tiveram a ambição de ser uma banda de rock, de qualquer jeito.

BIZZ — *Vocês vão tocar ao vivo o repertório de seu novo LP?*

Chris — É possível. Mas já falamos isso várias vezes e desapontamos várias pessoas porque acabamos não tocando.

BIZZ — *Tocar ao vivo significaria reprogramar várias coisas, não?*

Chris — Estávamos pensando em trazer alguns *session musicians* de Nova York para isto. Nas vezes em que tocamos ao vivo, usamos a mesma tecnologia do estúdio. O Fairlight etc. .. O som é surpreendentemente bom.

BIZZ — *Vocês sentem alguma afinidade com outras bandas?*

Neil — Sim, com bandas inglesas que têm

"Todo o desenvolvimento musical dos últimos anos veio do pop. Nada foi feito pelo rock"

um sucesso razoável, mas que não pertencem ao *mainstream*. New Order, Depeche Mode, Siouxsie & the Banshees. Grupos que tem sucesso, mas não se prostituem. Também nos vemos na tradição do Abba, Bee Gees, mas somos diferentes deles no sentido de não nos prostituirmos ao sucesso. As pessoas acham que os Pet Shop Boys fazem música pop comercial, o que realmente fazemos, mas não nos prostituímos como outros grupos pop. Não somos a Kylie Minogue. Pet Shop Boys é também uma atitude, tem conteúdo, não é só sobre sucesso. A maioria dos grupos pop é baseada na idéia de ter vários hits. Coisas como a Kylie Minogue são apenas um tributo a Stock, Aitken & Waterman.

BIZZ — *Vocês conhecem ou ouvem bandas do resto da Europa?*

Neil — Ouvimos basicamente dance music. Todo grande desenvolvimento musical nos últimos 15 anos veio da música pop. Nada foi feito pelo rock. O rock é o tipo de música mais conservador que existe. Nos últimos dez anos, a música pop nos deu o disco de doze polegadas, que todos os grupos de rock agora fazem, desenvolveu a tecnologia, e nos deu também os melhores discos. Mas, voltando aos grupos europeus, o que acaba acontecendo é que eles têm faixas ótimas, no sentido do ritmo, mas a voz... Eles normalmente têm cantores com uma voz pesada, no estilo do Ian Curtis, do Joy Division. É bastante curioso o que está acontecendo agora .. coisas como essa música de Yaz & the Plastic Population. Foi feita por DJs que puseram uma boa cantora pop por cima. O pessoal do rock vai odiar, porque eles não são músicos, são disc-joqueis. E o S-Xpress, o cara principal também é um DJ, e eles fazem umas músicas ótimas.

BIZZ — *Outro dia a Siouxsie disse que ela acha que hip hop é a coisa mais saudável que existe atualmente nas paradas.*

Chris — É, eu a vi na televisão dizendo que era como se o movimento punk estivesse aqui de novo. O punk foi uma coisa boa porque pôs de lado toda aquela porcaria que existia e apareceram pessoas novas. E é isso que está acontecendo agora. Não é a revolução do sintetizador, mas é a revolução do sampler e dos DJs. É um passo além.

Neil — A diferença desta vez é que o som está muito melhor. Quando o punk aconteceu não aconteceu nas paradas. O que está acontecendo agora está nas paradas. O punk foi uma coisa segmentada, pelo menos no começo. Mas este fenômeno de agora é mainstream e muito aventuroso ao mesmo tempo. É mais interessante e aventuroso do que algo como Talking Heads, por exemplo. É música das ruas. É claro que algumas músicas são chatas, mas outras são fantásticas.

Chris — Acid house não é só a música, é toda uma atitude, um modo de vida, uma moda.

Neil — Não é music business.

BIZZ — *Mas é algo que está acontecendo em Londres, algo pequeno na verdade.*

Neil — É verdade. Mas eu garanto que vai influenciar o mundo da música, e muito, nos dois próximos anos. Em Londres já virou mais um clichê. Mas no coração disso está uma grande idéia, a idéia de dance music psicodélica. Voltando a "Left to My Own Devices", ela é uma música psicodélica, para dançar. Não soa como acid house, mas tem coisas em comum. Tudo é possível em dance music. Nós gostávamos muito de house music quando apareceu. Era natural para nós, porque era como a *hi energy music* negra.

Chris — É electro-disco italiano.

Neil — É! O tipo de música que sempre ouvimos. E estávamos certos. Se você olhar as paradas inglesas, vai ver que a maioria das músicas é *hi energy*. Stock, Aitken & Waterman são *hi energy*. Ela trouxe as melodias de volta às paradas. Pessoas como S, A & W são subestimadas. Elas são um enorme sucesso no resto da Europa. Mas os críticos não as deixam em paz. É uma estupidez. Daqui a dez anos estes mesmos críticos vão estar dizendo como eles são brilhantes.

Por *Anamaria Lemos*, de Londres

"Este disco prova que a alma do Rolling Stones chama-se Keith Richards. Keith Richards solo, para mim, é a continuação do Rolling Stones, mas uma continuação com criatividade."
Lobão

"Talk Is Cheap é o disco que mais ouço no momento. Para mim, trata-se de um ótimo LP, que melhora incrivelmente a cada vez que se escuta. Keith Richards solo é diferente, é original, avança por novos caminhos."
Roberto Frejat (Barão Vermelho)

"Talk Is Cheap é um LP de verdade, um produto honesto, sincero. Este LP é puro Rolling Stones, uma continuação. Disco, neste caso, é realmente cultura: ele tem algo a dizer ao rock contemporâneo."
Dado Villa-Lobos (Legião Urbana)

(Jornal do Brasil - 05.12.88

A 89 DE A A Z.

A C D F G H I J K L N O P Q R S T U V W X Y

O mundo dá o seu recado nas ondas da 89 FM, a rádio-rock.

89 FM

KURTIS BLOW

THE NUMBER ONE, DE VERDADE

Os rappers têm mania de se autoproclamarem "o melhor", o "número um", "o rei do rap"... Tudo bem, é uma mania como outra qualquer. Mas Kurtis Blow pode ostentar pelo menos dois desses títulos — o Rei do Rap e Número Um — sem qualquer suspeita de ego descomunal. Foi ele quem tirou o rap dos guetos negros e mostrou-o ao mundo. Seu single de estréia, "Christmas Rappin'" é um dos primeiros raps registrados em vinil que se tem notícia. Blow também foi um dos descobridores das possibilidades de utilização do scratch, recurso que depois seria largamente explorado por inúmeros seguidores. No meio da discussão sobre pilhagens e apropriações indevidas, ele surge novamente como um pioneiro: Blow sempre creditou as músicas que pirateia. Depois de dois anos sem gravar ele voltou com o LP Back By Popular Demand (algo como "de volta pela exigência popular"), e o melhor, incluiu no roteiro da turnê o Chic Show, São Paulo, Brasil. BIZZ não perdeu tempo e capturou o Rei do Rap

Juro que você cruzaria Kurtis Blow na rua sem prestar a menor atenção. Foi preciso que uma assessora de imprensa apontasse o rei do rap para que eu o reconhecesse. Visto assim, perambulando no saguão do hotel Transamérica, São Paulo, trajando boné verde, camiseta branca e verde, short branco, os inevitáveis Adidas e o obrigatório colar de 24 quilates, este baixinho tem tudo de um ex-traficante da Rocinha que subiu na vida. Ele chama atenção neste local freqüentado por executivos. Parece um torcedor uniformizado do Palmeiras que entrou por engano num coquetel no salão de festas da embaixada soviética.

BIZZ — *Bem vindo ao Brasil*

Kurtis Blow — Obrigado.

BIZZ — *Muitos se referem a você como aquele que tirou o rap do Bronx para mostrá-lo ao mundo. Como tudo começou? Quem foram os principais personagens dessa história? Qual foi o seu papel?*

Blow — Na verdade, o rap começou no início dos anos 70, cinco anos antes que qualquer disco do gênero fosse lançado. Havia rappers, como DJ Hollywood, Lovebug Starsky, eu, é claro, assim como Grandmaster Flash, agitando naqueles tempos. O que aconteceu foi que, naquele período, a disco era o máximo em Nova York, nos bairros do Bronx e Manhattan. Os *kids* não tinham dinheiro para entrar nos clubes e nas discotecas. Então, o que fizemos foi organizar nossas festas na rua e nos parques. Todo fim de semana, alguns DJ's levavam seus *sound-systems* em diversos locais e atraíam duas, três mil pessoas. Foi assim que eu comecei, como DJ, divertindo o pessoal nas ruas, e me tornei conhecido até gravar meu primeiro LP em 1979, chamado *Christmas Rap*.

BIZZ — *Você tinha alguma relação com a famosa gravadora independente Sugarhill Records?*

Blow — Não. Sempre fui contratado da PolyGram, desde o começo. Fui o primeiro rapper que assinou um contrato com uma grande gravadora. Desde então já gravei nove álbuns.

BIZZ — *Quais são as principais influências musicais que orientaram a criação desses nove álbuns?*

Blow — Eu gostaria de dizer que há mais música nos meus discos do que nos de qualquer outro rapper. A maioria deles tem apenas um *beat*, uma batida básica. Eu incorporo muito mais música ao meu *funky beat*.

BIZZ — *Você também se diferencia pelas suas letras bastante engajadas...*

Blow — Sim, é o outro aspecto essencial do meu trabalho. Transmito uma mensagem. Abordo assuntos importantes, no lugar de falar da minha pessoa o tempo todo.

BIZZ — *E quais são esses assuntos?*

Blow — Política, conscientização da sociedade, a violência da rua e a vida nos guetos.

BIZZ — *Você pertence a que classe social?*

Blow — Sou de uma família pobre de Harlem, do gueto, mesmo.

BIZZ — *Seu novo LP*, Back By Popular Demand, *quebra um silêncio de dois anos. O que aconteceu nesse intervalo? Não fosse a exigência popular, você voltaria de qualquer forma? (risos)*

Blow — O que aconteceu foi uma grande mudança na direção da minha gravadora. Muita gente saiu, inclusive pessoas que trabalhavam comigo. Criou-se uma situação de incerteza que impediu o lançamento do meu disco. Além disso, muitas coisas mudaram na minha vida. Me mudei de Nova York para Los Angeles, na forma de férias prolongadas. E para responder à sua segunda pergunta, acho que eu voltaria de qualquer maneira, mesmo se as pessoas não me quisessem mais.

BIZZ — *O hip hop parece estar numa encruzilhada entre o passado — rhythm & blues, soul music, rock'n'roll, twist — e o futuro, sempre procurando novos sons, novas idéias musicais — house, acid house. Onde você se situa nessa mistura?*

Blow — É impressionante ver como os rappers autênticos são capazes de criar estilos novos. Meu álbum *Back By Popular Demand* é uma demonstração disso. Introduz um par de estilos novos dentro da obra de Kurtis Blow. Tem raps mais rápidos e tem idéias de outros LPs de Kurtis Blow reaproveitadas. Por isso, é fascinante ver como eu posso aplicar os novos estilos que surgem e tomar parte das mudanças. Da mesma forma, eu mesmo acabo criando novos estilos, como um jazz-rap que pretendo incluir no meu próximo LP. Assim, é fascinante ver até onde eu consigo renovar minha música.

(A esta altura do campeonato, tenho a impressão de estar falando com a versão negra e americana de Walter Ego.)

BIZZ — *O que você acha da house music, dessas formas que os DJs de Chicago e Londres encontraram para o uso dos samplers?*

Blow — Acho incrível... Um pouco rápido *(risos)* para se fazer rap com isso.

BIZZ — *Você chegou a ouvir os remix de acid house que estão fazendo em Londres?*

Blow — Também são incríveis. Ainda mais porque é muito trabalhoso para montar essas músicas. Você precisa escolher um repertório certo, ter boas idéias para misturar os discos e sobretudo fazer essas idéias funcionar.

BIZZ — *Na noite passada, você baixou no Dama Xoc* (discoteca de São Paulo). *Você se divertiu?*

BIZZ — Bastante. Fui o DJ e rolei uns discos e a multidão começou a enlouquecer. O pessoal gostou do meu jeito de manipular a mesa de som. Foi ótimo.

BIZZ — *Quais foram os discos que você tocou?*

Blow — James Brown, Bomb the Bass, Eric B & Rakim, Public Enemy e alguns discos de house.

BIZZ — *Por que diabos a maioria dos rappers, de Kool Moe Dee a KRS One, dizem todos que são os melhores, number one, e o assunto até entra nas letras das músicas?*

Blow — Isso faz parte da própria natureza do rap. Cada um precisa se impor de alguma forma para ganhar credibilidade por parte do público. Esta competição pode ser encontrada na história da África, na mais remota antigüidade, nos costumes primitivos dos nossos ancestrais.

BIZZ — *A propósito, o que você acha da violência que se reflete dentro do rap?*

Blow — Bem, as coisas estão mudando, para melhor. O rap está voltando às suas primeiras formas e a violência praticamente desapareceu. Começou quando Run-DMC exibiu sua imagem *hard core* e muitos foram atrás, mas eles já voltaram atrás. E você vê agora rappers como Jazzy Jeff & the Fresh Prince, por exemplo, chegando com idéias opostas. O pessoal está largando o *look* malandro.

"Eu incorporo muito mais música ao meu funky beat"

BIZZ — *Não é a impressão que a gente tem por aqui. Os melhores discos de hip hop do momento, a trilha do filme* Colors, *com Ice-T., e o álbum* By All Means Necessary, *do Boogie Down Productions, sem falar dos discos do Public Enemy, todos retratam a violência de forma dura.*

Blow — Eles acham uma boa, acham que estão por dentro fazendo isso, mas não passam de cegos.

BIZZ — *Voltando ao seu novo LP, você é o primeiro rapper que foi capaz de escrever na contracapa "Contém amostras sampleadas de tal música de James Brown". 1) E uma questão de honestidade?*

Blow — Exatamente. Assim como eu também compro essas amostras dele. Divido pela metade os direitos autorais das músicas com ele e lhe dou os créditos. Fui um dos primeiros a fazer isso.

BIZZ — *2) Por que razão a maioria dos rappers sampleia quase que exclusivamente as músicas de James Brown?*

Blow — Porque o som do "padrinho" é absolutamente funky, é o criador e o rei do soul e adoramos seu *beat*, seus ritmos. Eles só deveriam pagá-lo, como eu.

BIZZ — *3) Você chegou a ouvir a letra da faixa-título do LP* I'm Real, *que ele gravou com o Full Force "All you copycats out there"*

Blow — *(Ele completa, cantando,* Sim. Você sabia que eu comecei o Full Force?

BIZZ — *É mesmo?*

Blow — Eles faziam os background vocals nos meus primeiros LPs, como *Party Time*. Foi a minha banda de apoio.

BIZZ — *O que você acha do surgimento das mulheres dentro do rap, como Salt'n'Pepa, Roxanne Shante e Mrs. Melodie? O rap era muito machista, no início, não era?*

Blow — Era sim. Acho ótimo que elas entrem na roda. Deveria ter mais mulheres ainda. Por enquanto, são poucas. JJ Fad[1] precisamos de mais gatas como aquelas do JJ Fad.

BIZZ — *Como você vê o futuro do rap?*

Blow — Vejo o rap se fundindo cada vez mais com outras formas de música, como o jazz, o rock'n'roll, o reggae, muitos grupos trocando músicas entre eles.

BIZZ — *O que você conhece da música brasileira?*

Blow — Uma base latina para percussões. Muitas percussões. Convidei alguns percussionistas para tocar na faixa "Blue Iguana", do novo álbum.

BIZZ — *Para terminar, eu gostaria que você falasse do projeto Sun City, que você participou em 85.*

Blow — Foi um grande projeto do qual me orgulho ter participado. Não somente pela causa política que o motivou — foi uma das primeiras manifestações de luta contra o apartheid na África do Sul dentro da música pop — como me deu a chance de estar no estúdio com vários artistas importantes. Quando gravei a minha parte, Miles Davis estava lá, Bruce Springsteen ...

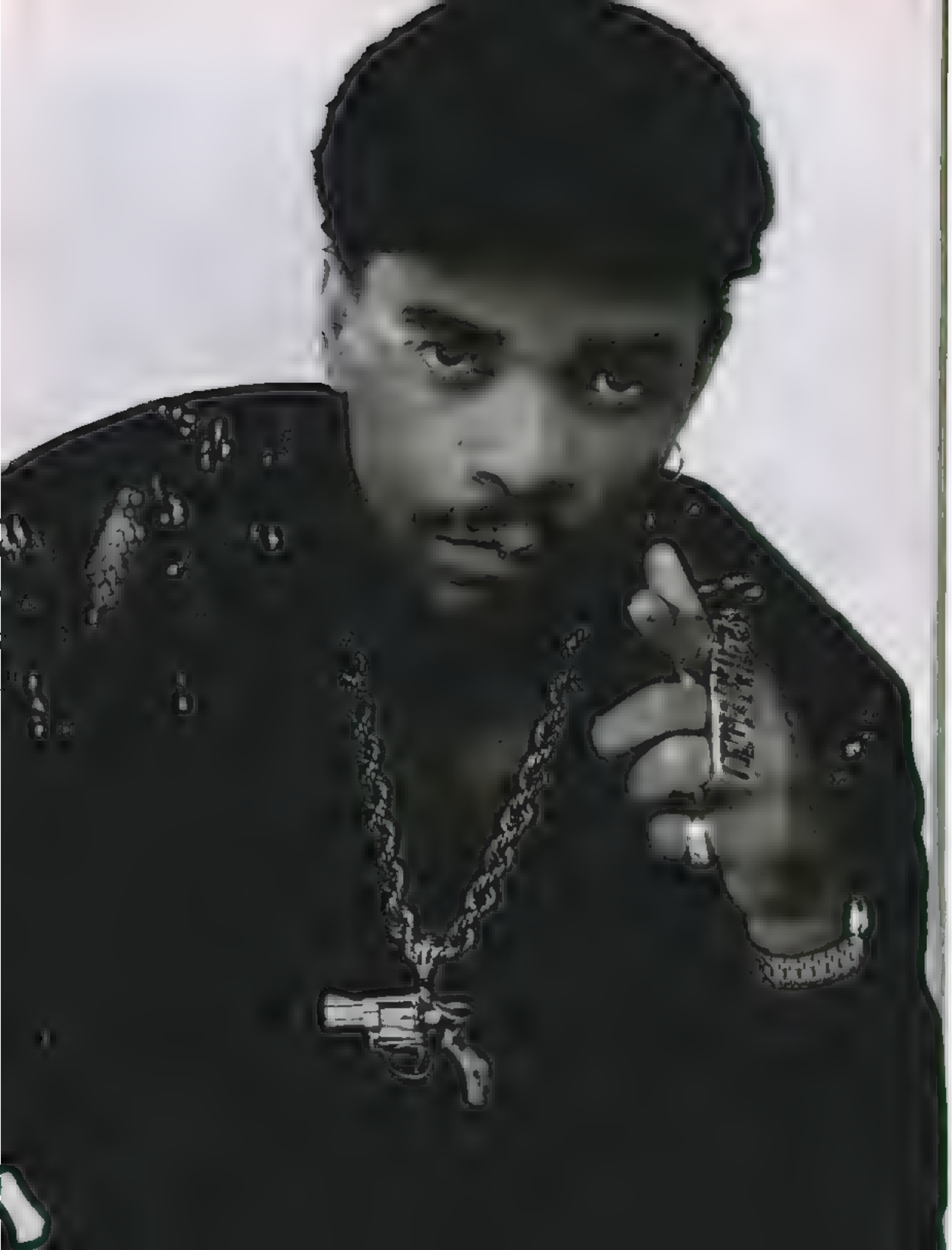
BIZZ — *Você continua com esse tipo de engajamento político?*

Blow — Neste momento, estamos boicotando as multinacionais do petróleo Mobil Oil e Shell, porque continuam abastecendo a África do Sul, fazendo negócios e promovendo o apartheid.

BIZZ — *Mas os negros que dirigem carros naquele país não vão sofrer com esse boicote?*

Blow — Eles deveriam abastecer com marcas locais.

Jean-Yves de Neufville



O RITMO DA VIOLÊNCIA

ICE

Ele não revela a idade nem o nome verdadeiro. Apesar da forma física invejável, ele está claramente com uns 30 e alguns anos. Tampouco é revelado o ano em que Ice-T chegou a Los Angeles vindo de Nova York. O que se sabe é que no momento em que pisou em South Central L.A., iniciou uma rentável e perigosa vida de crises "afanando" som de carro, fazendo uso fraudulento de cartões de crédito alheios e dando golpes em companhias de seguro. Resgatado do crime pela música, Ice-T continua mantendo um padrão de vida extremamente confortável agora, sem o risco da vida anterior. Já com dois LPs (Rhyme Pays e Power), Ice-T circula pelas ruas de Los Angeles num BMW vermelho-sangue cujas partes cromadas foram recobertas de ouro. Ice-T tornou-se mais conhecido (nos Estados Unidos e no resto do mundo) após ter feito a faixa título da trilha sonora do controverso Color — As Cores da Violência. Todas as músicas que ele compõe tem o mesmo potencial polêmico — são raps recheados de palavrões e histórias de crimes, são canções violentas falando na vida da favela. O ouro e fama não ofuscam a visão crítica de Ice-T. Ele lembra — e bem — de onde veio e como chegou onde está, conhece o terreno onde pisa e o mundo que o circunda. A camiseta de Ice-T traz um emblema que serve de lembrança da vida real, toda vez que o faro de Ice-T falhar. Nela está escrito, em letras garrafais, "dogtown"

BIZZ — *Mais do que um rapper ou um músico, você parece ser uma espécie de correspondente de guerra ..*

Ice-T — Correspondente de guerra?

BIZZ — *Enquanto outros rappers se dedicam mais a fazer jogos de palavras, você dá notícias quase de uma guerra civil. Você concorda com essa colocação?*

Ice-T — Mais ou menos. Você disse correspondente de guerra", mas geralmente eu digo às pessoas que o que eu faço, na verdade, é reportagem. Mas não escrevo editoriais, entendeu? Eu escrevo sobre o que vejo, mas não passo nenhum tipo de julgamento a respeito daquilo, se é certo ou errado. Depois que mostro o que vi, você, a pessoa, faz seu próprio julgamento. Além disso, eu componho na primeira pessoa, eu me transformo em diferentes coisas, numa tentativa de dar maior dramaticidade às situações. Um correspondente de guerra assiste à guerra. Mas as vezes eu me transformo em algumas das pessoas que estão lutando aquela guerra, para fazer com que você entenda aquele ponto de vista. Como em *Colors (declamando a letra)*: "Eram seis da manhã e eu sai numa missão..." Mas aquilo não sou eu — aquilo é o personagem Ice-T

BIZZ — *Muitas vezes uma canção rap tem mais acerto jornalístico do que o noticiário da TV*

Ice-T — A diferença é que *(pela TV)* você está recebendo as notícias de uma pessoa que não esteve lá. Um repórter vai à rua e dá as notícias para um âncora que lê aquela notícia. A única vez que se consegue alguma dramaticidade *na TV* é quando viram o microfone na direção da boca do povo. O rapper não. O rapper esteve lá. O rapper viu coisas

BIZZ — *Você acha que a imprensa tem tratado os rappers com justiça?*

Volta e meia chegam notícias de violência em shows de rap

Ice-T — Esse tipo de imprensa não. Esses só estão atrás de sensacionalismo. Eles não entendem o rap. Duvido que exista uma pessoa de algum telejornal que tenha ouvido um disco de rap do começo ao fim e tirou um tempo para tentar entender. Da mesma forma que eu teria que tirar um tempo para tentar entender jazz ou qualquer outro tipo de música. Leva tempo. Eu não consigo ouvir um disco do Metallica e entender tudo aquilo assim, rapidinho. Porque um disco de rock é outra história. Eles não têm breques no quarto compasso, brecam quando querem, fazem batidas misturadas e, se eu for ver aquilo do ponto de vista de um rapper, não vai fazer sentido. Mas existem repórteres e resenhistas que, pelo menos, tentam entender o que estava acontecendo, que têm conhecimento suficiente para me fazer dizer "Vejo que você fez seu trabalho de casa". Recentemente me chamaram para dar notas a uma série de discos *(um procedimento semanal da edição dominical do segundo caderno do jornal* The Los Angeles Times*)*, aquela seção "Pop Meter". Então, eles me deram esses discos e eu caí na dos críticos e vi como é difícil o negócio. Eles me deram Eric B. Rakim, o álbum do Metallica, Jane's Addiction, House of Flowers.

BIZZ — *Hothouse Flowers.*

Ice-T — Hothouse Flowers — me deram o disco daquela dona... Michele Shocked. OK. Eu consigo transar os troços de rock. O Jane's Addiction tinha influências de funk às vezes. Mas Michele Shocked era uma cantora folk. E, para mim, ter que ouvir um álbum folk do começo ao fim é difícil, mas ela estava falando de questões importantes. O Hothouse Flowers me soou muito estranho, porque ficam muito longe da área a que estou acostumado. Então, não dei notas altas para eles, mas disse que provavelmente eles se sairiam bem no mercado deles.

BIZZ — *Você mencionou heavy metal na conversa. Há uma grande afinidade entre o metal e o rap, são os gêneros de música mais*

Ice-T — ...perseguidos.

BIZZ — *Exatamente — pela imprensa, movimentos de mães, de congressistas, e seja lá pelo que existe para perseguir as pessoas.*

Ice-T — Rap é rock — no começo, rock'n'roll era música negra. Depois se transformou nesse outro tipo de música, com montes de guitarras. Tanto que hoje as pessoas parecem que sofreram uma lavagem cerebral e acham que rock precisa ter, obrigatoriamente, montes de guitarras. Não precisa — precisa ser apenas rock , e na música negra.

Se você for ouvir Sade, são aqueles sons lisinhos. Se for funk, é Cameo. Funk não é rap. Funk é Cameo, The Gap Band. Então, onde se encaixa o rap? Ele se encaixa na categoria do rock — estamos juntos *(o metal e o rap)* porque somos música fora-da-lei. Música que a sua mãe não quer que você escute. É a música da juventude falando o que bem entende — seja a juventude branca do heavy metal ou a juventude negra do rap —, falando contra o *establishment*, contra o sistema. As pessoas chegam pra mim e perguntam: "I.T., porque você mostra armas na capa dos discos, mostra

"É assim que eu vivo. Eu tenho armas na minha casa"

um monte de ouro, um monte de violência?" Aí eu respondo: "Mas você precisa entender que isso é música hardcore, barra pesada, é música pra garotada que não está dentro do esquema". Você vê a capa de um disco do Slayer e tem diabo, sangue... Aquilo é hardcore, para mim o fã de metal reage *(dando um rugido)* "Me amarro". Mas você mostra essa mesma capa pra um garoto negro e ele se assusta "Meu Deus do céu". A garotada negra tem pavor desse tipo de coisa, "ui". Mas vá lá e mostre a um garoto negro a arma, um acidente de carro... Aquilo é hardcore para ele. Ele está vivendo dentro de uma atmosfera diferente. São visões diferentes. Já ouvi muito por causa da capa de *Power*. "Pô, tem armas na capa..." Pô, é assim que eu vivo. Eu tenho armas na minha casa — as ruas não estão umas belezinhas. E com essa capa eu quero que as pessoas se toquem que não se pode julgar um livro pela capa. E a reação que eu quero que ela provoque é a seguinte: "Vai lá, tenta se meter com esse pessoal e você vai ver como esse pessoal realmente é". Eu não sou uma pessoa violenta, mas eu estou preparado. E na capa da pra ver que nós estamos preparados, o *Armaggedon (citação bíblica, é a batalha final entre o Bem e o Mal)* já está valendo, vá pegar uma entrada para os atrasados e a garotada. Escuta aqui: esse é o poder que faz os homens pegarem a capa e ficarem... *(dando meio que um pulo)* "Ai, meu Deus". Eu estou apenas mostrando diferentes formas de poder. Olha, ontem mesmo eu ouvi o George Bush dizer: "Poder é o mesmo que armas, o mesmo que paz". Além de um repórter, eu, Ice-T, sou um produto do que você espera que a América acredite. Quando você me diz: "Armas e poder são a mesma coisa...", OK, era isso mesmo que eu achava — quer dizer, eu não sou tão burro assim, mas eu quero que você veja o que nos está sendo ensinado. Eu sei que poder e armas não são a mesma coisa, poder e violência não são a mesma coisa. O poder, na verdade, está é na mente. Charles Manson, Hitler: eles nunca apertaram um gatilho, mas eles eram pessoas muito poderosas e muito perigosas. Hoje, a coisa chegou a tal ponto que se mede o poder pelo volume de estrago que uma pessoa é capaz de fazer. Não se diz que Martin Luther King tenha sido poderoso. Diz-se que ele tinha um sonho. Você não equaciona poder com paz, mas com gente perigosa. Por que a América é poderosa? Porque nós somos capazes de matar — tudo bem, reclamam das armas na capa do meu disco. Tá legal, se eu quisesse mesmo ser poderoso, deveria estar é sentado num tanque de guerra — ou então deveria ter colocado uma foto minha no meio de uma nuvem em forma de cogumelo de uma explosão atômica.

BIZZ — *Seu primeiro disco chamava-se* Rhyme Pays *("a rima compensa"). O segundo chama-se* Power. *Parece que houve uma transição no seu ponto de vista de lá pra cá. O primeiro título parece mais otimista.*

Ice-T — *Rhyme Pays* era eu me transformando, saindo das ruas e virando um artista de gravadora. Era eu, que passava o dia tentando roubar alguma coisa, virando um artista e descobrindo que na gravadora ganharia bem menos dinheiro que nas ruas. Mas a garotada vinha e me dizia: *"Hey, man. Thanks for that, man"*. E eu dizia para eles: "A rima compensa". Hoje em dia a música me pagou mais coisas do que eu jamais conseguiria roubar. Era como se eu dissesse: "A música compensa. O trabalho compensa". Eu era muito menos arrogante, eu estava acabando de entrar nesse business. Bicho, se você não vende 60 mil cópiazinhas, no ano seguinte você tá na rua, entendeu? É assim que a coisa funciona. E eu não queria agir como se eu tivesse um boião de grana, porque eu não tinha — e o disco foi bem, vendeu umas 400 mil cópias. Aí, eu saquei: "Pô, tenho um público. Tem gente comprando essa porra que eu faço". Vi que tinha uma expectativa, gente que vinha me dizer: "Se você fizer um disco pra rádio, você vai ser o máximo", e daí por diante. Então, comecei a lidar com as forças do poder nessa coisa enorme *(faz um gesto largo, como se estivesse mostrando toda a empresa)*. A primeira vez que você entra nessa gravadora... ninguém sabe seu nome. Isso aqui é um prédio enorme. Quanto mais seu disco vende, quanto mais grana você rende, mais você pode entrar e sentar nos escritórios das pessoas e dar entrevistas, porque você está gerando dinheiro para elas.

BIZZ — *Você fala muito do seu esforço para sair das ruas e ganhar a vida, mas na escola, aparentemente, você era um excelente aluno. Como você foi parar nas ruas?*

Ice-T — *(Pausa)* Bom aluno ou não, do jeito que as ruas são... Você está dentro de um sistema capitalista, e o sistema está dizendo: "Vai haver X pessoas ricas, Y da classe média e tantas outras pobres". E a mentalidade *(dos pobres)* é de: "Pô, a gente não vai ter uma chance". Então chega um cara dizendo: "Aqui, olha uma chance aqui. Vamos derrotar o sistema. Não precisa preencher papelada alguma ou fazer testes pra esse serviço aqui. Não vai ter ninguém avaliando você. Acabe com eles; que eles se fodam!" Os criminosos não estão nessa só por dinheiro: eles querem foder o sistema, porque a maioria deles foi fodida pelo sistema. Eu nunca transei drogas, mas imagine um garoto de uma rua de South Central L.A. vestido de tênis, calça cor cáqui, camiseta, chegando aqui no prédio da Warner Brothers procurando emprego. "Põe esse cara para fora daqui, ele é bandido". Ele não tem aquele visual porque quer. Ele não tem grana pra se vestir melhor. Ele volta para os lados dele, a rapaziada está vendendo crack. E, trabalhando com eles, naquela primeira noite ele ganha 500 dólares — mais do que ele ganharia num mês trabalhando em outro lugar. "Foda-se o sistema!" Hoje em dia *(a indústria de)* crack é o empregador número 1 da juventude negra norte-americana. Quando eu caí fora da escola, na décima primeira série, eu estava morando sozinho e me sustentando. Ganhava 250 dólares por mês da previdência social, que eu recebia da minha tia quando deixei a casa dela. Gastava cem dólares no apartamento, mais outros cem em comida. Os cinqüenta restantes eram pra pagar uma conta de telefone. Era dinheiro nenhum. Eu não conseguia arrumar um emprego, tinha que terminar a escola. De noite a gente saía para roubar toca-fitas de carros. Saquei, então, que, se roubasse um Alpine *(marca sofisticadíssima de som de carro)*, conseguiria levantar uns trezentos dólares. Comparando essa grana com a que eu tinha, era muito mais. Aos poucos fui descobrindo como ganhar mil dólares por semana — era o meu emprego. Quando quis sair daquela, entrei pro exército.

Warner

"As pessoas acham que rock precisa ter aqueles montes de guitarras. Não precisa — precisa apenas ser rock"

BIZZ — *Quando foi isso?*

Ice-T — Xi! Foi há um tempão — não vou dizer quando, porque não quero que as pessoas saibam exatamente qual é minha idade. Mas, enfim, fiquei lá quatro anos, pulando de pára-quedas. Ali, então, aprendi realmente a odiar o sistema. Era tratado como um boneco pela ultra-es-

trutura militar. "Quando eu sair daqui não vou trabalhar pra ninguém vou ter meu próprio negócio." Eu queria ser um disc-jóquei. Quando fui para o exército, meus chapinhas de rua eram bandidinhos de merda Quando voltei, eram superbandidões. Me pegaram no aeroporto de Mercedes, Ferrari, porras assim Quando eles saíram da escola decidiram que iriam lutar contra o sistema, e quando voltei eles eram uns gigantes: numa semana aqui eu já estava usando um *Rolex*, altas roupas, cometendo crimes de colarinho branco, dando trambique em companhias de cartão de crédito, fraudando seguradoras. Nada barra pesadíssima, mas eu estava dentro daquele pique, sem poder sair De curtição, comecei a fazer rap nas festinhas, nos clubes. Um dia, chegou um cara e me disse que queria que eu fosse o rapper do grupo dele. E eu: "Rapper, bicho, cê tá maluco?" E a minha rapaziada. "Bicho, fica frio. Essa é uma chance pra você Os brancos gostam de você, você vai ganhar uma grana braba, que nem Eddie Murphy". Aí é que o barraco balançou: "Eu tenho uma chance". Eles sabiam que estavam condenados, mas eu tinha uma chance

BIZZ — *Você disse certa vez que se as autoridades quisessem resolver o problema das gangues, deveriam ter feito isso cinco anos atrás quando a briga entre elas era exclusivamente por causa de cores*

Ice-T — Agora elas estão brigando por causa de dinheiro. Antigamente as gangues eram como times de escola. Minha escola era de uma cor Dorsey era de outra, cada rua tinha uma cor diferente. Se você andasse numa rua com outra cor, levava porrada pra aprender como eles eram duros. Quando uma gangue dava uma festa, vinha o pessoal de outra gangue e dava tiros na casa Alguém acabava morrendo. Daí vinha a vingança. Naquela época ninguém se preocupava com as gangues, porque era uma transa contida num território específico, que tinha a ver exclusivamente com aquele pessoal "Tá essa garotada preta tá se matando .. E daí?" De repente veio esse negócio chamado crack, que é tão pernicioso que as gangues estão se desfazendo — gangues tributárias, formadas para proteger gangues maiores, estão brigando com elas. Agora as gangues viraram sindicatos de crime organizados, como nos anos 30, como Al Capone — são os mesmos garotos que antes brigavam por causa de cores. Agora tem grana na jogada e eles ficaram superperigosos, a ponto de eu ficar assustado

BIZZ — *Você disse numa entrevista ao* Los Angeles Times *que, se havia uma pessoa na área de entretenimento que promovia a imagem das gangues como sendo glamourosa, essa pessoa era Michael Jackson*

Ice-T — Não era isso, exatamente Isso foi dito numa época em que estavam criando caso com o rap por causa da violência "Vocês são violentos — vocês têm armas." E eu "Escuta aqui, por que vocês, continuadamente, punem os rappers?" Os rappers fazem música positiva Nós estamos tentando dizer à garotada que caímos fora *(da barra pesada)* Existem mais discos anticrack feitos com rap do que com qualquer outra forma de música Eles ouvem aqueles raps de batalha .. Aquilo é pior Durante anos os artistas de rap pregam a união, a ajuda mútua. E por que essa gente cai de pau em mim? Vão cair de pau em Michael Jackson — Michael Jackson pôs gangues nos clips dele, desde "Beat It", Crips de verdade — ele usou integrantes de gangues em "The Way You Take Me Feel", em "Bad", eram bandidos de rua de Nova York. E, no clip novo ("Smooth Criminal"), ele mata uma pessoa — é um cara em busca de uma imagem machuda pra ele então usa bandidos de rua. Se quer macheza, então por que não usa policiais nos clips? Eu não estou criticando o cara, só estou caindo de pau na imprensa, porque a imprensa não cai de porrada no Michael — Michael Jackson é o queridinho da América "Ah, Michael é diferente..." Diferente o cacete — se o negócio é julgar, então vamos julgar todo mundo

BIZZ — *Como você acabou trabalhando na trilha de* Colors*?*

Ice-T — Dennis Hopper não sabia que ele queria uma trilha de rap Ele tinha Herbie Hancock pronto para fazê-la. Na medida em que ele começou a filmar, toda hora ele ouvia rap nas ruas. Ele: "Essa é a música que eu quero para meu filme. Quero que ele seja original, que seja o mais verdadeiro possível". A Warner estava pra lançar o disco da trilha e eu sou contratado da Sire, um selo da Warner. Então tive sorte, porque ele acabou ouvindo *Rhyme Pays*, uma faixa chamada "Squeeze the Trigger". E ele gostou, porque eu não tinha papas na língua e ele dizia que queria a mesma atitude no filme Dennis chegou a pensar em pôr "Squeze the Trigger" no filme... Então fui ver o filme e cheguei na cabine cheio de reservas. "O que é que esse cara fez nesse filme?" Mas o filme era legal. Era datado, mas era legal: os caras das gangues não eram anjos, mas os policiais também não eram anjos

BIZZ — *Como assim "datado"?*

Ice-T — Porque hoje, em Los Angeles, as gangues são muito mais desenvolvidas — no filme você não vê, por exemplo, bips Mas, enfim, depois de ver o filme eu pedi para fazer a faixa-título. O Herbie Hancock disse que já tinha uma canção de Rick James. Mas uma semana depois me telefonou, dizendo que eu podia fazer a faixa título. Muita gente reclamou que o filme glamourizava as gangues. Muito pelo contrário: todas as vezes em que apareciam os caras das gangues, eles estavam em carros arrebentados, horríveis, morando em prédios abandonados. E todo mundo que conhece um pouco sobre as gangues de South Central sabe que elas saem por aí dirigindo Mercedes, Ferraris. Testarossas, usando enormes jóias de ouro. Se ele tivesse mostrado as gangues dessa maneira, aí sim as pessoas iam ficar assustadaças. Os garotos do filme estão durangos mas na vida real eles têm telefones celulares no carro. Eles ganham um quarto de milhão de dólares por semana

José Emílio Rondeau

"Os rappers fazem música positiva. Dizemos à garotada que caímos fora. Existem mais discos anticrack feitos com rap do que com outros tipos de música"

INTROSPECTIVE/PET SHOP BOYS

MAIS DE 3 MILHÕES DE CÓPIAS VENDIDAS NO MUNDO!

DISCO DE OURO NO BRASIL EM DUAS SEMANAS

50 MINUTOS DE MÚSICA
INCLUINDO OS SUCESSOS *DOMINO DANCING E ALWAY*
EM DISCOS, CASSETES E COMPACT DISCS

EMI-ODEON 75

EMI

GRITOS ENTRE CHAMINÉS

O ROCK DO ABC PAULISTA

O maior distrito industrial da América Latina abriga muito mais que suas ostentosas indústrias automobilísticas e um dos ares mais poluídos da Grande São Paulo. Lá também se agita uma juventude que luta por um pólo cultural independente da capital

GAROTOS PODRES

Certas associações são inevitáveis. Involuntárias, preconceituosas ou não, elas estão sempre por aí acopladas aos chichês, reproduzindo chavões como feijão + arroz, Tonico + Tinoco, salário + reajuste, Brasil + mulatas, samba, futebol. Porem, existe uma combinação — localizada mais ou menos a vinte quilômetros da capital de São Paulo — bastante incômoda e que ha muito perdeu o sentido: ABC + poluição. Claro que as chaminés, greves, panfletarismo e todos os demais caracteres deste polo metalúrgico ainda existem. Mas essas não são as únicas relações cabíveis ao ABC. Não se não for complementado com o imprescindível além do monóxido de carbono, o ar esta impregnado de musicalidade. Isto não se restringe apenas a este conglomerado, formado, essencialmente, pelos municípios de São Bernardo do Campo, São Caetano do Sul e Santo André. Diadema e Ribeirão Pires — cidades próximas que tiveram seu crescimento centrado no desenvolvimento do ABC — partilham da não imunidade ao virus do rock. E é justamente neste chamado ABC que se pode resgatar o verdadeiro sentido do termo *banda de garagem*. A maioria — se não todos os grupos — tem essa constituição. E sem dúvida sofrem todos os reflexos que isso possa representar.

Aumentando o coro de observadores, as bandas atrás das lentes procuram a melhor forma de distorcer e focalizar a crise brabapela qual estao passando. Se levarmos em conta que crise é o termo de consenso entre nós, o que dizer quando ela abre suas asas sobre as artes? Aí ela torna-se uma só sombra. É nessa hora que várias tendências e estilos — sim, porque no ABC tem de tudo — se unem num grande ponto de interrogação. E a resposta é divisão.

De um lado temos a ideologia, do outro, o saco cheio, crivado de dúvidas e desalento. Diante deste quadro, vários grupos se dispersam — ou pior, cedem à tentação e mergulham de baquetas e tudo no rock comercial. Mas na verdade são poucas, bem poucas, as bandas que descambam para este lado. A maioria prefere manter-se sadicamente fiel a sua proposta. Sem duvida dinheiro e fama estão em pauta, mas subjugados aos princípios de cada grupo. Maduros, eles aprenderam com a necessidade uma outra palavra: flexibilidade.

Infelizmente, como já é comum nesse universo, não há espaço no ABC para os grupos mostrarem sua potencialidade. Santo André, por exemplo, em virtude de sua localização próxima à rodovia Anchieta e à ferrovia Santos—Jundiaí — duas das principais vias transportadoras de materias-primas para o resto do país —, tornou-se o segundo município em população da Grande São Paulo. O crescimento foi tão rápido que a infra-estrutura nao acompanhou o deslanche — é possível ainda observar bicicletas que se misturam aos caminhões e carros último tipo que diariamente tomam conta da rodovia. Para a apresentaçao ao vivo das bandas, a coisa se torna mais problemática. Os empresarios e proprietarios de casas noturnas nao arriscam investir sem retorno seguro. Os músicos não têm apoio local e o jeito é correr para a capital. Nesse ir e vir reina um certo cansaço e uma duvida: "Será que o único requisito é ter mesmo talento?" Uns dizem que ele está na voz, outros no som e outros, ainda, afirmam que o talento está na proposta do grupo. Porém, de acordo com a maioria, ele está mesmo nas costas — nas costas largas.

Em posição privilegiada na região, a Koes Vodius chega a seu segundo LP com as crônicas da neurose urbana

Está claro que a vida noturna e cultural oferecida por estes municípios está muito distante das necessidades de sua juventude. São poucas as opções, mas a reação à passividade é positiva. As *jam sessions* musicais — e de skate — no Paço Municipal, em São Bernardo do Campo, os shows esporádicos no Tênis Club e bares da rua Senador Flaquer em Santo André e os chopes no Baldão Bar (São Caetano do Sul) e no centro de São Bernardo do Campo afugentam o tédio. Se a falta de opção limita as apresentações ao vivo, por outro lado favorece em 90% a interação e solidariedade entre as bandas.

Muitos atribuem esse impasse cultural do ABC à falta de verbas. Afinal de contas, este é um pólo acentuadamente "proletário e metalúrgico". Mas alguns investimentos industriais comprovam exatamente o contrario e apontam quanta grana rola por debaixo da cortina de fumaça: o MacDonald's, o Mappin e o Eldorado são provas concretas disso. O que falta mesmo é uma mentalidade receptiva e adequada às transformações. Algumas tentativas, como o FAMP (Festival Andreense da Música Popular), organizado pela Prefeitura de Santo André, o extinto jornal *Rocker* e o LP *Coletânea do ABC* (86, Rocker Produções), apesar de promoverem e divulgarem a música local, não atenderam às expectativas das bandas e do público. A única rádio do conglomerado — a 97 FM, renomada no circuito paulista — também não escapa às críticas. Muitos dos grupos reclamam de seu pequeno e às vezes inexistente estímulo. Segundo Sidney Lopes, coordenador artístico da 97, a maioria dessas acusações são injustas, já

Os Devotos de Nossa Senhora Aparecida, juntos desde uma Sexta-Feira Santa no distante ano de 86

que a rádio, por ser alternativa, cumpre seu papel divulga não só as bandas regionais como as de outros estados, sem discriminação. Mais uma polêmica.

Mas, diante de tantas controvérsias, o que não se pode fazer é ficar parado. A solução é começar a se mexer e engrossar a correspondência da mídia alternativa com fanzines e fitas demo. Esta parece ser a melhor saída.

O número de bandas que surgem no ABC é crescente. E a primeira de que devemos nos lembrar é Garotos Podres. Seu primeiro LP independente *Mais Podres do que Nunca* de 85, teve sua primeira tiragem de mil cópias esgotada em três meses. Em 86/87 bateram recorde de vendagem independente com 40 mil cópias, o que comprova a grande receptividade do público em relação a suas letras e música. E deixa uma velha e eterna pergunta no ar: por que nenhuma grande gravadora investiu nesse filão de ouro? Ninguém notou ou não quis notar?

Utilizando uma ironia perversa, os Garotos Podres não perdoam — colocam a boca no microfone. Os radares aguçados detectam tudo, e a crítica, em ponto de bala, rompe a apatia. Olho no olho, abrindo mão da sutileza, eles dissecam os podres de nossa sociedade — podradas (autênticas) no conformismo. Formada em 82, conta, desde 84, com os seguintes integrantes: Mau (vocal/baixo), Mauro (guitarra), Sukata (baixo) e Português (bateria). Enquanto a maioria das bandas atribui a uma simples contingência o fato de pertencerem ao ABC, os Garotos Podres são taxativos: "A influência de estar nesse conglomerado é enorme. O rock é bem mais desarmônico e agressivo. Tem de se ter muito mais jogo de cintura para driblar o imperialismo *yankee*. As bandas pobres de São Paulo tem mais grana que as nossas porque nos começamos com menos que o mínimo necessário. O ABC é atípico, e isso está interiorizado no próprio indivíduo que nasce aqui. Sem dúvida alguma tem diferença pertencer ao maior subúrbio operário da América Latina", define Mau, enquanto torce pela união do proletariado.

Um número crescente de bandas surge num meio impregnado de fanzines e fitas caseiras

Atualmente eles trabalham no lançamento do seu segundo LP, *Pior que Antes*, que sai pela Continenta.

Paus para todas as obras, os músicos do ABC se viram. Eles mesmos divulgam, substituem integrantes de outras bandas e chegam até mesmo a se produzir, como é o caso das bandas Vermelho Mensal e Kães Vadios. A primeira, de formação exclusivamente feminina — Tania (vocal), Lilian (guitarra base), Regina (bateria) e Cristina (guitarra solo) toca todas as variações do rock sem nenhum preconceito. Alias, preconceito é a palavra-chave e o carma da banda. Mas, como sintetiza uma das integrantes, Tania, "Estamos ganhando respeito e autonomia". E estão mesmo. Prova disso é o apoio do Kães Vadios, que há cinco meses se encarrega de sua produção.

Cronistas das neuroses urbanas", os Kães Vadios desfrutam de uma posição privilegiada no ranking musical do ABC — acabam de lançar seu segundo LP, *Delirium Tremens* (Ataque Frontal), e desde 85 Halkabilly (vocal), George (guitarra), Paulo Pow (baixo) e Dems (bateria) vem contornando com determinação as placas de contramão do mercado musical brasileiro. Na garganta, o recado. Na mochila, muito psychobilly, mantendo-os praticamente como um dos poucos grupos do estilo no Brasil. Irreverentes, debocham com muito respeito das psicoses e paranóias de todos nós. Desprezando a política e o panfletarismo engajado, definem sua condição como retratistas do mundo.

Devotos de Nossa Senhora Aparecida é uma das bandas mais conhecidas do underground paulista. Estão juntos desde a Sexta-Feira Santa de 86. De lá para cá, Luiz Thunderbird (vocal/baixo), Betinho Junqueira (guitarra/violão acústico e efeitos), Ricardo Coração-de-João (bateria/percussão) e Claudio Hard Rock Beethoven (trombone, sax, guitarra e backing vocal) vem tocando muito rock n' roll parapsicodélico. Entre o *funny*, o kitsch e o hisgérico, os Devotos avacalham o ecumênico. Enquanto eles vão mascando hóstias e dando chaves de braço no Papa, a banda Cinta Liga assume uma postura diferente.

Para seus integrantes — Neto (baixo, principal compositor), Zezo (bateria), Edu (guitarra), Denise (vocal) e Ronaldo (guitarra) juntos há quatro meses —, religião e política não merecem destaque especial. Segundo Neto, esses temas são depressivos, e a população está em contato com eles diariamente. O importante para essa banda de Santo André é criar um antídoto para atenuar esse choque. E para isso nada melhor do que o bom e velho rhythm'n'blues.

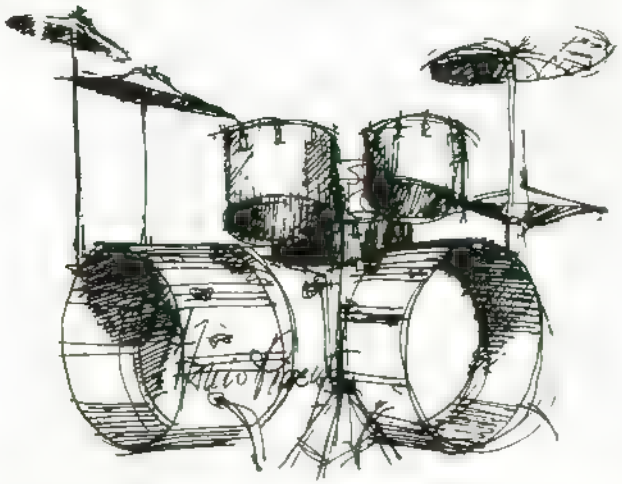
Já o Epílogo prefere jogar com os antagonismos. Os meninos de Ribeirão Pires, Beto Moraes (vocal, compositor), Mauro (bateria/compositor), Marcelo (guitarra), Amaldo (baixo) e Davi (sax), provam que protesto e baladas casam muito bem com funk, pós-punk e rock n' roll. "A meta é caçoar da comodidade", define Beto Moraes, um dos remanescentes da primeira formação do grupo.

O Corte Marcial, outro grupo já idoso do ABC, está vivendo uma de suas piores fases. Formado em 82, conta atualmente apenas com dois integrantes — o baterista Fernando e o vocalista Buba. "Infelizmente não dá para viver só de música. Isso exige muito capital e tempo disponível, e eu tenho de trabalhar", desabafa Buba sobre a condição e a separação dos outros integrantes.

Mas nem tudo é espinho. O ABC está mudando, por força de toda essa proliferação de bandas, dessa investida em massa. Está despontando para uma nova mentalidade, bem mais forte e atuante. Sem essa de que jovem não sabe o que quer. Eles estão aí para fazer valer o seu recado.

Patrícia Cardozo de Faria
Colaborou *Margareth de Moraes*

2º ENCONTRO BRASILEIRO DE BATERISTAS



Agarre esta chance de mostrar seu talento junto aos maiores bateristas do Brasil

1º prêmio
Uma bateria "DRUM SERIES" ROCK com dois bumbos, dois tons-tons, surdo e caixa. Equipada com ferragens e pedais.

2º prêmio
Uma bateria "DRUM SERIES" FUNK com um bumbo, dois tons-tons, surdo e caixa. Equipada com ferragens e pedais.

3º prêmio
Uma bateria "DRUM SERIES" STUDIO com um bumbo, dois tons-tons, surdo e caixa. Equipada com ferragens e pedais.

Prêmio Especial.
Uma bateria eletrônica ao melhor solo ou programação para bateria eletrônica e periféricos.

Como participar

Grave um solo de bateria em fita cassete de aproximadamente 2 (dois) minutos. Envie a fita junto com o cupom de inscrição para a ESCOLA DE MÚSICA DRUM - Rua Edson, 96 CEP 04618 - Brooklin - São Paulo SP, respeitando as normas do regulamento.

Regulamento:

1 - O solo deverá consistir apenas da performance do baterista, sem acompanhamento de músicos.

2 - O solo deverá ser de natureza original. Reproduções previamente gravadas ou solos já escritos não serão aceitos.

3 - Só aceitaremos uma fita por concorrente.

4 - A fita deverá ser marcada com o nome do baterista, endereço e número do telefone (marque no corpo da fita e não na caixa).

5 - O cupom de inscrição deverá ser remetido junto com a fita. Não envie outro tipo de material escrito, com cartas ou foto. Se o concorrente tiver menos de 18 anos, um responsável deverá assinar por ele.

6 - Só participarão do concurso os cupons que chegar em nossas mãos até **05/03/89.**

7 - As fitas tornar-se-ão propriedades da ESCOLA DE MÚSICA DRUM LTDA e não serão devolvidas.

8 - Serão selecionados 20 (vinte) melhores solos e interpretados ao vivo para julgamento em local e data pré-determinados.

9 - Os finalistas serão notificados e seus nomes publicados na revista BIZZ de abril.

10 - O transporte e hospedagem dos finalistas correrá por conta dos organizadores do evento.

11 - A qualidade do som da fita não contará pontos na escolha. Os solos serão analisados pela originalidade, técnica, imaginação e musicalidade, não importando o estilo ou gênero a ser usado.

12 - Será permitido o uso de acessórios eletrônicos.

Como fazer sua inscrição

Aos candidatos, será cobrada a taxa de 01 (uma) OTN do mês vigente, que deverá ser enviada a ESCOLA DE MÚSICA DRUM LTDA, em forma de cheque nominal cruzado, junto com a fita e a ficha de inscrição.
As inscrições também poderão ser feitas diretamente na escola, bem como a gravação em seu estúdio.

Envie este cupom junto com a fita para:
Escola de Música Drum Ltda
Rua Edson, 96 - Brooklin - CEP 04618
São Paulo - SP

Nome _____
End. _____
Cidade _____
CEP _____ *Estado* _____
Tel _____

Realização

DRUM
Rua Edson, 96
Brooklin - CEP 04618
São Paulo - SP
Tel. (011) 533-7721

Apoio Cultural

BIZZ

WORLD MUSIC

O CALDEIRÃO EFERVESCENTE DO TERCEIRO MUNDO

O mapa da música se expande. O boom afro de alguns anos atrás foi acrescido agora de sons vindos da Ásia, do Oriente Médio, da América Latina e da Europa Oriental. O que até agora só merecia os adjetivos "exótico" ou "folclórico", virou a febre do Primeiro Mundo — toca no rádio, está nas paradas... É o futuro? Ou é apenas mais uma jogada do mercado?

Já há dois mil anos o historiador Plínio, o Velho, escrevia que "sempre há alguma coisa nova vinda da África". No umbral do terceiro milênio o ocidente branco, afluente e, em teoria, civilizado descobriu finalmente que alguma coisa nova não só vem da África como do Oriente Médio, do Islam, dos Bálcãs, da Ásia Oriental, dos confins da América do Sul. Essa é a questão de fundo em torno da world music — um dos rótulos capitais da indústria transnacional da música a partir de 87.

World music é um guarda-chuva de marketing. Significa "música de todo o mundo". Não significa uma acumulação de sons, aos quais os ouvidos do primeiro mundo — teoricamente América do Norte e Europa Ocidental — não estão acostumados. Qualquer ritmo brasileiro, do maracatu ao samba de breque, entra no rótulo world music. Essa estratégia confere às gravadoras internacionais uma capacidade de manipulação conveniente e infinita. O contato com culturas distantes, para o público consumidor hiperafluente da Europa, da América e do Japão, não fica mais reduzido a visitas a museus. Livros como *The Rest of the Nuba*, de Lem Riefenstahl, ou uma voltinha por certos guetos terceiro e quarto-mundistas de Londres, Paris ou Nova York. World music é o melhor golpe de marketing da indústria desde a exploração comercial do punk. Europeus, quando largam seu "ar condicionado para irem à África, sofrem profundo choque cultural. Reclamam que é sujo, quente, cheira mal e não tem suco de laranja geladinho espremido na hora. Muito melhor ouvir world music no CD do Volvo familiar. Boa parte desse público afluente tem viajado muito em suas cadeiras de design milanês. Até já aprendeu as variações geográficas relacionadas com os diferentes sons — mbaqanga, sungura, soukous, zouk. Exulta com as variações nigerianas entre o high-life, a ju-ju music e o afro-jazz de Fela Khuti. Sabe de cor alguns cantos superpostos à indestrutível batida das *townships* de Soweto. Compra toda a produção de selos ingleses especializados, como Earthworks, Globestyle e Stern's.

O possível mercado de massa no ocidente para a música do Islam, do Oriente Médio e do Norte da África (especialmente Marrocos, Argélia e Sudão), foi detectado a partir da agitação em torno dos *aiatalah* da disco-queen iemenita Ofra Haza (chupada por Cold Cut no já famoso remix das feras do gueto Eric B & e Rakim) e encorajado pela paixão de estilistas de salão parisiense pela música rai. Uma das questões iniciais que a indústria se propôs foi a seguinte: como provocar a demanda de massa para as torturadas autolambadas islâmicas de clones de Tom Jones em cima de uma trilha artificial de estúdio?

Já existia uma demanda em escala razoável. Uma prova prática, em Londres, foi a delícia indiscriminada acionada pelos shows dos Bhundu Boys, de Zimbábwe, em 87. Até que enfim as classes médias tinham sua chance de pular, como na desrepressão da era punk. Cenas memoráveis agora eram visíveis em todo concerto afro. Quem fica na frente solta seus membros descoordenados, mexe as nádegas em uma curiosa imitação das esposas de Fela e entra em clímax, como se estivesse em uma cerimônia de pentecostalistas americanos regida pelo gospel. Quem fica atrás veste-se com detalhes étnicos e acompanha as complexas batidas com discretos movimentos dos quadris.

Paris é a capital da world music, seguida de longe por Londres. Músicos africanos pós-segunda Guerra Mundial entraram na cena musical parisiense através do jazz. Durante os anos 50 e 60, estilos de pop africano francófono começaram a chamar a atenção: o makossa, da República dos Camarões, e o soukous, uma dance music do Congo baseada na rumba. Manu Dibango, cujo passaporte original é dos Camarões, estourou em 73 com um sucesso de crossover, "Soul Makossa". A partir daí, a cena musical afro-caribenha de Paris rapidamente ultrapassou a londrina em importância.

Há várias razões. Paris tem uma população considerável de afro-caribenhos — pelo menos 500 mil, incluindo os africanos do norte e os clandestinos. Diverte-se com um elã incontrolável na puritana Inglaterra "Deus, Pátria e Trabalho" de Margaret Thatcher. Dezenas de restaurantes variam do extrachic a botecos rumorosos como o Fourou Tora. Nos night-clubs das duas margens do Sena, os "sapeurs" do Zaire, jovens dândis, desfilam suas roupas de designer compradas a peso de couro (não sul-africano) até as cinco da manhã (em Londres os night-clubs fecham no máximo entre duas e três). Nos subúrbios do norte da cidade, salões municipais ficam entupidos nos fins de semana com os shows-bailes de bandas visitantes, diretamente das matrizes afro. E desde o início dos anos 80 surgiram pelo menos 40 pequenas estações de rádio independentes na capital francesa, para atender a diferentes comunidades e grupos de interesse.

O "reconhecimento" europeu traduziu-se no surgimento de hits. O esplendido álbum de 87 do mestre albino do Mali Salif Keita (*Soro*), e o hit single de 88 do guineense (ou seja, natural de Guiné Bissau), Mory Kanté ("Yeke Yeke") pegaram qualquer desavisado da rua, após uma conveniente cirurgia cosmética de crossover. Com sua voz que corre três oitavas, e com seu "Im Min Alu", produzida nos estúdios de Trevor Horn (o homem que inventou o som do Frankie Goes To Hollywood), Ofra Haza colocou a disco-music iemenita no mapa-mundi. A sensualidade de seus mix e a beleza pessoal desta israelita obliteraram até mesmo suas concorrentes européias no mercado, como a pin-up do balearic beat, Sabrina.

'88: a world music invade as rádios

O mix de sons da África francófona, pop europeu e zouk das Antilhas francesas, só poderia provocar uma dance-music exuberante, em contraste com as ameaçadoras e/ou ensurdecedoras batidas do hip-hop e da house music, que dominam a cena noturna londrina. Max Roach, baterista de jazz emérito, já disse que o hip-hop não é música: é um exercício sônico. O mérito principal de disc jóqueis londrinos e scratchers nova-iorquinos tem sido capturar uma série de ortodoxias étnicas da world music, e confrontá-la com a blasfêmia das beat boxes e osciladores. Vide o trabalho de colagem de Cold Cut.

É muito instrutivo comparar, por exemplo, o mix original de "Yeke Yeke", exuberante, com o remix acid house londrino — obsessivo, megatecnológico. Mory Kanté é um "griot", um músico hereditário do povo mandinga, treinado para cantar sua história oral. É também um mestre da "Kora", um instrumento de 21 cordas de forma talica, que soa como uma harpa. Mory pegou um canto tradicional do campo — uma mulher que não consegue arar a terra porque seu bebê está chorando — e o transformou em um top 10 hit das paradas européias em 88. O "mistério" está no mix, quando ob-

O afro-jazz de Fela Kuti (ao lado) e o makossa de Manu Dibango (acima) são os veteranos da invasão. As últimas resistências foram vencidas pela iemenita Ofra Haza e pelo guineense Mory Kanté (na página anterior)

servamos Mory ao vivo. Sua marca registrada é um tenor forte, em contraste com os vocais da garota de sua banda. Como cantor e como músico, ele está na mesma classe de Salif Keita e Youssou N'Dour. Não hesita em pilhar a vulgaridade europop, chegando a incitar a platéia a coninhos estilo Abba. Tem uma seção de saxofones extra-radical chic: um francês e uma sueca, vestidos como um par de vikings psicodélicos, mas impecáveis ao atacar riffs em estilo zouk para pontuar as canções de Mory. E atrás, segurando todas, temos dois dos principais músicos de estúdio africanos em Paris, o baixista Willy N'For e o baterista Kuo Joseph.

Brian Eno e David Byrne fizeram um clássico pré-world music em *My Life in the Bush of Ghosts*. Peter Gabriel pesquisa world music desde o início da década e deu todo o impulso possível à exposição de Youssou N'Dour. David Byrne vai a Paris a três por dois para pilhar sons africanos, tanto para os Talking Heads quanto para suas trilhas de cinema, teatro e dança. Philip Glass pilhou todo o globo para construir a trilha sonora de *Powaqqatsi*, o filme de Godfrey Reggio, seu libelo edulcorado contra o abismo norte-sul planetário (mas o melhor momento da trilha de Glass é uma intervenção solitária de Ali Farka Toureh). Os cantos de Soweto produzem os momentos mais emocionantes de *Um Grito de Liberdade*, o grito liberal de Richard Attenborough contra o apartheid. Quem nunca ouviu ritmos sul-africanos ou aborígenes teve sua chance na transmissão global via satélite do concerto em homenagem a Nelson Mandela — onde duas das melhores intervenções foram de Youssou N'Dour (Senegal) e Salif Keita (Mali). As prateleiras de supermercados musicais, como a Virgin e a Tower Records, contêm filas intermináveis sob o rótulo world music. E nas paradas encontramos de tudo: folk irlandês, cantos religiosos do Kuwait, tambores de Bali, música cigana da Romênia, cordas da Bulgária, "Jive" de Joanesburgo, dessacralizações do pop japonês e do pop fundamentalista italiano, e uma ofensiva da rai music da Argélia.

O rai é um som de rebeldia juvenil. Seu santuário são os bordéis em torno do porto argelino de Oran, longe dos braços integralistas da elite religiosa dominante. Oran está na costa do Mediterrâneo, perto do Marrocos. O Marrocos tem farta influência espanhola. O rai de fascínio popular surgiu de um berço absolutamente mix: beduíno, espanhol, francês, leste marroquino e "gnaoui" (África do norte negra). Cresceu em uma atmosfera descontraída da Riviera, entre cafés de night-clubs de variadíssimos graus de respeitabilidade. É um som que contém um forte elemento de prazer carnal. Quando estourou no fim dos anos 70, começo dos 80, era o som dos jovens punks locais. Preocupações de rigor: sexo, drogas e carros. Sexo é sempre um problema em um Estado islâmico conservador (e socialista). Drogas, só mesmo álcool. E carros, só mesmo os Mazdas dos japoneses, porque Corvettes e Thunderbirds são inencontráveis.

Como diversas variantes da world music, o som começou a aparecer nos megaguetos de Paris, Lion e Marselha. O tam-tam eletrônico foi acionado pelos exércitos de combatentes do tédio em Paris, Londres e Tóquio. Resultado: o Estado islâmico passou a promover seu novo produto de exportação. Rai passou a ser "respeitável".

Rai: a "opinião" dos jovens árabes

Invejável estatuto para um som de revolta e com mensagens iconoclastas. Rai significa "opinião" em árabe. O refrão standard "ha-ya-rai" vem do início do século, em cantos de pastores beduínos. Funciona como uma espécie de "oh, yeah" do pop ocidental. O trompetista Massaoud Bellemou, nos anos 50, foi o responsável pela formação do "moderno som de Oran". Introduziu seção de metais, acordeão e guitarras elétricas, que terminaram eliminando as tradicionais flautas, minipercussões e violinos. Nos anos 60, Bellamou começou a trabalhar com uma jovem vocalista, Chaba Fadela, atenta à evolução do rock n' roll. Daí surgiu o pop rai, com um hit de Fadela em 79. Todo mundo, depois disso, queria ser rai star — e todos êmulos de ícones ocidentais. Os garotos adicionavam a seus nomes o prefixo "cheb" (garoto). As garotas, "chaba" (garota; que mais?).

Os chebs eram classe operária. Cantavam em casamentos, festas, cabarés e gravavam sua produção em cassetes crus para o mercado em constante expansão. Um produtor, geralmente o dono de uma loja de cassetes, pagava uma ninharia para um cantor e sua banda e gravava ao vivo em estúdio de fundo de quintal, sem ensaio e sem mixagem posterior. No meio dessa anarquia, terminaram aparecendo os Berry Gordy e Phil Spector do rai, os irmãos Rachid e Fethi Ahmed. Tinham uma banda de rock chamada The Vultures nos anos 60. Descobriram que música popular árabe gravada em um estúdio de oito canais poderia ser um grande negócio nos anos 70.

Entre as chabas, a rainha ainda é sem dúvida Fadela, casada e feliz mãe de família. Sua grande rival é a marroquina Chaba Zahouania — proibida pela família de aparecer na capa de seus cassetes, onde é substituída por modelos. O rei do rai, e em breve ídolo pop internacional, é o indiscutível Cheb Khaled. Toma duas garrafas de uísque por dia. O governo já chegou a lhe negar emissão de passaporte. Representa para os argelinos o que George Michael representa para os ingleses (e canta melhor).

O pop star senegalês Youssou N'Dour

Rai vende horrores. Centenas de milhares de cassetes, na Argélia e no oitavo "arrondissement" de Paris — o Goutyte d'Or, convertido em um gigantesco souk. As estrelas do rai cantam não só para milionários bebados nos cabarés da Argélia como animam concertos de gala nos subúrbios parisienses. O som já está entrando em uma nova fase de luxo. Cheb Khaled, que costumava gravar um disco inteiro por um cachê fixo de oito mil dólares, gravou seu último LP com um produtor francês e, só de estúdio, a conta chegou a 160 mil dólares. O som é dramaticamente disco — imposição para conquista de mercado. O problema é que, para empatar com os gastos, este disco de Khaled precisa vender pelo menos 180 mil cópias, o que não é fácil para um som que só agora está aparecendo no mercado mundial.

Quanto mais variantes da world music sonham com o estouro de massa, mais se afastam de Paris. Os estúdios locais não são tecnicamente tão avançados quanto os de Londres. Gravadoras francesas não têm a mesma experiência de marketing das mega-americanas e inglesas. Aspirantes a superstars, como Youssou, Salif ou Alpha Blondy — o reggae man da Costa do Marfim —, têm de pensar em termos de sucesso na Inglaterra e EUA, mas o rai e outras variantes de world music podem não suportar a ofensiva em busca dos megadólares. Vide o que aconteceu com a Island, em 82. A gravadora não conseguiu vender King Sunny Adé para o público de massa. Todas as gravadoras se livraram de seus africanos recém-contratados como se fossem uma praga. Com a expansão do mercado sob este abre-te Sésamo — world music — o problema não se repetirá.

Há dúvidas quanto à penetração de camadas de world music no Brasil. Depende do interesse de gravadoras e de se vencer uma série de preconceitos culturais espargidos por medíocres profissionais em seus gabinetinhos burocráticos. Se não acontecer nada, é muito simples: basta pegar um avião para Paris, a meca dos sons da África e da Ásia, entrar no metrô, descer na estação de Barbès-Rochechouart, e pronto: bem-vindos à melhor sala de visitas musical do terceiro mundo (e do quarto, e do quinto, e do sexto...).

Por Pepe Escobar, de Milão

PIRATAS DE TODO O MUNDO, UNI-VOS!

Tudo bem. World music é um rótulo inventado pelos marketeiros da indústria fonográfica, mas até aí morreu o Neves. Rótulos e mais rótulos são produzidos todos os dias. A maioria desaparece em questão de segundos. Um rótulo só vinga quando entra em sintonia com o espírito de sua época, satisfazendo os misteriosos desejos de um público sempre à cata de novidades.

World music é um fenômeno típico dos anos 80. Como rótulo é um tanto vago. Eu prefiro *global pop*. É mais claro e preciso, vai direto ao assunto. Porque aqui é o pop que interessa e não qualquer música tradicional criada num cafundó perdido do planeta. Em outras palavras: o "Terceiro Mundo" deixa de estar condenado a repetir eternamente uma fajuta macumba para turistas, classificada e "preservada" como autêntica. Os músicos da periferia — ou seja, fora da Europa e dos Estados Unidos — reivindicam seu direito à modernidade, à eletrônica, ao rock, ao funk, ao diabo a quatro. E não essas experimentações eletroétnicas que, sob a etiqueta de world music, conquistam seu espaço merecido num mercado internacional finalmente menos preconceituoso.

A mixagem cultural não é exatamente algo de novo. O pop primeiro-mundista sempre pirateou as tradições musicais de outros continentes. Albert Goldman, o autor da biografia excomungada do Santo John Lennon, escreveu em 68 um brilhante ensaio chamado *A Emergência do Rock*, que já continha a seguinte afirmação: "Hoje, o grande ideal cultural está encapsulado na diminuta palavra *mix*". Para fundamentar sua "profecia", Goldman citava tudo o que o rock pilhou: blues, hillbilly, raga indiana, ritmos africanos, madrigais, cantos gregorianos, música concreta etc. etc. etc. Prova? Você nunca ouviu *Sergeant Pepper's*?

A pilhagem continuou através dos tempos e continua: Malcolm MacLaren (até que enfim um pirata sem vergonha, que não precisa da máscara "bem-intencionada"), Talking Heads, John Zorn, Mark Kamins. O sampler e o scratch facilitam o roubo cultural, mas a concorrência aumenta. O "Terceiro Mundo" dá o troco. A banda Integrated Circuit criou o reggae filipino. Mahmoud Ahmed é o maior ídolo do jazz-rock etíope. Surachai Sumbatcharon revolucionou o luk tung, a disco music tailandesa. O grupo Pata Negra, do sul espanhol, juntou punk e flamenco. Os filhos dos imigrantes indianos fazem a mixagem bhangra/acidhouse. No Brasil... Bem, essa história você já conhece.

Se o ensaio de Albert Goldman fosse reescrito em 89, talvez, no lugar de mix, deveria ser empregada outra palavra minúscula: *zap*. Não tem nenhum segredo, zap é a era do controle remoto cultural. Com a maior facilidade, muda-se de "canal" em tudo: comida, música, roupa, estilo de vida. Você pode almoçar num fast-food turco, vestido com roupas japonesas, escutando pop indonésio. Você pode (aconteceu comigo, eu juro) estar viajando do Zaire para a Costa do Marfim num 767 da Air Ethiopia e encontrar, na poltrona ao lado, um jornal do Quênia anunciando concertos de bandas bhangra londrinas ainda desconhecidas pelo mais bem informado jornalista britânico.

Zapear é a maneira mais divertida de destruir as velhas hierarquias artísticas e possibilitar trocas culturais independentes da atuação dos grandes meios de comunicação de massa. Como os casos do hip hop no Rio e em Nova York, do reggae em São Luís e em Kingston, do zouk na Martinica e em toda a África. World music? O rótulo não é tão importante. Basta fazer uma constatação muito simples: já vivemos em um novo planeta.

Hermano Vianna Jr.

SUPERTRAMP

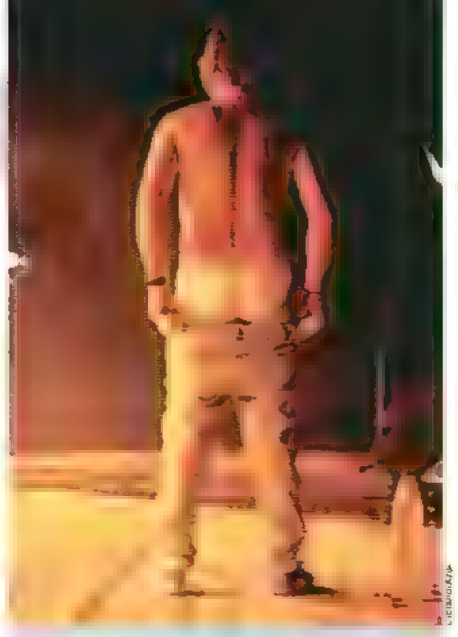
LIVE '88

Desde o antológico "Paris",
que registrou o fulminante concerto do Supertramp na capital Francesa,
o público vinha pedindo mais um.
"Live", o novo disco do Supertramp, foi gravado ao longo da explosiva tournée do grupo.
Tournée esta que nasceu no Brasil.
Esta passagem por aqui é descrita pela banda
com muita emoção na contracapa do disco.
Detalhe: A versão brasileira do Lp "Live" é a única no mundo
que traz o sucesso "Free as a bird" ao vivo.

EM DISCO, COMPACT DISCS E FITAS DE CROMO BASF

PolyGram

ULTRAJE A RIGOR



COMO CRESCER SEM PERDER GARRA E BOM HUMOR

Não é fácil. Mas é este processo que o *Ultraje a Rigor* quer mostrar em seu terceiro LP, *Crescendo*. E, para a delícia dos fãs, eles preparam outro disco, feito só de covers

Os meninos cresceram. Não fazem mais perguntas embaraçosas sobre sexo, nem ameaçam invadir territórios vizinhos armados de vitrolinha, farofa e galinhas. Também não estão mais preocupados com a anatomia de vacas e outros bichos, ou nutrem dúvidas adolescentes sobre amor-próprio. As preocupações do Ultraje a Rigor, agora, são bem outras. Como a Constituinte, por exemplo — tema que mereceu uma das análises mais profundas de sua história, na faixa de trinta segundos que fecha o novo LP *Crescendo*. Outro exemplo de amadurecimento é uma releitura do complexo de Édipo, na faixa "Querida Mamãe". Mas provavelmente o melhor exemplo é mesmo "Chiclete", com seu refrão histórico: "O chiclete que você mastiga não é igual ao meu"

Há chicletes e chicletes", explica Roger Rocha Moreira, incisivo. É sério. Não devem existir dúvidas de que, afinal, o grupo cresceu. "Mas isso não quer dizer que a gente tenha de adotar uma postura de adulto, ficar se reprimindo. Crescer é achar um equilíbrio." Da mesma forma que *Nós Vamos Invadir Sua Praia* e *Sexo!!*, o novo LP do Ultraje foi elaborado em torno de um só conceito. Todas as catorze faixas, de uma maneira ou outra, tratam da difícil arte de amadurecer, sem perder (ou perdendo) a inocência. Roger acha que a banda tem que acompanhar o crescimento do público. "A gente sabe que os nossos fãs estão ficando mais velhos. Então, em vez de ficar só criticando, agora apontamos nossas conclusões."

É o que acontece em "Filha da Puta", a possível — se deixarem — faixa de trabalho do LP. "Morar nesse país é como ter a mãe na zona. Você sabe que ela não presta e ainda assim adora essa gatona." A lógica da letra é irrefutável, como explica o próprio Roger: "É uma música patriota. E já que a mãe tá na zona, somos todos filhos da puta." Para aqueles que decidirem substituir a censura oficial (extinta?) pela interna, não menos reacionária, o grupo preparou uma versão "soft", excluindo o temido palavrão.

É um retorno do Ultraje aos temas pontuais? Afinal é deles um dos melhores exemplares do que já se fez nesse campo: "Inútil", considerado por muitos como um clássico da música popular brasileira. "É um clássico. Além de ser um puta poema, entrou na hora certa, definiu total. E como 'Filha da Puta' que também é uma puta definição" diz Roger. Mas a faixa que melhor reflete a postura política atual do grupo é "Constituinte", uma descrição do que se passou em Brasília nos últimos meses — encerrada apropriadamente com a frase: "Você também dançou"

Crescendo é rock básico, pesado, com direito a solos de guitarra e gritos primais. "É o disco que a gente sempre quis fazer, passando tudo o que o Ultraje é ao vivo", explica Serginho. Para conseguir esse resultado, a banda resolveu produzir o disco, ao lado de Paulo Junqueiro. "Usamos tudo o que a gente tinha aprendido com o Limonha, que produziu os outros dois", conta Leospa. Pela primeira vez o vinil trará faixas instrumentais — ou quase, como "Os Cães Ladram Mas Não Mordem e a Caravana Passa", repleta de solos caninos, ou a faixa-título, que tem a participação do amigo Bob Fucker nos vocais indecifráveis.

A alegria esfuziante de *Crescendo* lembra em muito o clima do início de carreira do Ultraje, registrado em *Nós Vamos*... Prova disso é a inclusão de várias músicas antigas, inclusive duas de Edgar Scandurra ("Ricota" e "Chiclete"), compostas na época em que este ainda era integrante da banda. Dá para apostar numa segunda invasão? "Não acreditamos num estouro como o do primeiro disco, mesmo porque não somos mais uma banda nova", adianta Leospa. Mas talvez seja a hora de recuperar os pontos perdidos com *Sexo!!*, um disco polêmico, desprezado pela crítica e pouco executado em rádio — embora tenha sido sucesso de vendagem (com 320 mil cópias vendidas contra as 400 mil de *Nós Vamos*...). "*Sexo* foi feito no meio de uma crise; o Carlinhos saiu durante as gravações."

> **"Machistas, antigays, animais, trogloditas. A gente acha legal, pelo menos provoca uma reação"**

Mas a gente gosta, tem coisas ótimas, embora seja o mais fraco dos três. Falta o som da banda", explica Roger. Mais do que críticas negativas, *Sexo!!* rendeu ao grupo uma série de acusações. "Machistas, antigays, animais, trogloditas... A gente acha legal, pelo menos provoca uma reação, ninguém fica indiferente", acrescenta Roger.

Para uma banda que trabalha numa área tão escorregadia quanto o humor, esse tipo de reação não chega a surpreender. Mas eles fazem questão de enfatizar que o humor do Ultraje não é grosseiro. Quem faz a defesa é Roger: "O que a gente faz é mostrar as coisas grosseiras que estão por aí e todo mundo esconde, por falso moralismo". É possível sustentar um trabalho musical em cima do riso? "Sim", diz Maurício, "porque a gente trata de assuntos sérios". "A gente avacalha com as concepções que estão arraigadas nas pessoas", completa Roger.

No momento, um dos alvos preferidos da avacalhação é o uso que muitas bandas vem fazendo dos recursos eletrônicos. Para elas, o Ultraje fez "Secretários Eletrônicos", uma vinheta composta e tocada por Roger. É a única concessão do grupo aos teclados em geral — todas as outras faixas do disco são baseadas na velha fórmula baixo-guitarra-bateria. Roger desmente o radicalismo da banda: "Não somos contra samplers, sintetizadores. Só que tem que ser muito bem usado, como os Titãs fizeram, por exemplo. Se deixar, aquilo toca sozinho." A onda recente de letras em inglês também é mencionada em "Ice Buckets" ("Baldes de Gelo"), a primeira incursão do Ultraje em uma língua estrangeira. E há ainda uma tentativa de chegar a um rap mais adequado aos padrões brasileiros, em "Crescendo II — A Missão (Santa Inocência)" — que descreve as agruras de um idealista perdendo a ingenuidade. "Os caras que fazem rap no Brasil, com exceção do Fausto Fawcett tentam imitar os de fora. Mas, como a gente não fala a mesma língua, fica meio besta."

Há pelo menos uma faixa no disco que não se parece nem um pouco com o que o Ultraje fez até aqui. É "Laços de Família", uma música do guitarrista Serginho Serra, com uma letra angustiada, sem pausa para piadas. "Pais e filhos encurralados e sufocados / em laços de família..." Também de Serginho é "Querida Mamãe", que narra a tentativa insólita de um filho para se livrar dos carinhos da mãe. A mudança de espírito é flagrante e facilmente explicável: "A primeira foi composta quando eu ainda não estava no Ultraje".

Para os fãs de longa data, a banda prepara uma grande surpresa, com lançamento previsto para outubro: um LP inteiro de covers. "Não é o nosso quarto disco", insiste Roger, "é um trabalho intermediário para colecionadores". É também um registro da história do Ultraje — para quem não se lembra, o nome do grupo refere-se ao costume que a banda tinha de ultrajar os clássicos do rock'n roll, em versões pouco fiéis aos originais. Entre outras preciosidades, o LP terá "Twist and Shout" e "I Wanna Be Your Man", dos Beatles — esta última, traduzida como "Eu Quero Te Comer" —, "For Your Love", dos Yardbirds, e "Pode Vir Quente que Eu Estou Fervendo", de Carlos Imperial.

O lançamento do disco, em março, deve ser em grande estilo — a exemplo de 86 quando o Ultraje parou a avenida Paulista, em São Paulo, para a promoção de *Sexo!!* Desta vez, a cidade escolhida para o pontapé inicial é o Rio — embora o grupo comece a excursionar em janeiro, com um mix já tocando nas rádios. Isto é, se ainda houver espaço para o rock da banda na embregalhada programação das FMs. "Nós temos um público fiel, não dependemos mais de rádio. E é um público variado, tem criança, velho, motorista de caminhão...", diz Leospa. Para quem não sabe mais o que esperar do grupo, Maurício manda um recado: "Podem se preparar para dançar rock, porque esse disco é uma porrada". Roger finaliza: "Se depender da gente, os roqueiros não vão ficar órfãos."

Marisa Adan Gil

HARRY

À DISTÂNCIA DOS PADRÕES POP DO BRASIL

Dispostos a enfrentar o concorridíssimo mercado internacional, Cesar, Johnsson, Hansen e Verta lançam *Fairy Tales*, um marco na produção de discos nacional. Aqui, eles explicam a opção do Harry pelo tecno com sotaque inglês e ainda soltam farpas contra alguns colegas de profissão

A primeira pergunta que vem a mente após a audição de *Fairy Tales*, o primeiro LP do Harry, é também a mais difícil de ser respondida. Isso é rock nacional??? Sim e não. Se é verdade que Verta (teclados), Hansen (vocais, guitarra) Cesar (bateria) e Johnsson (baixo, teclados) nasceram e passaram boa parte de suas vidas em Santos (SP), é inegável, porém, que o seu trabalho está a alguns anos-luz de distância do que se convencionou chamar de rock brasileiro. Não pelas razões óbvias — todas as letras são em inglês, assim como o próprio nome do LP (*Contos de Fada*). O que deixa o Harry à frente de seus conterrâneos é o extremo cuidado com os detalhes de gravação, que coloca desde já o disco do grupo como um dos mais bem produzidos de 88. (Detalhe: a produção é do tecladista, Verta, e a gravação foi feita no esquema independente, via Wop Bop.)

"A gente soa como uma banda importada", afirma Hansen. "Se você pegar as bandas que estão nas 'multis', vai perceber que as gravações seguem um padrão ditado pelo produtor. O nosso disco foge desse esquema de produção nacional completa." Verta, Na mixagem, a voz de Hansen está em segundo plano, submersa na massa sonora formada pelos instrumentos e por uma saraivada de recursos eletrônicos. O som tecno da banda, aliado a uma queda eventual para ritmos dançantes, já fez com que muita gente os comparasse ao New Order. Para Verta, isso é resultado da desinformação da imprensa. "Só porque usamos um baixo sequenciado, as pessoas fazem a comparação. Eu e o Cesar gostamos muito mais do Giorgio Moroder (um mago dos sintetizadores que produziu vários LPs de Donna Summer) do que do New Order." Na verdade, o leque de influências é bem maior: de Beatles a Test Department, passando por Velvet, Doors, Clash, Who, Skinny Puppy, Front 242.

Quem já conhece o Harry através do mini-LP com quatro faixas lançado em junho do ano passado pode ter uma surpresa com esse novo lançamento. Em primeiro lugar, mudou a formação. Saiu Denise, vocalista, e entrou Verta, que na época atuava apenas como produtor. Segundo Hansen, foi um processo natural, já que a cantora nunca esteve realmente integrada à banda. "Quando assinamos com a Wop Bop era a época da new wave brasileira, e achamos que não ia dar pé gravar em inglês. Por isso chamamos a Denise, que fazia umas letras em português." Não por coincidência, a única faixa do mini que se encaixaria no trabalho atual é justamente "Blood and Shame", que, além do idioma britânico, já conta com os teclados de Verta. A mudança de formação correspondeu uma mudança de conceito — os elementos acústicos e a postura pop foram definitivamente abandonados em favor da experimentação no estúdio.

As letras são um capítulo à parte. Embora em *Fairy Tales* a maioria das faixas seja de Hansen, a verdade é que todos compõem. Em inglês. "Tem uma sonoridade melhor", justifica Hansen. "Além do mais, em qualquer parte do mundo, quem quer atingir um público maior grava em inglês. É só no Brasil que existe essa mentalidade." Verta está cansado daqueles que acusam o Harry de negar a nacionalidade. Para ele, muitas bandas estão usando "influências brasileiras" apenas para ganhar respeitabilidade. "É o maior cinismo! Primeiro o Herbert Vianna toca um pastiche de Police, depois vem e fala, 'Ah, eu descobri o Gilberto Gil na minha vida'. Isso é cinismo descarado!" Barreiras linguísticas à parte, as letras do Harry estão mais para contos assombrosos do que histórias de fadas. Palavras como "death", "pain" e "horror" ocupam o centro nervoso dos versos de Hansen. Afinal, diz ele, "a morte é natural, e a dor está sempre por perto".

O Harry — nome emprestado de um personagem de Oscar Wilde em *O Retrato de Dorian Gray* — não tem ilusões quanto à provável repercussão desse trabalho junto à média tupiniquim. Por isso mesmo é que eles preferem tentar um salto maior, em direção ao concorridíssimo mercado internacional. "É mais fácil tentar alguma coisa lá fora do que ficar ganhando uma miséria tocando nos lugares em que a gente toca", adianta Verta. As negociações com um selo inglês estão em andamento, embora não haja nada de concreto, por enquanto. Mas será que o Brasil tem mesmo condições de penetrar nesse mercado? Para Verta, as poucas bandas com chances de chegar lá estão fora das grandes gravadoras. "Tem o DeFalla, Fellini, um disco ou outro do Amigo, ... O que sobra é muito banal, se comparado ao que acontece lá fora. Os Paralamas vão fazer sucesso na França, como um monte de brasileiros fazem, mas não na Inglaterra nem no Japão. Agora, uma banda independente como o Sepultura conseguiu assinar com um selo americano, o Road Runner. Enquanto isso os filhinhos de papai ficam imaginando se vão conseguir dinheiro da gravadora para ir tocar em Montreux. O indefectível disco ao vivo em Montreux!"

Há quem diga, porém, que o som do Harry está ultrapassado, se comparado ao que se faz no gênero na Europa. "Claro que, se você comparar com as bandas tecno-industrial mais ferozes, a gente perde, soa igual ao tecnopop que se fazia há quatro anos. Com os recursos que a gente tinha, tentar mais seria bobagem. Mas tem muita gente por aí que ainda vai levar uns quinze pra chegar onde a gente chegou", finaliza Hansen.

Marisa Adan Gil

BRIAN WILSON - (WEA)

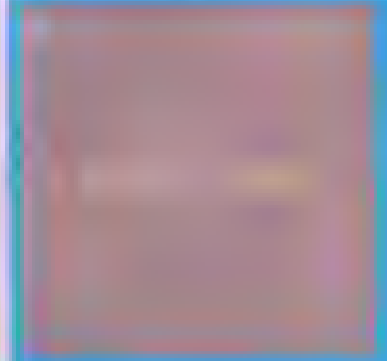
Esta é uma história como só o rock é capaz de inventar. Para entendê-la, é preciso voltar ao ano de 1966, na Califórnia. Na época, a *surf music* dos Beach Boys — os irmãos Brian, Carl e Dennis Wilson, o primo Mike Love e o amigo Allan Jardine — dominava a América. A trajetória da banda desde a sua formação, em 61, é capítulo à parte de todas as enciclopédias de rock.

O que importa saber é que, naquele ano, os Beach Boys são os únicos capazes de rivalizar com os Beatles. Nesse duelo de titãs contra o rolo compressor de Liverpool, nasce o LP *Pet Sounds*, (Discoteca Básica de BIZZ 23), um disco revolucionário que inclui arranjos orquestrais requintados e a utilização de instrumentos exóticos. Seu relativo fracasso comercial atinge Brian Wilson, o pai legítimo da obra. No mesmo ano, ele ainda tem um sobressalto de gênio, pulverizando as paradas do mundo inteiro com "Good Vibrations", trança-se no estúdio e prepara um projeto ainda mais ambicioso, o LP *Smile*, mas não consegue terminá-lo por causa de problemas mentais complicados pelo uso crescente de drogas. Enquanto isso, os Beatles se consagram com o LP *Sergeant Pepper's*, fortemente inspirado em *Pet Sounds*.

No final de 82, Brian Wilson pesa 150 quilos e nem se lembra de suas próprias músicas. Para ajudá-lo, seus irmãos chamam o psiquiatra dr. Eugene Landy, que já havia cuidado do compositor com sucesso em 76. O médico inicia então um rigoroso programa de reeducação mental. Além de terapeuta, ele se torna sócio de negócios, produtor executivo, parceiro-compositor e amigo de Brian.

O primeiro álbum solo do ex-líder dos Beach Boys é o produto de cinco anos de terapia. Poderia ter resultado na mais infecta música de proveta criada por um autêntico Dr. Frankenstein dos anos 80. Muito pelo contrário, *Brian Wilson* é um álbum sublime. Arranjos como não se ouviam desde Phil Spector, melodias como não se ouviam desde os tempos dourados dos Beach Boys e dos Beatles. Onze baladas limpas, luminosas, claras. A única diferença com os anos 60 está na produção, em que foram utilizados todos os recursos tecnológicos atuais. Com ou sem psiquiatra, Brian Wilson assina um álbum que transmite esperança e prova que ainda existem espaços de expressão para a genialidade dentro do pop.

Jean-Yves de Neufville



SUBSTANCE — Joy Division (Stiletto)

Este e um disco essencial, tanto para amantes fieis do Joy Division como para os que ainda preferem passar ao largo do culto à banda de Manchester. Engana-se, porem, quem espera encontrar nas suas dez faixas uma síntese da produção musical do grupo: nenhuma coletânea (nem mesmo *Still*, o album duplo inédito por aqui) conseguirá jamais captar a beleza absoluta de obras fechadas como *Unknown Pleasures* e *Closer*. Seus lados B de singles, sobras de estúdio, flexis e outras raridades servem, porem, para ilustrar de maneira sublime o desenvolvimento musical de uma das bandas mais influentes da década passada, partindo do rascunho inexperiente de "Warsaw" e chegando a uma obra-prima irretocavel como "Atmosphere".

As duas primeiras faixas — tiradas do EP "An Ideal for Living", de 79 — valem mais como curiosidade arqueologica do que propriamente por seu valor musical.

A concepção da banda começa a se configurar em "Digital" (originalmente incluida numa compilação da Factory), a primeira com produção de Martin Hannett, quinto membro (nao oficial) do grupo. Em "Autosuggestion" — gravada durante as sessões de *Unknown* — ela ja está totalmente definida nas maos de Hannett, o som do Joy ganhou profundidade e clareza. O baixo estranhamente agudo de Hook e a bateria seca de Morris formam uma base solida sobre a qual plana a voz magnetica de Curtis, perdida entre guitarras e ruidos desconexos. "Transmission" (lançada anteriormente em compacto) mostra o potencial dançante do Joy, com seu riff de baixo e o refrão hipnoticos.

A versão de "She's Lost Control" que abre o lado B (originalmente lançada em compacto com "Atmosphere") é bastante diferente daquela incluida em *Unknown Pleasures*, ganhando uma marcação mais acentuada de bateria e um belissimo final adicional. Mas o grande momento do LP e mesmo "Atmosphere", uma obra prima da banda, aliando uma das mais pungentes poesias de Curtis a um envolvente apelo sonoro — com sintetizadores que soam como cristais partidos numa nevoa de melancolia. Fechando o disco, "Love Will Tear Us Apart", outro classico imortal (incluido em *Closer* apenas no Brasil —, expressão da dor sem disfarces, da angustia sem falsas soluções.

Marisa Adan Gil

BIG THING — Duran Duran (EMI-Odeon)

Quem nasceu para Duran não chega a Roxy Music, mas ainda resta ai um largo territorio para especulações sonoras. "Grande coisa", dirao os mal humorados. A verdade é que a banda — após o exercicio esquizo dos projetos paralelos Power Station/Arcadia, a revoada de Taylors que os deixou sem guitarrista e baterista e a transição funkeira ensaiada em *Notorious* — retoma decidida, recuperando muito da fresca (ops!) plasticidade de seus dois primeiros LPs, *Duran Duran* e *Rio*.

O melhor é o miolo do lado A (por mais vanguardoso que o B se pretenda, incluindo duas vinhetas e um numero final instrumentaish: a mixagem *francesca* de "I Don't Want Your Love", os sobretons eu-ro-eletronicos de "All She Wants Is" (e mesmo as colagens digressivas de "Palomino", do outro lado) são boas surpresas. Logico, subsiste uma certa catastrofe de Simão-o-Bom, por exemplo, em "Do You Believe in Shame?", dedicada aos amigos mortos — de resto, uma boa balada. E nem os rapazes estao tao rudes quanto pretendem, posando de *badboys* e falando em sonoridades *house*. Mas vá lá. Com seus novos acompanhantes desde *Notorious*, o baterista Steve Ferrone e o guitarrista Warren Cuccurullo, uma numerosa seção de sopros e uma miriade de samples e synths, o Duran Duran (sic) prova que sabe o que quer e extrai disso tudo um resultado em geral enxuto e preciso. Os ex-romanticos de Birmingham não fizeram feio. Nao mesmo.

A A

ONDE ESTA A LIBERDADE — Offensor DECADÊNCIA SOCIAL — Attack Epileptico (Cogumelo)

Numa atitude louvável, o selo Cogumelo vai gradativamente se abrindo para outras tendências que nao o heavy metal, como o punk e o hardcore. Por outro lado, é lamentavel que isso venha a ocorrer através do Offensor e do Attack Epileptico. Ambos são tao ruins que nem sequer podem ser propriamente encarados como grupos. Com muita boa vontade, uma ou outra letra poderia ser salva aqui, mais nada. Enquanto isso, os Contras permanecem mudos em vinil.

A G C D

Tina Live II

LIVE IN EUROPE II — Tina Turner (EMI-Odeon)

No mundo civilizado, este disco é um album duplo. Um duvidoso estratagema de marketing que já foi aplicado com resultados desastrosos para o LP *1999*, de Prince, em 82.

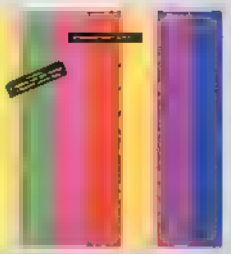
Eis, portanto, o segundo e ultimo capitulo da emocionante novela *Break Every Rule Tour*, nome da turne-maratona que começou em Munique, na Alemanha, em março de 87, levou Tina Turner pelo mundo afora, com escalas no Maracanã e no Pacaembu, e terminou em Osaka, no Japao, um ano depois. Um registro que tem sua importancia, já que ela decidiu pendurar os saltos altos e as saias de couro da griffe Azzedine Alaia. Uma bela voz dentro de um pop chavão.

J Y N

A PEDRA DO GÊNESIS - Raul Seixas (Copacabana)

D. Raulzito esta de volta cuidando do pouco que resta de irreverência no rock tupiniquim (arghh). Ao vivo, anda arrepiando pelos nos shows de seu herdeiro mais direto, Marcelo Nova. E o Raul sempre mistico, caustico, solto, idealista. A alquimia mistica está na faixa titulo. A irreverência está em "A Lei", onde a Sociedade Alternativa é recolocada na ordem do dia. Raul debocha de si proprio "quase em paz", falando de suas mazelas e tratamentos em "Check Up" e "Cavalos Calados". Lindamente coverada pelo romantismo, regravando com muita sobriedade (opa!!!) "Lua Bonita" (de Ze do Norte e Ze Martins). Esse belo momento é complementado com "Area na Ampulheta". Está certo, Raul, os homens passam e a musica fica. Então, cuide-se, cara, por favor.

L R



INTROSPECTIVE — Pet Shop Boys (EMI-Odeon)

Exemos em confeccionar melodias que grudam, sao produtores de primeira linha. Com um certo humor autodepreciativo, são capazes de escrever letras como a de "I Want a Dog", "Quero um cachorro, um chihuahua/Quando eu volto ao meu pequeno ape/Quero ouvir alguem latir/Oh, você pode ficar tao sozinho..." Nos seis temas que formam este LP, Neil Tennant e Chris Lowe exploram os caminhos abertos pela *house music*. Parecem em rota de colisao com o New Order. Mesmos vocais entediados, ritmicas implacaveis e teclados celestiais. Só que por caminhos diferentes: os Pet Shop Boys procuram fazer algo definitivo a partir do descartável. Não foi isso que fizeram os mestres da *pop art*?

J Y N

LIVE OVER LONDON — Guana Batz (Stiletto)

Após a psicose das garage-bands nos 60's e dos neo-psychos no inicio dos 80's, ao lado dos Meteors, Demented Are Go, Stingrays e Restless, o grupo inglês Guana Batz completa o quadro do que há de mais representativo na terceira geração do psychobilly. Este LP, o quarto do grupo, é a sua primeira experiencia gravada ao vivo e, por acaso, uma de suas melhores realizações, pois o quarteto conseguiu atar a essencial atmosfera trash dos *no overdubs* com o furor de seu rock'n roll à queima-roupa. Nas catorze faixas, estao alguns hits do grupo, como "Loan Sharks" e "Live for the Day", e *covers*, como "My Way" (Eddie Cochran), "Rock This Town" (Stray Cats) e "I'm on Fire" (Bruce Springsteen).

F N

PELE — Hojerizah (BMG-Ariola)

O que diferencia o Hojerizah de outros grupos é a formula poetico-agressiva de suas composições, onde entra até um poema de Jean Arthur Rimbaud, "Canção da Torre Mais Alta". A banda possui também, em Platao, um interprete de intensidade dramatica, apesar de pouco original, ainda que digam o contrario.

Fugindo de certos clichés, o instrumental é bem interessante, embora eu ache que excessos de intelectualismo no rock não dão certo e tendem para a chatice — nem sempre a potência das letras é correspondida musicalmente.

Para amenizar, a certeza de que o grupo não está atrelado a misturas e modismos — fazem rock mesmo, o rock que sentem na pele. No mais, o grande Zé da Gaita poderia ter sido mais aproveitado.

L R

HARD AS HELL 2 — Varios (Stiletto)

Uma coletânea supermixada do selo Music of Life, o mais importante do rap britânico.

O disco abre com "The Tables Are Turning", primeiro single de C.J. Mackintosh, o DJ por trás do sucesso de "Pump Up the Volume" dos M/A/R/R/S em parceria com o rapper Einstein. Sua musica é uma coleção de samples, scratches violentos e uma beat pesadissima. O popular "Pump Up ...", sampleado da musica "I Know You Got Soul", de Eric B & Rakim, tambem "inspirou" o Demon Boyz, que anda chupo a melodia de "Ain't No Joke" do duo americano para gravar o seu "This Is Jam".

Há ainda o precioso rap soul "Get Down", de Derek B, a maior estrela do rap britânico; "Cooling in Paradise", de Thrashpack, um trio de branquelas fissurados em Public Enemy e Beastie Boys; "Reggamuffin Hip Hop", o reggae rap *standard* de Asher D and Daddy Freddy, que acabou banzando o estilo com o nome da musica; e MC Duck, o melhor *live*-rapper de Londres.

E muito mais do melhor do East Side londrino. "Megamix", a faixa que encerra o LP no estilo de Mantronix, junta tudo numa única canção e manda a pista de dança para o inferno — cortesia do *mixmaster* Simon Harris.

Um disco para matar neguinho de cansaço.

M P

CARTOLA... BATE OUTRA VEZ — Diversos interpretes (Som Livre)/**CARTOLA 80 ANOS — Lenny Andrade** (SBK)

O Brasil deve muita coisa a Sérgio Porto, o Stanislaw Ponte Preta (autor de musicas tambem, entre elas a impagável e atualissima "Samba do Crioulo Doido"). Foi Stanislaw quem descobriu no fim da década de 50, lavando carros em Ipanema, o mestre Cartola, que havia sido sucesso na década de 30, fundara a Estação Primeira de Mangueira com seu verde e rosa e mergulhara na clandestinidade depois da morte da primeira mulher e de uma desavença com a escola de samba. Nao fosse Stanislaw, e mais tarde Nara Leao, que em 64 popularizou "O Sol Nascerá", e muito provavelmente não teriamos tido este magnifico legado de letras, harmonias e melodias de uma inspiração a que só fazem jus aqueles que podemos com justeza chamar de gênios.

Passemos às duas antologias. A da Som Livre conseguiu reunir estrelas da MPB (e duas do rock) num disco simples e despojado, em arranjos para voz e no maximo tres instrumentos. A produção resolveu entregar uma das musicas preferidas de Cartola, "O Mundo é um Moinho" ("Presta atenção, o mundo é um moinho/vai triturar teus sonhos tão mesquinhos/vai reduzir as ilusões a po"), a Cazuza — que, embora competente em seu genero, pisou aqui na bola, mostrando que as modulações simples do rock nem sempre se encaixam à sofisticaçao de um grande mestre do samba. Mas nao fez feio como Paulo Ricardo, que depredou impiedosamente "Autonomia". De resto, fora o registro meio improvavel de Vânia Bastos em "Corta e Olhe o Céu", sobra um banho. Caetano e Gal arrepiam em "As Rosas Nao Falam" e "Acontece", respectivamente. Beth Carvalho empresta sua luz a "O Sol Nascerá" e Zeca Pagodinho, sua ginga a "Minha". Paulinho da Viola, Nelson Gonçalves, Luiz Melodia e Ivone Lara estao esplendidos em suas faixas, num LP completamente imperdivel. Já o disco da grande Lenny Andrade, mesmo extremamente bem-cuidado, leva Cartola da intimidade de morro, botequim e cachacinha à intimidade mais uisque e meia-luz da zona Sul dos clubes, com os arranjos jazzados de Gil Perranzzetta.

José Eduardo Mendonça

SUPERCARIOCA — Picassos Falsos (Plug/RCA)

Rock carioca. O epíteto, que já foi pejorativo até na bocarra de um espécimen da fauna local como Lobão, a partir deste glorioso ano de 1988, pode passar a ser tomado como elogio. Black Future, Barão Vermelho, Ed Motta e a Conexão Japeri, Hojerizah e o vindouro Fausto Fawcett registram, em clave própria, multipias facetas desta terra que alguém já quis só fachada. E os Picassos Falsos estão entre o que o rock carioca tem de melhor, num ano em que o melhor é o rock carioca. Só para (mal) comparar, poderíamos dizer que os Picassos lembram um frat com mais foco, a serviço de uma causa mais exata. Ou, deliberadamente, de causa nenhuma. A sensação de acerto é a mesma.

Ultrapasse os vocais em bocadinho histéricos da primeira faixa, "Retinas", e desemboque em um generoso coquetel de rock sessentista, samba e soul. Com direito a Hendrix explícito e implícito — contesta da guitarra de Luiz Gustavo, novo mestre do *wah-wah*. Se o primeiro LP da banda trazia uma pérola, "Carne & Osso", este traz umas boas três ou quatro, com destaque para "Sangue" e "Wolverine". Sem falar na *jorgebeatnuma* "Rio de Janeiro" e na concretíssima letra de "Supercarioca" que resumem bem a carnavalização da tragédia — ou a tragicidade do Carnaval — em que os Picassos Falsos apostam, impostam e ripostam. Finalmente bem traduzidos (na produção inteligente de Geraldo D'Arbo), Humberto, Luiz Gustavo, Luiz Henrique e Abdo, voz e trio básico, cariocas superlativos.

A.A.

JOIN THE MESS OR LEAVE THE TOWN — Soviet American Republic (Devil)

Os cultores do *bad taste*, as personalidades psicopáticas e os perversos em geral encontrarão um raro petisco nos dejetos sonoros do Soviet American Republic. Inspirado por tópicos tão asquerosos quanto a sífilis, a necrofilia e a zoofilia, este quinteto paulista leva seu *shockabilly* às últimas consequências, retalhando — a golpes de moto-serra — influências que vão dos Cramps aos quadrinhos sulfúreos de Alan Moore. Um *must* nas noites de lua cheia.

A.G.C.D.

BLOCKED MINDS — Holocausto (Cogumelo)

Como nenhum outro estilo, o heavy metal soube espelhar todas as angústias, ambivalências e contradições deste rito de passagem que é a adolescência. Este talvez seja o segredo de sua perpetuação e o maior de seus predicados. Entregue à busca da representação corporal ("Who Am I?"), da identidade genital ("Tribute to Ciccciolina"), da auto-afirmação ("Eighteen Years Old") e da reivindicação social e política ("Hunger", "Lies"), a rapaziada do Holocausto — em que pesem os habituais chavões e a redundância do tratamento dado ao disco — elabora a contento os conflitos de sua geração.

A.G.C.D.

ROCK, ROCK, ROCK — The Moonglows, Chuck Berry & the Flamingos (Brasidisc)

Nos últimos anos, o rock'n'roll tem crescido em popularidade constantemente. Uma das razões desta ascensão é sua infinita variedade musical, pois o rock n'roll absorve e engloba várias formas. Jazz, rhythm'n'blues, ritmos latino-americanos, spirituals, melodias folk, canções country & western, tudo isso contribui à *Big Beat*.

Palavras da contracapa (assim como a capa, a original) desta histórica trilha sonora, do filme homônimo lançado em 1957. E que ano dourado! Elvis encabeçando as paradas com "All Shook Up", "Teddy Bear" e "Jailhouse Rock"; Little Richard escancarando com "Lucille"; Jerry Lee Lewis e Buddy Holly estreando com, respectivamente, "Whole Lotta Shakin'" e "Great Balls of Fire" e "That'll Be the Day" "Peggy Sue". Apice. Zenite ou o quê?

Um disco fundamental. A começar pela participação de Chuck Berry, com três de seus primeiros hits — "Maybellene", a garota cujo Cadillac novinho o velho fordeco de Chuck não consegue alcançar; o manifesto "Roll Over Beethoven"; e "Thirty Days", esta com um daqueles solos "rítmicos" que um jovem Keith Richards deve ter ficado tardes fechado no quarto tentando tirar nota por nota. Especialmente para o filme, ele inclui ainda "You Can't Catch Me", uma resposta à Maybellene: agora que ele é um *rock'n'roll star*, ela é que não o consegue alcançar, Cadillac e tudo.

Na sequência, um dos maiores quartetos vocais da história do *doo wop*, os Moonglows, grupo comandado por Harvey Fuqua, com seu pupilo Marvin Gaye Jr. (que ficaria mais conhecido depois de dispensar o "Junior" e acrescentar um *e* ao sobrenome). Entre as quatro preciosas faixas a cargo deles, a histórica parceria de Fuqua com DJ Alan Freed (lançador da banda) em "Sincerely". Não basta dizer que Fuqua foi depois contratado pela Motown como professor de canto em harmonia. É preciso ouvir e reouvir "See Saw", outro clássico dos Moonglows incluído em *Rock, Rock, Rock*.

Por último, os Flamingos — outro quarteto *doo wop*, de menor expressividade. Mas quem pode reclamar de uma surpresa tão maravilhosa como a aparição deste disco?

José Augusto Lemos

(INTRODUÇÃO — Colarinhos Caóticos (Independente)

No afã de criar um som a um tempo agressivo e complexo, os Colarinhos reinventaram um gênero hoje prostituído, o jazz-rock. Mas não espere um mero sumário dos velhos clichês. Se eles estão lá (e estão, na forma de viradas de bateria recheadas de roto-toms ou saxofones dobrados, por exemplo), foram recobertos por uma dose transbordante de anarquicos overtubs, *flangers* que alguém esqueceu de desligar, vocais mal-ditos, ruído natural ou sampleado. Algo que seria *punk-fusion*, se isso pudesse existir. Sem desdouro: bandas da melhor estirpe, como Gang of Four, Killing Joke (no começo) ou Clock DVA já exploraram o mesmo terreno perigoso. E se saíram muito bem. Nesta sua *Introdução*, os Colarinhos Caóticos prometem.

A.A.

CLÁUDIO ZOLI (EMI)

Mesmo com as participações especiais de Arthur Maia, no baixo, e Armando Marçal, na percussão, a cozinha não é o forte deste LP. Os equivocos programas de bateria digital neutralizam a competente banda que a mão direita de Zoli impõe à sua guitarra em músicas como "Criminoso Sutil" e "Em Nome do Prazer". A preocupação temática, evidente em sua parceria com o poeta Chacal na balada "Sangue Negro", confere um toque de originalidade ao disco, salvando-o da pasteurização que seus fracos arranjos sugerem. Zoli pecou ao gravar "Azul da Cor do Mar", de Tim Maia, e a infeliz versão que Claudio Rabello fez para "What's Going On", de Marvin Gaye. *C.M.*

FILME — O Último Número (Câmbio Negro)

De seu primeiro LP (*O Strip-Tease da Alma*) para este, o grupo mineiro sofreu uma baixa — a da elegante guitarra de João (também Sexo Explícito) — que poderia pesar. Mas, se o diabo quiser, cada Lou Reed vai encontrar o John Cale que merece... E eis que as letras e ótimos vocais de Gato Jair estão emoldurados por um rock ainda mais redondo: a profusão de faixas d'*O Strip-Tease* foi substituída por um conjunto contido e bem elaborado de arranjos, com a passagem do baixista Paulo Honta para a guitarra e a entrada de Bob F. (baixo) e Otávio (guitarra). Além das surpreendentes composições de Jair e Paulo, uma brilhante revisão de "Come Together", dos Beatles, faz deste *Filme* um dos discos do ano.

A.A.

PIOR QUE ANTES — Garotos Podres (Continental)

Como uma avalanche irrecorrível, contra tudo e contra todos, os Garotos Podres ressurgem do nada, bradando inflamadas palavras de ordem, gerando intensidade, renovando inesperadamente aquilo que parecia estar definitivamente reduzido ao curto-circuito de 76.

Decorridos mais de três anos desde a estréia em *Mais Podres do Que Nunca*, Mau, Português, Ciro e Sucata não perderam seu poder de fogo, pelo contrário, o concentraram — como se isso fosse possível — ainda mais, provendo sua música com uma contundência poucas vezes igualada na cena nacional. E é justamente essa força bruta que faz com que as letras da banda, ocasionalmente ingênuas, adquiram credibilidade enquanto desafio, enquanto contestação, enquanto virtual instrumento de intervenção no dia-a-dia das pessoas.

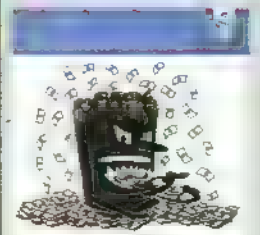
Já na faixa de abertura, o vocalista Mau investe contra os alicerces da Nova República — "Eu não gosto do governo, não confio no presidente, não acredito na ordem e progresso". Lidas aqui tais palavras talvez possam parecer inócuas, mas quando disparadas pela metralhadora ruidosa do grupo, quaisquer dúvidas se dissipam — uma mudança está no ar.

Incluindo a própria precariedade como meio de ação, usando todas as negativas como positividade, a força política do rock resgata-se nas muitas questões levantadas pelo grupo: a exploração do homem pelo homem, o efeito nocivo do capital internacional no Terceiro Mundo, a anistia aos torturadores da ditadura, o trabalho alienado, o salário aviltado, o ensino massificador e, principalmente, a existência miserável do proletariado, dos bandos *sub* que (sobre)vivem na periferia das [illegible].

No que diz respeito a este último item, a visão dos Garotos Podres vai além do ceticismo — "Se está desempregado, te chamam de vagabundo/ se fizer greve, te chamam de subversivo/ mas, para arrumar emprego, não lhes dão a dignidade, apesar do sujo macacão e do rosto suado", protesta Mau em "Garoto Podre", um retrato em branco e preto da frustração nos subúrbios do Brasil.

"Tudo pelo social", diz o anúncio na TV. Nos becos, contudo, o contra-ataque continua.

Arthur G. Couto Duarte



TALKING WITH THE TAXMAN ABOUT POETRY — Billy Bragg (Stiletto)

William Bragg, o *working class hero*, o bardo de Barking e um dos mentores da polêmica Red Wedge (reunião dos músicos ingleses em prol do Partido Trabalhista), finalmente chega ao Brasil, através deste que é seu terceiro e mais elaborado LP. Lançado originalmente pela Go Discs em 86, *Talking With...* traz — ao contrário da maioria das gravações do artista — inúmeros convidados, dentre os quais se destacam Johnny Marr, Kenny Jones (ex-baterista dos Faces e do Who) e a cantora Kirsty MacColl.

Poeta de mão cheia, a habilidade de Bragg em formular complexas teses políticas em versos cristalinos colocou-o como herdeiro direto de Woody Guthrie e Bob Dylan, o que pode ser atestado aqui em faixas como "There's Power in a Union", "Ideology" e "The Home Front". Já em "Greetings to the New Brunette" e "The Warmest Room" fica evidenciada a sua veia romântica. Um disco essencial.

A.G.C.D.

PLEBE RUDE (EMI-Odeon)

O rock nacional tem sido supervalorizado nesta coluna, o que torna difícil a tarefa de comentar discos bem-intencionados sem correr o risco de diminuí-los diante de lançamentos que, apesar de exaltados de maneira ufanista, são nitidamente inferiores. O terceiro disco da Plebe Rude é cheio de boas intenções... A principal delas é a tentativa de aliança do seu rock brasiliense de protesto com ritmos típicos do Nordeste do país. A mistura geralmente entorna. Mas em uma faixa, a quilométrica "Repente", o resultado merece aplausos, eficaz em sua mistura de trocadilhos com os nomes dos estados, ritmos variados e críticas sociais no tom exato. "Repente" destoa de todo o repertório da Plebe. Há ainda "A Serra", um rock ecológico que se sai bem creditando o *punch* subestimado de *O Concreto Já Rachou*. Pena que faixas como "Plebiscito" insistam numa fórmula de rock populista que jamais vai conquistar o espaço histórico da geração Geraldo Vandré. *Nunca Fomos Tão Brasileiros*, o LP anterior, devia ter servido de lição; seu ranço nacionalista encalhou nas prateleiras. De qualquer modo, a banda está no caminho. Por pouco, comete um disco bom. *M.P.*

Em meio a exceções que serao devidamente frisadas, eis um cardume de discos que em nada justificam sua aparição ou acabam por ser uteis apenas para as gravadoras descontarem seus impostos junto à Receita Federal. Abrindo a ala nacional, a chapada melancolia de **Nana Caymmi**, que em **NANA** (EMI-Odeon) reprisa a sequência natural de alguem que dedicou-se a recortar as dolorosas folhas da alma humana ■ Disposto a desafinar o coro dos contentes, a estraçalhar a yuppização e a espelhar o descontentamento, **Belchior**, em seu **ELOGIO DA LOUCURA** (PolyGram), em termos textuais recupera o vigor dos tempos de *Alucinação* ■ **Gonzaguinha**, que hoje nao recupera mais nada, apresenta seus manifestos populistas na dupla antologia **O TALENTO DE...** (EMI-Odeon) ■ Sub-Stones no melhor padrao hard-brega dos 70 nacionais, os **Garotos(?) da Rua** explicam que **NAO BASTA DIZER NAO** (Plug/RCA) ■ O mestre Raul Seixas, em sua comovente reaparição (avec Marcelo Nova) em Salvador surgiu ironicamente com uma lupa na mão, tentando achar o elo perdido entre a Bahia e a mae África, o qual Gil diz estar procurando. O elo é esse safado reggae sub-toshico que **Edson Gomes** apresenta em seu **REGGAE RESISTÊNCIA** (EMI-Odeon), tipico artefato para turista-trouxa ficar fascinado ■ Ainda em termos de reggae, o americano **Rick James**, em **WONDERFUL** (WEA), dá uma aula digna da midia pasteurizadora ■ Por falar em pasteurização, começa com **KYLIE** (Stiletto), de **Kylie Minogue**,o nosso desfile de babas. Nesse Império da Descartabilidade também figuram o medíocre funk MOR-rock do **Level 42**, em **STARING AT SUN** (PolyGram), o ultrababoso **Christopher Cross** com **BACK OF MIND** (WEA) e a compilaçao **ONE MOMENT IN TIME** (BMG-Ariola) com canções dos **Bee Gees, Eric Carmen, Christians** e outros, idolatrando os jogos olímpicos ■ Dando a volta por cima da descartabilidade com bom gosto, o **Erasure** perpetua suas disco-popsters trips em **THE INNOCENTS** (WEA) com o *gay-glamour* que o caracterizou ■ Escapando um pouco da baba e adentrando os campos jazzísticos, **Stanley Jordan**, no LP **FLYING HOME** (EMI-Odeon), repete seu virtuosismo aliado a sua chatice em (re)buscar o perfeccionismo técnico, conceito definitivamente superado na conjuntura contemporânea, em que a originalidade, o *punch* e a espontaneidade ocuparam os lugares primordiais. O mais tétrico é sua versão de "Stairway to Heaven" do Led Zeppelin. O resto é a panacéia retrógrada do 70's jazz-rock ■ O tecladista **Bob James**, embora talentoso como músico, prova sua nulidade criativa com **Ivory** (WEA), uma sofrível deambulação por varios tons jazzísticos, tendo o muzak como pano de fundo ■ As mesmas observações servem para o guitarrista **George Benson**, que em **TWICE THE LOVE** (WEA) confirma que o que lhe sobra de tecnica falta de cérebro ■ **Herb Alpert**, papa maior do muzak, reafirma sua tradição no álbum **UNDER A SPANISH MOON** (PolyGram), gastando o talento de seu trompete num repertorio que vai desde a asquerosa "Fragile" (Sting) até usurpações do folclore espanhol. Ideal para churrascarias da boca em noites de ressaca ■ Usando o country-rock como leitmotiv, o quarteto americano **Stealin Horses** estreia com o LP homônimo (BMG Ariola), que, embora convencional, não decepciona. Pode-se dizer que sua sonoridade é algo entre um Lone Justice e um Fleetwood Mac. Vale conferir ■ A deliciosa boca lilás de **Carly Simon** comparece com **GREATEST HITS LIVE** (BMG-Ariola), ou seja, algumas de suas mais arrepiantes composições gravadas ao vivo. Claro que os arranjos são breguérrimos, mas Carly ainda conserva intacto o seu carisma. Fechando a sessão com chave de fezes, o careta MOR country-sub-rock do quarteto **Alabama** está presente em gravações ao vivo em **ALABAMA LIVE** (BMG-Ariola), que em muito se assimila aos covers-countreiros nacionais.

Fernando Naporano

GRÁTIS!
Brilhos para o seu carnaval.
Já nas bancas.
EDITORA AZUL
Carícia
DOMINÓ
GATÍSSIMOS QUE ARRASAM CORAÇÕES
SEXO
DESCUBRA OS PONTOS DE PRAZER DELES
Stamp
CAMISETA
MALHA ESPECIAL
MANGA CURTA Cz$ 8.800,00
MANGA LONGA Cz$ 10.000,00
Manga Curta
Manga Longa
REF. | COR. | TAM. | MC/ML | REF. | COR. | TAM. | MC/ML

COMPACT DISC ♩ COMPACT DISC ♩ COMPACT DISC ♩ COMPACT DISC ♩

O grande evento deste final de ano, em termos de lançamentos em *compact disc*, é — sem dúvida — o catálogo dos **BEATLES** pela EMI-Odeon. O que ninguém disse, até agora, é que os três primeiros — **Please Please Me, With The Beatles** e **Hard Days Night** — foram remixados pelo produtor e quinto Beatle George Martin antes de sua masterização digital. Um gesto totalmente discutível e que provocou reação furiosa de uma legião de beatlemaníacos e do próprio George Harrison. Algo como retocar com óleo industrializado as têmperas renascentistas, enfim. Mas, da gênese pop nos primeiros dois LPs às viradas esboçadas em ... **For Sale, Rubber Soul** e **Revolver** (considerado pelos *experts* o melhor momento da banda), passando pela maturidade de **Sgt. Pepper's...** e do álbum branco ao emotivo crepúsculo de **Let It Be** e **Abbey Road**, trata-se de um assunto muito sério.

José Augusto Lemos

GRAVADORAS INDEPENDENTES: **Baratos Afins** R. Jaraguá, 340 São Paulo/SP (011) 220-2836. **Cogumelo** Av. Augusto de Lima, 399 Belo Horizonte/MG - (031) 226-8557. **Devil** Av. São João 439, 2º andar, lojas 343 e 345 São Paulo/SP (011) 22[illegible]. **Câmbio Negro** R. Rio de Janeiro, 630, lojas 5 e 52 (031) [illegible]

BOLSA DE DISCOS

	Rank The Smiths [illegible]	Religio Heróis da Resistência (WEA)	Tracy Chapman (WEA)	[illegible] Titãs (WEA)	Frenz Experiment The Fall [illegible]	Delirium Tremens Kaes Vadius Ataque Frontal
Arthur G. Couto Duarte Rádio Liberdade, BH	●	Fraco	Regular	Bom	●	Regular
Fernando Naporano O Estado de S.Paulo	Ótimo	Fraco	Regular	Regular	Ótimo	Ruim
José Eduardo Mendonça Bizz	●	Fraco	Regular	Bom	Regular	Ótimo
Jean Yves de Neufville Folha da Tarde, SP	Bom	Fraco	Bom	Regular	Regular	●
Marcel Plasse Bizz	●	Fraco	Regular	Regular	Regular	●
Bia Abramo Bizz	Bom	Fraco	Regular	Regular	Ótimo	●
Tom Leão O Globo, RJ	Bom	Fraco	Regular	Regular	Bom	Regular
Marcos Smirkoff Folha de S.Paulo	Bom	Fraco	Ruim	Bom	Ótimo	●
Hagamenon Brito A Tarde, Salvador BA	●	Fraco	Bom	Regular	Bom	●
Alex Antunes Set	Bom	●	Ruim	Regular	Bom	●
Tárik de Souza Jornal do Brasil	Bom	Fraco	Ótimo	Bom	Bom	●
Leopoldo Rey FM 97-Santo André, SP	Regular	Fraco	Regular	Bom	Regular	●

Ótimo

Bom

[illegible]

[illegible]

Fraco

Esportes,
nutrição,
aeróbica,
moda,
ginástica,
malhação
e
gente
bonita.

NAS BANCAS

EDITORA AZUL

Por Sônia Maia - Marcelo Abreu (Recife)

Um dos trabalhos mais gratificantes desta que escreve esta coluna é ouvir as fitas dos novos grupos que chegam dia a dia na redação. Alguns chamam a isso masoquismo. Da última leva, recebemos: Disunidos, Cinguio de Ferro, Lira de Berlin, Lingua Solta, Taico Movel, Restos da Cultura Proibida, Eloi Iglesias, Mosaico de Ravena Grupo Chama, 3ª Divisão, Drama, Xio da Nação, Banda Scala, Esparta, Slavius, musicas de Nil e Victor, Batuk, Perda de Tempo, Clones de Ludwing, Pauta de Metal, Alto QI, Berrão e os Soldados da GEB, Mata Hari, Macbeth, Marciano Sodomita, Alguma Coisa Blue, 17º Sexo, Anéis de Ana e Tek Noir. Na primeira peneirada, ficaram: Batuk, Perda de Tempo, Clones de Ludwig, 17º Sexo, Alto QI, Pauta de Metal, Berrão, Mata Hari, Macbeth, Marciano Sodomita, Alguma Coisa Blue, Anéis de Ana e Tek Noir. Esta peneirada significa um incentivo, pois os grupos demonstraram firmeza de proposta e som coeso, bem elaborado, embora ainda tenham muito a conquistar principalmente a identidade, que é sempre o que mais falta às novas bandas.

A grande surpresa ficou por conta do Batuk, destaque entre os novíssimos. Formada por apenas um integrante — Rogerio Roger — a banda trabalha num terreno pouco explorado pela música jovem brasileira, a não ser por grupos como Fellini e Black Future. Influenciado pela mais fina flor do nosso tradicional repertório, Rogerio mescla a isso guitarra, violão, computador rítmico, recheados de ricas influências pop, dando um tom noir e inovador à nossa cansada MPB. Encheu de satisfação os ouvidos de todos aqui de BIZZ.

No lado oposto, vem o rock deboche / crítico muito bem resolvido do Marciano Sodomita. Rock seco e vinil ao mesmo tempo, vocal casado de forma perfeita às letras críticas sem serem piegas e sujas sem serem escrotas. O Marciano Sodomita, que eu me lembre, é um grupo à parte do cenário brasiliense e nunca apareceu em nenhuma matéria comparativa de novas bandas publicadas durante 88 nos jornais paulistas. Lembro de ter me divertido com sua apresentação ao vivo no festival que selecionou 10 bandas para um vinil fantasma editado pela WEA. Na minha opinião, a melhor banda da nova safra brasiliense se prontia para tomar o lugar vago do ex-Camisa de Vênus. Na formação: Rogerio Aguiar (guitarra), Humberto Sprovieri (bateria), Marcelo Machado (baixo), Gerardo Diniz (teclados) e Rogerio Maldonado (letras e vocal). Além destas, o Tek Noir, apesar de fazer um som muito, mas muito proximo ao New Order, esta prontinho para assolar as pistas de dança e FM's brasileiras.

Com o fechamento dos bares que bancavam shows e o pouco espaço nos teatros, o rock vai sobrevivendo como pode em Recife. Os grupos se viram com apresentações em festivais, universidades e, raramente, em programas de TV. A reabertura do Teatro do Parque, o que antes da reforma era um "antro" de roqueiros, traz novas perspectivas. Outro ponto positivo é a retomada do Arteviva, uma academia de danças em Boa Viagem, que às quintas-feiras promove shows de bandas iniciantes.

Alguns nomes da safra Arte viva 87 estão agora solidificando propostas. O N.D.R. (ou Nenhuma das Respostas) é um deles. Através de melodias bem trabalhadas e despojamento técnico, André (vocal), Helio (guitarra), Humberto (baixo), Sergio (teclados) e Roberto (bateria) fazem um som dançante que bate fundo na emoção. Uma síntese (talvez por acaso) da Motown com pós-punk. Já o Van Filosofia é um exemplo de pretensão com as guitarras gélidas de Armando e o vocal grave de Marcus Vinicius (Cure e Echo, evidentemente). Duda (baixo) e René Castro (teclados) completam a formação. Boa produção nos shows e nas demonstrações podem levar o Van Filosofia longe.

No mais é só pretensão. E A Banda passou (Brasil, BIZZ Ano 4 nº 7). Paulo Valença (guitarra) saiu levando o baterista Sandro. Motivo: divergências ideológicas. Dois ex-integrantes do Mundo Livre S.A. — Marcelo (baixo) e Carlinhos (guitarra solo) — se uniram a Paulo para um novo grupo. Resultado: vem por aí contestação, letras tristes, fusão de ritmos e boa música.

A SUA REVISTA DE CINEMA E VÍDEO

NAS BANCAS

EDITORA AZUL

HISTÓRIAS PICANTES DOS BASTIDORES DO Rock'n Roll

Se eu quisesse estar com Mick Jagger, tomando chá ou na cama com ele, eu conseguia"

Jimmy Page foi o responsável por um dos únicos desapontamentos de Pamela

Jim Morrison, Mick Jagger, Jimmy Page, Frank Zappa Keith Moon... Na lista de amizades, transas, conquistas de Pamela Des Barres figuram esses e outros nomes do passado dourado do rock. A ex-groupie escreveu um livro que em breve estará nas telas

Meses atrás, Pamela Des Barres estava em Londres quando Prince aportou na cidade com a turnê *Lovesexy*. Pamela queria ver o show de Sua Alteza Purpurissima e pos-se a batalhar por isso. Ao ver que os ingressos estavam esgotados, apelou para um cambista, desembolsou algumas centenas de dolares e garantiu um lugar no centro da segunda fileira. Ou seja, agiu como qualquer ser mortal. No entanto, se o mesmo episodio tivesse acontecido vinte anos atras, Pamela teria escolhido expedientes menos ortodoxos e se imporia um objetivo bem mais árduo e, talvez justamente por isso, mais recompensador. Em, digamos, 68, ela teria guardado o dinheiro no bolso, penetraria sem dificuldade nos meandros dos bastidores, de onde assistiria ao show, e, horas depois, estaria na cama do astro.

Mas isso só poderia ter acontecido no tempo em que era conhecida como Miss Pamela e fazia parte do colorido e hoje folclorico universo das groupies, garotas de 12 a 24 anos para quem o mundo começava com um *backstagepass* e terminava com um orgasmo nos braços do superstar favorito — algo parecido com as tietes brasileiras, mas com desdobramentos mais diversos e amplos. Durante toda a decada de 60 ("uma epoca maravilhosa para quem era adolescente") e até meados dos anos 70 ("quando nao havia mais nada de novo musicalmente"), Miss Pamela conheceu no sentido bíblico — todo o Olimpo do rock'n'roll vigente: de Jim Morrison aos Beatles, de Mick Jagger a Jimi Hendrix (Noel Redding, baterista do Experience, foi quem a fez gozar pela primeira vez), de Gram Parsons a todo o Led Zeppelin.

Essas aventuras foram imortalizadas no livro que Des Barres lançou em junho do ano passado: *I'm with the Band*. Transformaram Pamela numa celebridade quase tão grande quanto seus idolos e estao prestes a ser transferidas para a tela. A atriz Ally Sheedy (*Jogos de Guerra, Clube dos Cinco*) adquiriu os direitos do livro e esta em busca de um elenco e de um diretor. Sheedy surpreendeu toda Hollywood, não apenas por ter mostrado interesse em um projeto de alto conteudo sexual destinado a um mercado atualmente tao conservador e austero mas tambem por ter declarado querer para si o papel principal do filme — o de Pamela, é claro. Nos Estados Unidos, Sheedy é um dos simbolos da careitce sexual, de certa forma parecido com o que era Regina "Namoradinha do Brasil" Duarte no anos 70: um ser puro e assexuado. Pamela, por sua vez, atuara como consultora criativa do filme e fará apenas uma breve aparição na tela. A maior preocupação de Pamela agora, no entanto, é terminar seu primeiro livro de ficção, *Blush*, no qual a personagem-título é uma adolescente nascida durante o festival de

Groupie não, "rock wife" sim

Woodstock que tenta descobrir quem é o pai — um superastro ingles chamado David Faith. "um misto de Keith Moon, Jimmy Page e Mick Jagger", que teria tido um caso com a mae de Blush, uma supergroupie.

As pessoas me perguntam: 'Por que é que voce fazia todas aquelas coisas?' ", argumenta Pamela, separada do marido Michael Des Barres ha pouco meses e morando sozinha com o filho do casal, Nick, de 10 anos, numa casa pequena mas aconchegante em Santa Monica, California. "A minha resposta é sempre a mesma. Por que nao? Por que nao ficar onde estavam o poder e a majestade?

Apesar de a palavra groupie ter atravessado anos e anos como sinonimo de garotas e mulheres como Miss Pamela, ela jamais concordou com a denominaçao. "Basicamente porque era uma coisa negativa que vinha da imprensa, uma coisa que vinha de fora. Meu objetivo era ser uma 'rock wife'. Eu queria de uma forma ou de outra estar ligada ao business da musica. Mas eu não sabia cantar — e, infelizmente, tambem nao sabia que esse 'detalhe' não teria feito a menor diferença (*Yeargalha das*)." Casualmente, Miss Pamela e o bando de garotas de que fazia parte caíram nas graças de Frank Zappa, viraram uma especie de grupo musical — GTO ou Girls Togheter Outrageously — e chegaram a gravar um LP hoje muito bem cotado nos sebos. Mas os grandes predicados das meninas ainda eram sexuais, e quem desejasse se aproximar de Zappa precisava primeiro passar pelas meninas. "Eu preferia os grupos ingleses", recorda Pamela. Eram criaturas exoticas, vindas de outro mundo. Mas, em termos de atitude, nao havia diferenças entre eles e os americanos, o que todos eles queriam mesmo era foder.

Nunca me senti usada. Podem até ter me usado, mas eu tambem tirei vantagem da situaçao. Se eu queria estar na mesma casa que Mick Jagger, tomando cha com ele ou na cama com ele, eu conseguia. A unica vez que eu me senti maltratada foi quando Jimmy Page me deixou plantada na porta do Whisky-a-Go-Go, tarde da noite, quando eu era uma menina de 12 anos." Ouvir Pamela revisitar essas e outras historias pode dar a impressao de que se trata de uma das mulheres mais devassas e depravadas da Criação. Nao é exatamente assim.

Minha primeira trepada foi aos 19 anos... Já era uma velhona, *that's an old lady*. Conheci os Stones aos 16 anos, mas nao estava nem perto de preparada para coisa alguma. Não tenho arrependimento algum e faria tudo de novo". Faria mesmo?

"Sei lá, não sei do que estou falando. Hoje em dia eu nao sei mais como chegar ao backstage. É impossivel, até mesmo para mim. E estou com 40 anos, não tenho mais aquela energia, aquela determinação."

Por *Jose Emilio Rondeau*, *de Los Angeles*

Zappa deu uma chance para as "garotas selvagens"

Hendrix também engrossou a lista: ninguém escapava do assédio

IMENSIDÃO AZUL

Os golfinhos quase-humanos e amigos do mergulhador Mayol, também ele "quase-humano"

O diretor Luc Besson é o mesmo de *O Último Combate* e *Subway*. E o gosto que ele tem em mostrar as "profundezas" de metrôs, de subterrâneos e do mar é inversamente proporcional à profundidade de seus roteiros. Enquanto seus personagens não resistem a pular em qualquer lago ou buraco, Besson quer mesmo é ficar à superfície dos temas, refugiado em uma rica produção e em uma fotografia esplendorosa... Daí o saborzinho de frustração que fica após seus filmes, como se ele tivesse obrigação de fazer melhor com todos os recursos que mobiliza.

Talvez tivesse. Porém, ainda mais que *Subway* — "um longo trailer de si mesmo" —, *Imensidão Azul* tem seu charme. Rodado em locações que virtualmente cobriram meio mundo — a Grécia, a Córsega, Riviera, Sicília, Ilhas Virgens, Nova York, Bahamas, Paris, os Alpes suíços e os Andes peruanos —, ele conta a história de Jacques Mayol. Mayol existe mesmo (é recordista mundial de mergulho em profundidade e tem uma capacidade pulmonar inumana), mas o que aparece nas telas é um personagem pelo menos 50% fictício. Tendo perdido o pai afogado na Grécia, nas belíssimas seqüências em preto-e-branco do início de *Imensidão Azul*, o Mayol do filme se torna um fulano tão pouco comunicativo quanto um peixe. É mais amigo das águas fundas e dos golfinhos do que dos humanos, que ele não entende e não quer entender. Até que duas pessoas interferem em seu isolamento. Uma é o amigo de infância/rival Enzo (interpretado por Jean Reno, o baterista de *Subway*), que o convida e financia para os campeonatos mundiais de mergulho, ameaçando sua própria supremacia na modalidade. Outra é a mocinha Johana (Rosanna Arquette), uma repórter nova-iorquina que topa com Mayol mergulhando nas águas geladas dos Andes e se apaixona por ele, o suficiente para ir reencontrá-lo, "casualmente", no lado oposto da Terra... Se essa história de amor não convence muito, os olhos claros e a expressão distante do desconhecido ator Jean-Marc Barr ajudam a compor um Jacques Mayol convincente, a um passo do autismo. Mas os grandes astros do filme são o mar, esse esporte fascinante, o mergulho em profundidade, que arroja homens atados a pesos a mais de uma centena de metros de profundidade — onde a ciência já afirmou que a sobrevivência seria impossível. E quase como uma viagem sem volta — e às vezes é isso mesmo.

Alex Antunes

IMAGINE — JOHN LENNON

Sob alguns aspectos, *Imagine — John Lennon* é um projeto vitorioso. O mais completo documentário realizado até hoje sobre o ex-beatle. A partir de mais de 200 horas de fitas e filmes, conseguiu neutralizar a maré de lama que vinha ameaçando a credibilidade e a boa fama de Lennon desde o lançamento da controvertida biografia *The Lives of John Lennon*, de Albert Goldman, apesar de Yoko Ono, do diretor Andrew Solt e do produtor David Wolper garantirem não ter sido este o objetivo.

Sob outros aspectos, no entanto, o filme é decepcionante. Por centrar grande parte de ação em outro documentário — o que registrou a gravação do álbum *Imagine* — que inclusive já está disponível em videocassete, e, pelo fato de não conter declarações de nenhum dos ex-beatles a respeito do colega, tampouco tomadas de bastidores de *Double Fantasy* (estas fitas teriam sido roubadas ou destruídas pelo próprio Lennon, num acesso de fúria), este filme acaba não sendo tão completo assim. Nem tão vitorioso.

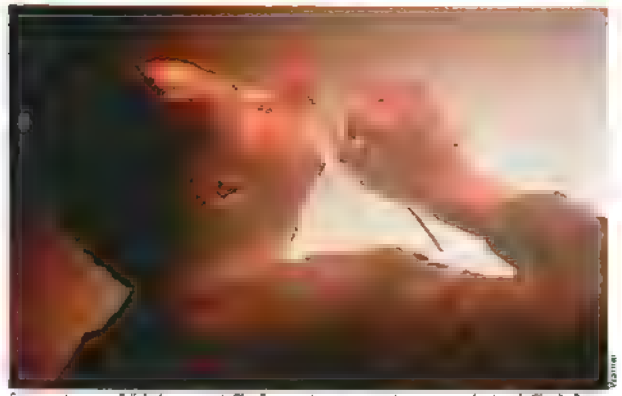
Não deixam de ser interessantes as tomadas pinçadas de filmes caseiros da família Ono/Lennon. E é surpreendente a quantidade de material feito por profissionais ao longo de toda a vida de Lennon. Aparentemente, havia uma câmara registrando todo e qualquer passo dado — mau ou bom — pelo ex-beatle. Mas, comparado a *This Is Elvis*, o documentário mais famoso entre os 400 realizados por Solt, *Imagine — John Lennon* empalidece. No que o primeiro revolucionava o gênero, fazendo do falecido Elvis o "narrador" do filme (técnica repetida agora), e iluminava o personagem de seu assunto com farto material rigorosamente inédito, *Imagine — John Lennon* tem muito poucos trechos que ainda não tenham sido mastigados dezenas de vezes em outros documentários, de uma forma ou outra. Mostra uma imagem muito linear de Lennon, um personagem intenso, riquíssimo e propenso a altos e baixos criativos e pessoais, características que o próprio sempre foi o primeiro em admitir.

O ponto alto do filme, ironicamente, acaba sendo a trilha sonora, com uma faixa inédita — "Real Love", transcrita de uma demo tape rudimentar, apenas voz e violão — e faixas-chave da discografia de Lennon, como "In My Life", "Strawberry Fields Forever", "A Day in the Life", "Imagine" e "Starting Over", remixadas e remasterizadas por George Martin para sistemas Dolby de quatro e seis canais. Por alguma razão, no cinema a trilha sonora tem soado mais clara e reveladora que nos CDs.

J.E.R

A câmera indiscreta capta a "intimidade pública" do ex-Beatle Lennon e Yoko

BIRD



Foi necessária a sensibilidade especial de Clint Eastwood para pintar todos os matizes da alma de Charlie Parker

Bird já existia na alma profunda do diretor Clint Eastwood, que, aos 15 anos, tocava blues e ragtime no piano de uma boate em Oakland, Califórnia. Nos anos 40, acompanhou Charlie Parker (cujo apelido era Bird) ao vivo em vários night-clubs da baía de São Francisco. Parker revolucionava com a maneira de se improvisar melodias. Incitava seus músicos a escolherem seus acordes através de uma sensibilidade adquirida em uma vida ao fio da navalha. Dava a mesma importância às doze chaves de seu instrumento, enquanto os jazzmen de seu tempo só empregavam quatro.

Clint abre *Bird* mostrando Parker adolescente aprendendo a tocar sax como autodidata no alpendre da casa materna. Constrói o filme como uma vida provisoriamente salva pela música — mas sempre sujeita às convulsões dos demônios internos. Bird foi além de Lester Young — o brilhante sax-tenor de Count Basie. Foi além das orquestras de Earl Hines e Billy Eckstine — ate forjar o punhal platinado de harmonias angulares de bebop, com Thelonius Monk e Dizzy Gillespie (para quem Parker era "a outra metade do meu coração"). Miles Davis, aos 19 anos, também passou pelas asas de Bird. Voavam as improvisações iluminadas pela letal *sister heroin*. E Parker atravessava todas as barreiras do som — entre a ameaça de uma vida disciplinada com sua amada Chan, os concertos para uma Europa deslumbrada, a sedução desesperada da droga e o abismo da solidão interior. Fim da representação em março de 55. *Causa mortis*: pneumonia e ulcera. Idade suposta: entre 50 e 60 anos. Parker tinha 34 anos.

A utilização do espaço, a fluidez no encadeamento das cenas, os amplos movimentos de câmera, a pontuação da montagem nas cenas íntimas entre Parker (Forest Whitaker) e Chan (Diane Venora) — os dois esplendidos — funcionam como o equivalente visual da música de Bird: seu ritmo e a maneira de colocar as frases no tempo. Sensibilidade adicional de Clint — rodar as mais belas, as mais convulsivas, as mais dolorosas, as mais temas cenas de casal no cinema americano dos últimos tempos.

Bird é em cores, mas com tonalidades sombrias, costumes cinzentos ou azul-escuros. Clint usa à perfeição *flashbacks* e *flashforwards*, especialmente para registrar momentos-chave na vida de Parker. Lennie Niehaus — ex-saxofonista de Stan Kenton — supervisionou a música. Isolou em digital todos os solos de Parker e construiu novas orquestrações em torno. Recuperou todas as partes de Charlie e regravou tudo em estéreo com novas seções rítmicas. O resultado é fabuloso — e valeu a *Bird* o prêmio da Comissão Técnica no último Festival de Cannes. *Bird* é *big* — como se diz em inglês. Clint Eastwood filma com emoção à flor da pele — a dele e a nossa.

P.E

COMÉDIA

QUEM É ESSA GAROTA? (Who's That Girl? EUA, 1987)

Direção: James Foley. Com Madonna, Griffin Dunne e Coati Mundi. Warner

Madonna bem que tenta, mas seu negócio não é mesmo cinema. Aqui ela é Nikki Finn, uma gatinha rebelde mais no fundo-de-bom-coração que é acusada injustamente de um crime. Loudon Trott (o ótimo Dunne) é yuppie empregado do verdadeiro responsável pelo crime que quer ver Nikki o mais longe possível e encarrega Loudon de escoltá-la até a rodoviária. Mas Nikki quer limpar seu nome e é fácil imaginar que o yuppie não vai conseguir enfiá-la no primeiro ônibus. Foley, diretor de *Jovens Sem Rumo* e *Caminhos Violentos* não consegue salvar o roteiro sem imaginação, levemente inspirado em *Depois de Horas*, nem a interpretação apenas de Madonna. *B.A.*

UMA ESCOLA MUITO LOUCA (Soul Man, 1986)

Direção: Steve Miner. Com C. Thomas Howell, Arye Gross, Rae Dawn Chong, James Earl Jones. Transvideo

Comédia romântica na linha *college*. Mark (Howell) é um bom estudante, entra na escola de Direito em Harvard — mas tem um pai avarento — que decide não lhe pagar os estudos. Disposto a fazer o curso de qualquer forma, ele imagina um expediente para ganhar uma bolsa: ele se torna negro. Steve Miner (diretor de *A Casa do Espanto*) acerta na criação de situações embaraçosas e engraçadas mas erra quando deixa inclar o romance entre Watson e Sarah (Chong). Destaques para Arye Gross, que faz Gordon, o melhor amigo de Mark, e James Earl Jones, o professor Banks. Ainda a trilha sonora é ótima, com Lou Reed, Sly Stone etc. *B.A.*

DRAMA

DESENCANTO (Brief Encounter, Inglaterra, 1945)

Direção: David Lean. Com Celia Johnson, Trevor Howard. F.H.

Um filme fortemente romântico, mas pondo na forma. Não é pois inteiramente sensível. Baseia-se na recordação de uma mulher casada que se apaixona por outro. Laura, seu nome, encontra Alec — também casado por acaso. Caem um pelo outro. Mas a situação é amarga, havia os escrúpulos e havia os outros, e a felicidade morre antes de nascer. Seguem-se encontros tortuntos e intensos. Os trens indiferentes os separam. Tudo é como se Laura estivesse contando ao marido. E estamos em suspense. Do mesmo diretor de *A Ponte do Rio Kwai*, *Lawrence da Arábia* e *Passagem para a Índia*. *Desencanto* ganhou em Cannes e Veneza. É um filme perfeito sobre a imperfeição do destino. *D.B.*

POR QUEM OS SINOS DOBRAM (For Whom the Bell Tolls, EUA, 1943)

Direção: Sam Wood. Com Gary Cooper, Ingrid Bergman, Katina Paxinou, Akim Tamiroff. CIC

A história, baseada no romance de Ernest Hemingway, foi despolitizada do seu original: pela pressão política espanhola franquista e católica e por Sam Wood estar afinado com o típico compromisso de Hollywood. O resultado é uma envolvente história de amor, com a Guerra Espanhola de 1937 ao fundo. Escolhido a dedo por Hemingway, Cooper vive Roberto, um agente inglês que, na Espanha, tem a missão de explodir uma ponte e evitar o avanço franquista. Na missão ele conhece Maria (Ingrid), com quem terá um grande amor. Cooper, com seu carisma, e Ingrid, linda e estonteante (de cabelos curtos), invasam seus próprios corações. O que se contrapõe é a felicidade pessoal com o dever militante político. Ou por quem os sinos tocam. Um clássico indispensável. *W.S.*

MINHA ADORÁVEL LAVANDERIA (My Beautiful Laundrette, Inglaterra, 1985)

Direção: Stephen Frears. Com Saeed Jaffrey, Roshan Seth, Daniel Day Lewis. Mundial

Como seus colegas do novo cinema inglês, Stephen Frears faz um cinema extremamente pragmático, sem divagações intelectuais e sem erotismo estereotipado. Com recursos semidocumentais e diretos, comenta a barra pesadíssima da era Thatcher, onde Omar (filho de um paquistanês pobre) herda do tio Nasser uma lavanderia. Através do primo Salim, comercializa coca, e com a grana reforma o seu comércio, levando o "amigo" Johnny para trabalhar como empregado. Johnny tem uma gangue de amigos vadios e fascistóides que querem que Omar volte para a selva e expressam seu nacionalismo na porrada. Mas o racismo sucumbe ante o descarado amor gay entre Johnny e seu patrão. *A.Q.S.*

CASABLANCA (EUA, 1942)

Direção: Michael Curtiz. Com Ingrid Bergman, Humphrey Bogart, Paul Henreid, Claude Rains. Warner

O exemplo mais clássico de como a quintica de Hollywood poderia transformar água em vinho ou um filme como qualquer outro em um clássico dos clássicos. Mais do que a história é a aura que torna o filme imperdível. Lisa Bergman, escandalosamente bonita e casada com Lazio (Henreid, um importante da Resistência perseguido por nazistas. Vão parar em Casablanca, onde Rick Blaine (Bogart, e duras charmoso) uma velha paixão de Lisa, e dono do cassino. Tudo contribui para criar o mito: o lugar exótico, a escolha acertadíssima do elenco, a canção emblemática, o final infeliz. Oportunidade de ouro para entender o que é cult movie. *B.A.*

POLICIAL

MEU OFÍCIO É MATAR (Suddenly, EUA, 1954)

Direção: Lewis Allen. Com Frank Sinatra, Sterling Hayden, James Gleason. Hollywood Classics

Filme maldito em sua época e um tanto premonitório. Plena guerra fria, uma pequena cidade do interior, Suddenly, e a passagem inesperada do presidente dos Estados Unidos da América: esse é o quadro. Por trás de uma janela, em casa no alto de um morro propício, um assassino, após dominar a pacata família, prepara seu rifle de precisão. É Sinatra, magro, encovado e perfeito no papel pistoláme — tanto que renegaria o filme mais tarde. Nove anos antes de Lee Oswald matar Kennedy, uma pequena pérola de tensão. *D.B.*

SUSPENSE

GOSTO DE SANGUE (Blood Simple, EUA, 1984)

Direção: Joel Coen. Com John Getz, Frances McDormand, Dan Hedaya, M. Emmet Walsh, F.J. Lucas

Blood simple" é a expressão que define o estado mental de uma pessoa que acabou de cometer um crime. Coen, diretor do divertido *Arizona Nunca Mais*, fez sua estreia como diretor de forma brilhante (e não é exagero). O suspense e agônico e desesperador. A trama é simples e clássica: Marty (Hedaya), dono de um bar no Texas, é abandonado por sua esposa Abby (McDormand), que inicia um caso com um empregado de Marty, Ray (Getz). O marido traído contrata um detetive (o fenomenal Walsh) para seguir-los e mata-los. So que nem tudo da certo e... Contar mais a história é inútil e não vale a pena. Basta dizer que o jovem Coen realizou uma pequena obra-prima, modernizando o policial noir e criando uma das mais devastadoras sensações de morte no cinema. *B.A.*

CIDADE DE SANGUE (City of Blood, África do Sul, 1986)

Direção: Darrell Roodt. Com Joe Stewardson, Ian Yule, Susan Coetzer. Tec Home Video

Surpreendente suspense rodado na África do Sul, tendo como pano de fundo a questão do racismo. Um médico legista é pressionado a assinar um falso atestado de óbito, acobertando o assassinato de um líder negro na prisão. Só que, paralelamente, ele investiga misteriosos assassinatos de prostitutas brancas, realizados com o requinte de ritos mulenares. O perturbado médico avança, para descobrir até onde essas questões se relacionam, às custas de sua própria sanidade. E como uma mistura de *Um Tiro na Corda Bamba* (*Tightrope*, com Clint Eastwood, em que ele investiga o assassinato de prostitutas e vai expondo perigosamente suas próprias taras) e *Um Grito de Liberdade* (sobre o assassinato de Stephen Biko, um mártir da causa negra sul-africana). Realizado com extrema competência técnica e uma expressiva atuação de Joe Stewardson, no papel do legista que não quis ser Harry Shibata. *A.A.*

WESTERN

O CAVALEIRO SOLITÁRIO (Pale Rider, 1985)

Direção: Clint Eastwood. Com Clint Eastwood, Michael Moriarty, Carrie Snodgress, Sydney Penny. Warner

O Estranho Sem Nome está de volta. Desta vez ele é o milagre, na forma de um pregador, que vai salvar uma pequena comunidade de mineiros das ameaças de uma companhia que quer substituir o garimpo por mineração hidráulica. Ainda o Preacher (Eastwood, quem mais?) vai despertar uma paixão adolescente em Meghan (Penny) se envolver com a mãe da garota, Snodgress, e de quebra, dar lições de ecologia. Faroeste à antiga, com uma bela fotografia, mas um pouco escuro — o que em vídeo pode ser ruim às vezes, é um problema. *B.A.*

Filmografia completa (os filmes assinalados com asterisco * são disponíveis em vídeo)

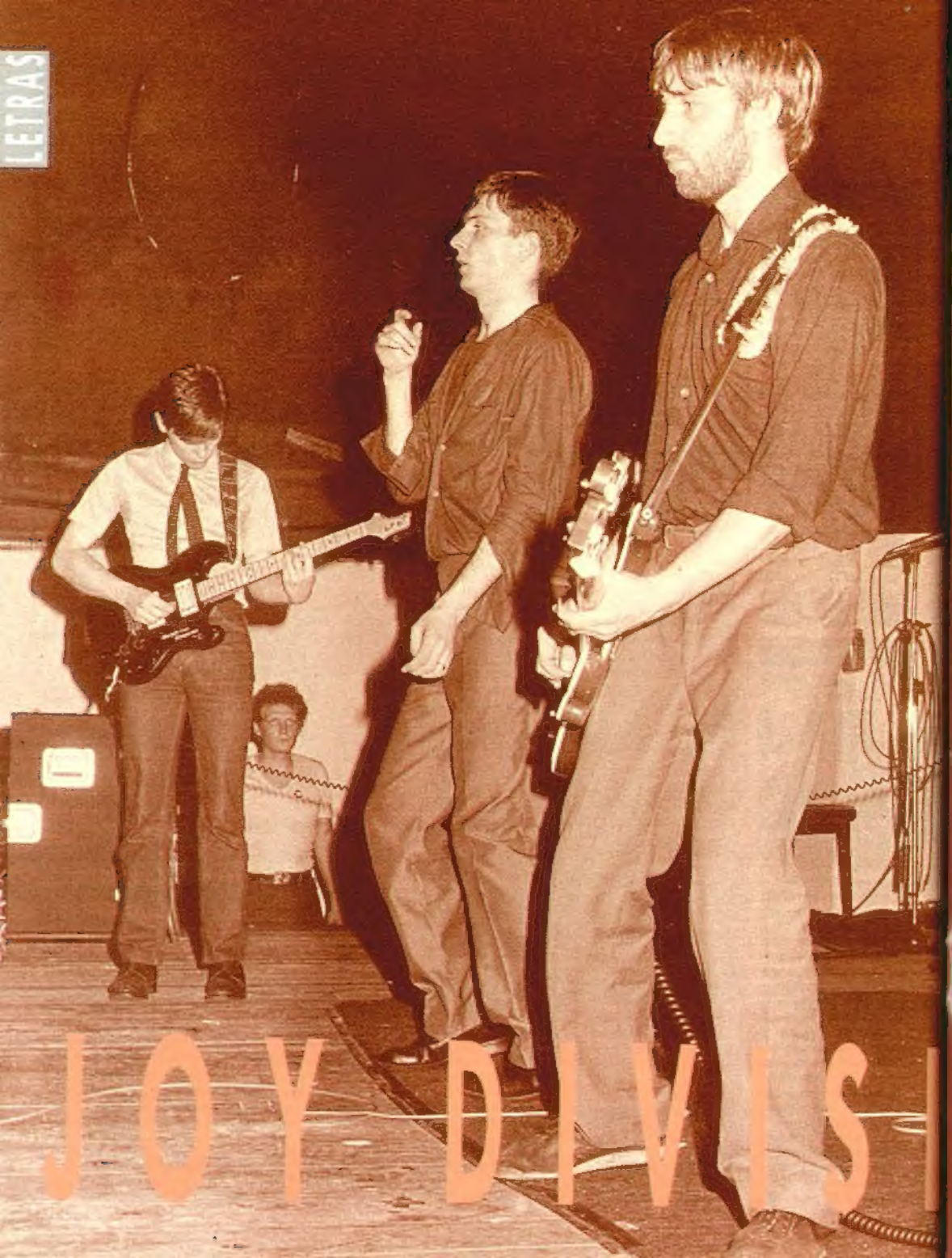
O Conde de Munkbro (*Munkbrogreven*, 34); *Desbravadores de Mares* (*Bränningar*, 35); *Os Swedenhuelms* (*Swedenhielms*, 35); *Valborgsmässoafton* (35); *Pá Solsidan* (36); *Intermezzo* (36); *A Mulher que Vendeu Sua Alma* (*En Kvinnas Ansikte*, 38); *Dollar* (38); *Die Vier Gesellen* (38); *Esta Noite Contigo* (*En Ende Natt*, 39); *Intermezzo, Uma História de Amor* (*Intermezzo*, 39, versão americana); *Juninatten* (40); *Os Quatro Filhos de Adão* (*Adam Had Four Sons*, 41); *Fúria no Céu* (*Rage in Heaven*, 41); *O Médico e o Monstro* (*Dr. Jekyll and Mr. Hyde*, 41); *Casablanca* (42)*; *Por Quem os Sinos Dobram* (*For Whom the Bell Tolls* 43)*; *Os Suecos na América* (*Swedes in America*, 43); *A Meia Luz* (*Gaslight* 44); *Mulher Exótica* (*Saratoga Trunk*, 45); *Os Sinos de Santa Maria* (*The Bells of St. Mary*, 45); *Interludio* (*Notorius*, 46); *O Arco do Triunfo* (*Arch of Triumph* 48). *Joana D'Arc* (*Joan D'Arc* 48); *Sob o Signo de Capricórnio* (*Under Capricorn*, 49); *Stromboli* (*Stromboli, Terra di Dio*, 50); *Europa 51* (51); *Nós, as Mulheres* (*Siamo Donne*, 53); *Giovanna d'Arco del Rogo*, 54); *Viaggio in Italia* (54); *La Paura* (55); *Anastácia, a Princesa Esquecida* (*Anastasia* 56); *As Estranhas Coisas de Paris, Etena et les Hommes*, 57); *Indiscreto* (*Indiscret*, 58); *A Morada da Seita Felicidade* (*The Inn of the Sixth Happiness*, 58); *Mais uma Vez, Adeus* (*Aimez-vous Brahms?*, 61); *A Visita* (*Der Besuch*, 64); *O Rolls Royce Amarelo* (*The Yellow Rolls Royce*, 65); *Stimulantia* (67, episódio *Sweden*); *Fugitive in Vienna* (67). *A Flor de Cacto* (*Cactus Flower* 69); *Caminhando Sob a Chuva de Primavera* (*A Walk in the Spring Rain*. 70); *Henri Langlois* (70), *From the Mixed-up Files of Mr. Basil E. Frankweiler* (73); *Assassinato no Expresso Oriente* (*Murder in the Orient Express* 74); *Questão de Tempo* (*A Matter of Time* 76); *Sonata de Outono* (*Höstsonat*, 78);

A deusa nórdica provavelmente não sabia que, ao aceitar o papel de Ilsa Lunde em *Casablanca*, estaria entrando para a história do cinema. O filme, o primeiro grande sucesso popular da carreira da atriz sueca, à primeira vista nada tinha de muito diferente das outras produções de Hollywood na década de 40. Uma história de amor como muitas outras, com um leve e adequado toque antinazista (a fita é de 42) e uma bela canção-tema. O detalhe é que *Casablanca*, um filme entre centenas que eram produzidos por Hollywood nessa época, se tornou um cult indiscutível, que até hoje desperta paixões.

Ingrid Bergman nasceu em Estocolmo, no dia 29 de agosto de 1915. Órfã, ameaçou se suicidar se o tio não permitisse que ela ingressasse na Escola Real de Arte Dramática da Suécia. Sua carreira propriamente dita começou no teatro. Em 37, se casou com o dentista sueco Peter Lindstroom, com quem teve uma filha, Pavid Selznick a viu numa produção sueca, *Intermezzo*, e se encantou com aquela loura alta. Ingrid não se parecia com o padrão hollywoodiano de musa. Ela não era vamp, não tinha glamour — a beleza de Ingrid era natural e saudável e, mais do que a fama, ela queria ser uma atriz de verdade. Ela chegou aos Estados Unidos, com 24 anos, disposta a impor suas condições de trabalho, não queria mudar seu nome (que os produtores achavam "estrangeiro demais"); preferia não usar maquilagem; queria escolher seus papéis de acordo com as possibilidades dramáticas que esses poderiam lhe oferecer e não baseada na imagem que os produtores queriam construir para ela (Ingrid era perfeita para papéis de esposa casta e doce). A sincera e determinada Ingrid desafiou os padrões de Hollywood e conseguiu que suas decisões fossem respeitadas, até o escândalo com Roberto Rosselini.

Depois de *Casablanca*, ela se firmou como uma estrela e sua presença na tela era muito requisitada — chegou a filmar três filmes com Hitchcock, ganhou um Oscar em *A Meia Luz* em 44. No final da década de 40, descobriu Rossellini e seu *Roma, Cidade Aberta*. Eles se apaixonaram e Ingrid largou marido e filha nos Estados Unidos para se juntar a Rossellini (que também era casado (com Anna Magnani), na Europa. O choque foi ainda maior quando se soube que ela estava grávida dele, sem que eles estivessem casados. A imprensa sensacionalista explorou o caso até as últimas consequências — e não é muito lembrar que esses acontecimentos são contemporâneos ao início do macartismo. Até 56, um pouco antes da separação de Rossellini (com quem teve três filhos, inclusive Isabelle Rossellini, estrela de *Veludo Azul*), trabalhou exclusivamente em filmes do marido. Hollywood, assim como a condenou, a perdoou, e ela voltou a filmar nos Estados Unidos. Mas já era o começo do fim dos anos dourados de Hollywood e da própria atriz.

Ela continuou atuando em cinema e teatro até 78 e fechou sua vida profissional com um papel em *Sonata de Outono*, de Ingmar Bergman, como a mãe de Liv Ullman. Ingrid Bergman, a cândida beldade rebelde de Hollywood, morreu em 82, de câncer. *Bia Abramo*



ATMOSPHERE

(JOY DIVISION)

Walk... in silence
don't walk away... in silence
see the danger... always danger
endless talking... life rebuilding
don't walk away

Walk... in silence
don't turn away... in silence
your confusion... my illusion
worn like a mask of self-hate
confronts and then dies
don't walk away

People like you... find it easy
aching to see... walking on air
hunting by the rivers, through the streets
every corner — abandoned too soon
set down with due care
don't walk away... in silence
don't walk away

ATMOSFERA

Anda... em silêncio
não te afasta... em silêncio
veja o perigo... sempre perigo
conversas sem fim... vidas em reconstrução
não te afasta

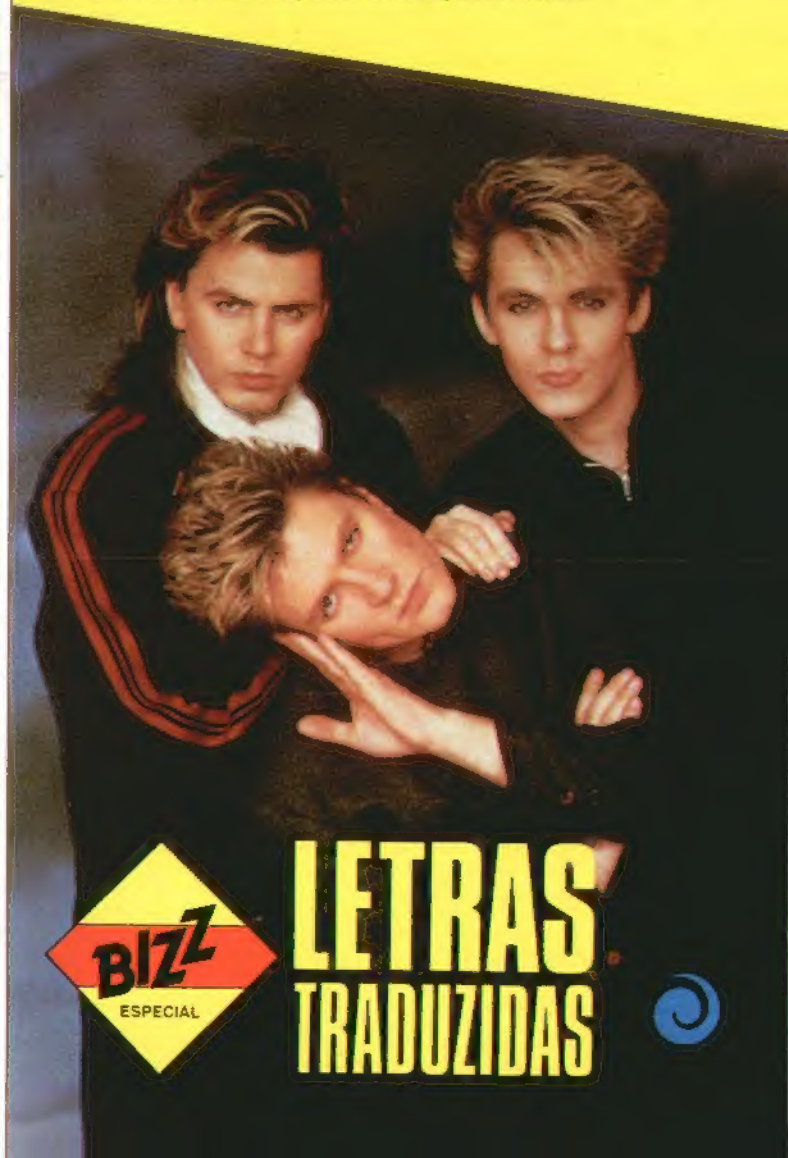
Anda... em silêncio
não vire as costas e saia andando... em silêncio
tua confusão... minha ilusão
vestida como uma máscara de ódio a si
confronta-se e, em seguida, morre
não te afaste

Pessoas como você... acham fácil
doente para ver... andando sobre ar
caçando às margens de rios, através das ruas
cada canto e esquina — cedo demais abandonados
coloca no chão com devido cuidado
não saia andando... em silêncio
não te afasta

© Comba Music Publishers Limited (Direitos cedidos para o Brasil a EMI ODEON Div. Italo)

VOCÊ PEDIU, BIZZ TRADUZIU.

TRACY CHAPMAN, NEW ORDER, JOY DIVISION, HOUSE MARTINS, PRINCE, JIMI HENDRIX, JESUS & MARY CHAIN, ECHO & BUNNYMEN, KYLIE MINOGUE, PET SHOP BOYS, DURAN DURAN, NOEL, A-HA, SMITHS, TERENCE T. D'ARBY, GENE LOVES JEZEBEL, U2, THE CURE, THE MISSION, THE CULT, IRON MAIDEN, DEF LEPPARD.



BIZZ ESPECIAL

LETRAS TRADUZIDAS

CARTA

PAU NAS GATAS DA BIZZ

A crítica feita por Sônia Maia ao show de Lulu Santos no Olympia (BIZZ 39) me chamou demais a atenção. A moça, que de cara parece não gostar do cantor (guitarrista de primeira linha, sucesso no país todo e que obviamente utiliza o marketing da música para se promover), fala indiretamente que o show em si é uma tremenda merda. Eu estive assistindo ao show do Luiu por duas vezes e curti demais. O cara cantou de tudo e agradou a gregos e troianos presentes no local. Se por acaso a crítica (?) Sônia Maia é fã do Cure, avisem a moça que o modismo dark já acabou há dois anos e aqui não é Londres, é Sampa, terra brasilis. Ninguém é obrigado a curtir circuito alternativo num país tão brega e insuportável como o nosso, onde um nordestino metido a poeta está no poder. **Roberto Rodrigues, São Paulo — SP**

Sônia Maia responde: *A) Concordo com você: ele é um guitarrista de primeira linha (como eu mesma disse na matéria); B) Não, não sou fã do Cure; C) Ele pode ter agradado aos troianos, Roberto, porque os gregos não estavam presentes. E repasso aqui um comentário diferente do seu para confirmar isso. Clemente, dos Inocentes, indignado com Lulu Santos sobre seu comentário a respeito do show de Iggy Pop — "ele parecia um velhinho" —, comentou: "Quando Iggy Pop estava na estrada, Lulu estava no quarto se masturbando. Se ele quer renegar o rock, que renegue. Mas não venha cuspir no prato em que comeu". Sinceramente, acho que o rock não está precisando de ninguém que tente derrubar seu santo nome em vão para se promover. No mais, continuo assinando embaixo de tudo o que escrevi.*

Esta adorável cafonália chamada BIZZ sempre foi a melhor desde seu lançamento, mas infelizmente ninguém é perfeito. Como você vacilou na sua crítica ao show dos coiotes RPM! Vamos lá: não teve grande mídia nem pequena ajuda do Plano Cruzado. O fenômeno que eles conseguiram e ainda conseguem ser foi devido à estrutura montada para um show com raios laser e também ao mais de um milhão de pessoas, das quais eu faço parte, que compraram seus LPs. De onde surge essa de não estar preparado para "Show It to Me" e "Teu Futuro Espelha Essa Grandeza"? Você queria que fosse sempre "Flores Astrais" e "London London"? Cara Bia Abramo, os tempos mudam, está sempre acontecendo algo novo. O RPM tenta alçar novo vôo, só que agora a rota é diferente, eles estão fazendo fusões. Que desperdício! — **André Luiz Campos, Governador Valadares — MG**

Bia Abramo responde: *Alguns leitores mais afoitos — e sobretudo os fãs muito fanáticos — têm o mau hábito de ir com muita sede ao pote e, portanto, de tirar conclusões muito apressadas. O fenômeno RPM é uma coisa séria tanto para o um milhão de pessoas que compraram seus discos* (Revoluções por Minuto e Rádio Pirata ao Vivo) *quanto para toda a história do pop brasileiro. Para reforçar minha tese da "pequena ajuda" do Plano Cruzado, reproduzo palavras textuais de Paulo Pagni em entrevista à* Folha de S. Paulo, *no dia 26/10/88: "Vender 240 mil cópias numa época de crise como essa é a minha coisa. Vender 2,3 milhões de cópias durante o Plano Cruzado foi fácil". Pra tornar as coisas mais claras, não foi o RPM que se beneficiou com o Plano Cruzado: todas as bandas que lançaram discos naquele período venderam como nunca. E isso é normal, nada que tire mérito de ninguém. Quantos discos você comprava em 86 e quantos você compra hoje? E o "não estar preparado" foi uma constatação feita a partir da observação feita ali no show (e você mesmo disse que não estava lá). Não acho nada de errado em o RPM querer "alçar novo vôo" e traçar uma rota diferente, apenas assinalei o flagrante desejo do público de que eles continuassem iguais.*

Uns dias antes da edição de outubro de 88 chegar às bancas, comentei com um amigo que, se a BIZZ não trouxesse a cobertura do show do ZAPP, eu queimaria minha coleção. Feliz de mim, tenho lido várias vezes a crítica, sempre arrependido por não ter ido ao Corinthians e ao Palmeiras naquela noite. O seguinte: não sei por que saiu "More *O*unce to the Ounce" e não "More *B*ounce to the Ounce". Saiu também que o "segundo" LP solo de Roger é *Unlimited*, quando na verdade o segundo LP de Roger é *The Saga Continues*, e *Unlimited* é o terceiro LP solo e é de 88, e não de 86. E o nome é "Be Allright", não "Allright". Como a reportagem do show foi a única abordagem do ZAPP feita pela BIZZ nessa sua vinda ao Brasil, achei que valia o toque. Teria ficado mais feliz ainda se tivesse lido na revista uma reportagem especial sobre o ZAPP e o Roger Trautman, com uma entrevista. **José Nilo, São Paulo — SP**

Claro que o toque valeu, José. Correções de deslizes pequenos ou grandes são sempre bem-vindas. Leitores atentos, escrevam! Aproveitando o ensejo, uma explicação. A revista BIZZ fecha com muita antecedência e, assim, muitas vezes não temos condições de saber, com tal antecedência, quem vem se apresentar no Brasil. O caso da não vinda do Stray Cats, por exemplo. Quando foi anunciado o cancelamento do show, já não podíamos fazer nada... De qualquer maneira, está dado o seu recado e estamos procurando suprir essa deficiência.

À PROCURA DE BIZZ

Gostaria muito de completar minha coleção de BIZZ, mas para isso estão faltando os números de 1 a 4. **Haroldo A. Garcia Júnior, R. Desembargador Motta, 1144, CEP 80420, Curitiba — PR**

Gostaria de comprar as revistas BIZZ do número 1 ao 25 em bom estado. **Giovana Dias Peixoto, Av. Princesa Isabel, 407, ap. 503, CEP 29000, Vitória — ES**

Preciso das revistas *Top Hits 1, Letras Traduzidas 12-A* e *30-L*. Troco por *Ídolos do Rock 20-B* e *Revista-Poster 21-B* e *35-P*, além de alguns exemplares da BIZZ. **Anilson dos Santos, r. Chile, 425, CEP 98100, Cruz Alta, RS**

DESFAZENDO COLEÇÕES

Vendo exemplar número 5 e os números de 10 a 33 da revista BIZZ. **Elio Domingos Júnior, r. Enedina Carvalho Reis, 21, apartamento 201, CEP 33000, Santa Luzia, MG**

Vendo minha coleção de BIZZ do número 1 ao 35 em perfeito estado. **Rodrigo Corrêa, r. Carolina Santos, 209/109, CEP 20720, Rio de Janeiro, RJ**

Vendo qualquer exemplar da revista BIZZ. **Reginaldo Ferreira da Costa, R. Coronel Carlos Miguel, 54, CEP 25075, Duque de Caxias — RJ**

Vendo as edições de BIZZ do número 9 ao 22 e do número 29 ao 38. Na compra de todos os exemplares envio gratuitamente cinco revistas *Ídolos do Rock*, três *Letras Traduzidas* e uma *Astro Rock*. **José Atévaldo Sales, R. Nova Matriz, 212, CEP 68630, Paragominas — PA**

Vendo as revistas BIZZ do número 21 ao 38, com exceção da número 23. **Valdir Rank, R. Euclides da Cunha, 394, CEP 89200, Joinville — SC**

Vendo revistas BIZZ números 1, 6, 7, 8, 9, 12, 15 e 19, em bom estado, e números 2, 5 e 14, em ótimo estado de conservação. **Kennedy Serafim Ximenes, Cx Postal 04, CEP 54800, Moreno — PE**

GERAÇÃO POP

Sou assinante da Revista BIZZ, a qual colecciono desde o número 1. Porém gostaria de me desfazer de uma outra coleção, a da revista *POP*, publicada pela Editora Abril nos anos 70. Tenho desde o número 1 até o último exemplar, com edições especiais, jornaizinhos etc. São mais de 60 revistas e estou aceitando ofertas. **Clermont de Aguiar, R. Ministro Tavares de Lira, 151/602, CEP 22221, Rio de Janeiro — RJ**

TROCANDO LETRAS

Gostaria de trocar letras de cantores nacionais e internacionais, principalmente europeus. Tenho uma coleção de mais de 800 letras. **Débora Dahab, R. Celso Torres, 16/1902, CEP 40150, Salvador — BA**

Gostaria de trocar letras de músicas de *country rockers* como Bob Dylan, Crosby, Stills, Nash & Young e Simon & Garfunkel. **Evandro Pinheiro Duarte, R. Nossa Senhora da Conceição, 1161, CEP 28960, São Pedro D'Aldeia — RJ**

FÃ-CLUBES

Bon Jovi *Social Disease Fan Club* A/C Marcos Hutchense, R. Bolívar, 79/502, CEP 22061, Rio de Janeiro — RJ

Boy George & George Michael *Fan Club Friends of Boy George and George Michael*, r. das Bromélias, 101, CEP 03748, São Paulo, SP

The Cure *The Cure International Fan Club*, r. Coronel Laurêncio Lago, 165, CEP 21610, Rio de Janeiro, RJ

Cure *The Head on the Cure Fã-Clube* Av. Bucar Neto, 209, CEP 64800, Floriano — PI

Doors *The Doors — Rei Lagarto Fã-Clube*, R. Aurora, 145, CEP 89200, Joinville — SC

Duran Duran *Duran Duran Fan Club* n.º 5, a/c Newton Levin, r. Amazonas, 178, 2.º andar, CEP 01123, São Paulo, SP

Duran Duran *Fanatics From Duran Duran* A/C Neto, R. Miguel Morato de Moura, 294, CEP 58780, Itaporanga — PB

Engenheiros do Hawaii *Fã-Clube Além dos Out-Doors* R. Cinco de Julho, 266/702, CEP 22051, Rio de Janeiro — RJ

Heart *Bad Animals Fan Club* A/C Marcos Carmassi, R. Bolívar, 79/502, CEP 22061, Rio de Janeiro — RJ

Inxs *New Sensation Fan Club* A/C Marcos Hutchence, R. Bolívar, 79/502, CEP 22061, Rio de Janeiro — RJ

Legião Urbana *Fã-Clube Soldados da Legião* R. Gervásio Bonavides, 26, CEP 11015, Santos — SP

Mission *Wasterland Fan Club* R. Bolívar, 79/502, CEP 22061, Rio de Janeiro — RJ

Morrissey *Morrissey Only Love Fã-Clube*, a/c Jorge Luís Debortoli, r. Aloísio de Azevedo, 115, CEP 16045, Araçatuba, SP

Rock Nacional & Internacional Fã-Clube, a/c Cláudio Henrique, QNG 30, casa 7, TAG Norte, Brasília, DF

VAGAS LIMITADAS
CURSO TÉCNICO EM ESTILISMO DE MODA
O SENAC vai mostrar os caminhos certos para você se destacar no mundo da moda. Venha criar a moda!
INFORMAÇÕES E INSCRIÇÕES Av. Francisco Matarazzo, 249 - Tel.: (011) 263-1311
senac moda & beleza
Criado e Mantido pelo Comércio
A SUA RIFFE NA MODA

PHIL SPECTOR'S CHRISTMAS ALBUM *(1963)*

É curioso constatar que, num país tão religioso como o Brasil, não haja tradição para a composição de canções de Natal. Fora honrosas exceções, como a famosa "Boas Festas", de Assis Valente, cantada por Carlos Galhardo nos anos 30 e perpetuada como marchinha de Carnaval, todas as músicas que se referem à festa e povoam os monitores de tevê neste período do ano são composições tradicionais importadas da Europa e dos Estados Unidos.

Uma tradição intimamente ligada à música popular americana do século, a partir dos cantos gospel de autores semi-anônimos, das composições de Irving Berlin e tantos outros, interpretadas por Judy Garland, Bing Crosby, Aretha Franklin, Ray Charles, Elvis Presley... Quase todos os grandes cantores prestaram um dia homenagem ao velhote de manto púrpura e barba branca.

Mas a obra-prima do gênero é, sem dúvida, o *Christmas Album*, de Phil Spector, um compositor e produtor que nasceu justamente no dia 25 de dezembro de 1940, no Bronx, em Nova York. Este clássico entre os clássicos é percorrido por treze faixas luminosas, com interpretações impecáveis de cantores soul, como Bobby B. Soxx & the Blue Jeans e Darlene Love, e ainda dos girl-groups The Ronettes e The Crystals, principais estrelas da gravadora Philles, dirigida por Spector.

Este álbum apresenta várias curiosidades. Embora reúna dezenas de músicos, intérpretes e compositores diferentes, é acima de tudo a obra de seu produtor, que levanta aqui o edifício mais acabado do seu estilo, o "wall of sound". É uma das primeiras vezes na história que o processo de gravação de um disco é abordado como forma de criação artística absoluta. Spector passou meses no estúdio, onde se dedicou à busca da perfeição para cada música. Megalomaníaco dos sons, ele se definiu assim: "Minha abordagem do rock'n'roll é wagneriana. Faço pequenas sinfonias para a garotada". Para tanto, ele levou a técnica dos *overdubs* — a sobreposição de cinco ou seis guitarras, três ou quatro pianos, inúmeras percussões com baterias, castanholas, tamborins, sinos e tímpanos — até suas últimas conseqüências, para criar uma massa sonora de proporções até então inéditas. Os músicos que participaram dessas gravações — entre eles os guitarristas Glen Campbell, Sonny Bono e Barney Kessel, o pianista Leon Russell e o baterista Hal Blaine — contam que Spector resolver gravar algumas partes do álbum no banheiro do estúdio (o Gold Star, em Los Angeles), porque somente ali conseguia a acústica e a reverberação de que estava precisando.

O álbum foi lançado sob o título *A Christmas Gift for You*, às vésperas do assassinato do presidente John Kennedy. Os americanos não tiveram humor para apreciar suas músicas alegres e embaladas. Mesmo assim, o disco freqüentou os *charts* a cada ano, na época do Natal, principalmente na Inglaterra, onde foi reeditado pela Apple Records, selo dos Beatles, e rebatizado *Phil Spector's Christmas Album*, a partir do nome dado pelo público. É extraordinária e muito mais importante do que se pensa a influência de Phil Spector sobre a música pop dos últimos trinta anos.

Numa entrevista recente, Brian Wilson, líder dos Beach Boys, reconheceu que criou confiança e buscou inspiração nos discos de Phil Spector, no início de sua carreira. Quanto aos Beatles, ele fez a remixagem do LP *Let It Be*, co-produziu *Imagine*, de Lennon, e voltou ao seu estilo "wall of sound" no LP tripio *All Things Must Pass*, de George Harrison, em 1970. Mais recentemente, Spector produziu os LPs *Death of a Ladies' Man*, de Leonard Cohen, e *End of the Century*, dos Ramones.

Mas nada melhor que este disco, que iluminou até hoje 25 Natais de seus felizes possuidores.

Jean-Yves de Neufville

EDITORA AZUL

Editor e Diretor: VICTOR CIVITA

Diretoria
Angelo Rossi
Edgard de Silvio Faria
Roberto Civita

Diretor Superintendente: Angelo Rossi

BIZZ

Diretor de Grupo: Carlos C. Arruda

REDAÇÃO
Editor-Chefe: José Eduardo Mendonça
Editoras Assistentes: Bia Abramo, Sônia Maia
Redatora: Marisa Adán Gil
Coordenação de Produção: Igor Ismaiel Assan

ARTE
Editor: Rodolfo Tucci
Chefe de Estúdio: Deise Bitinas
Diagramadores: Angelo Asson, Maria Amélia de Azevedo, Renata Fada
Arquivo e Pesquisa de Fotos: Cidivi Heredia

Atendimento ao Leitor: Celso Ferrari Masson
Correspondentes: José Emilio Rondeau e Ana Maria Bahiana (Los Angeles), José Nogueira (Nova York), Pepe Escobar (Milão), Silvano Michelino (Paris), Eva Joory (Londres)
Colaboradores
Texto: Alex Antunes, Arthur G. Couto Duarte, Celso Ferrari Masson, Celso Pucci, Daniel Benevides, Dilson Gomes, Eliana Thoma de Souza, Fernando Naporano, Hagamenon Brito, Hermano Vianna, José Augusto Lemos, Jean Yves Neufville, José Geraldo Couto, Leopoldo Rey, Luiz Claudio de Oliveira, Marcel Plasse, Marcelo Abreu, Marcos Smirkoff, Nico Pereira de Queiróz, Tarik de Souza, Tom Leão, Walter Silva
Arte: César Togashi, Marco Inio, Paulo Monteiro
Fotos: Claudia Thompson (Nova York), Eva Joory (Londres), Caetano Eurico Sato, Kid, Marcelo Faustini, Mila Maluhy, Ricardo Siqueira, Rochelle Costi, Rui Mendes, Z. Vivanco
Revisão e Preparação de Texto: Edmundo Juarez Filho

Diretora Responsável: Laige de Lima Doria Castelli

PUBLICIDADE
Diretor: Carlos Alberto F. de Araújo
SP-Gerente: Oswaldo Maffei Jr.
Contatos: Antonio Xavier de Aguiar, Arthur de Oliveira Neto, Gilberto Newton da Silva Oliveira
RJ-Gerente: Getulio Torres
Contato: Lidia Camarate
Produção Gráfica-Gerente: Edna R. Burigo
Coordenadora: Sandra C. B. Botelho

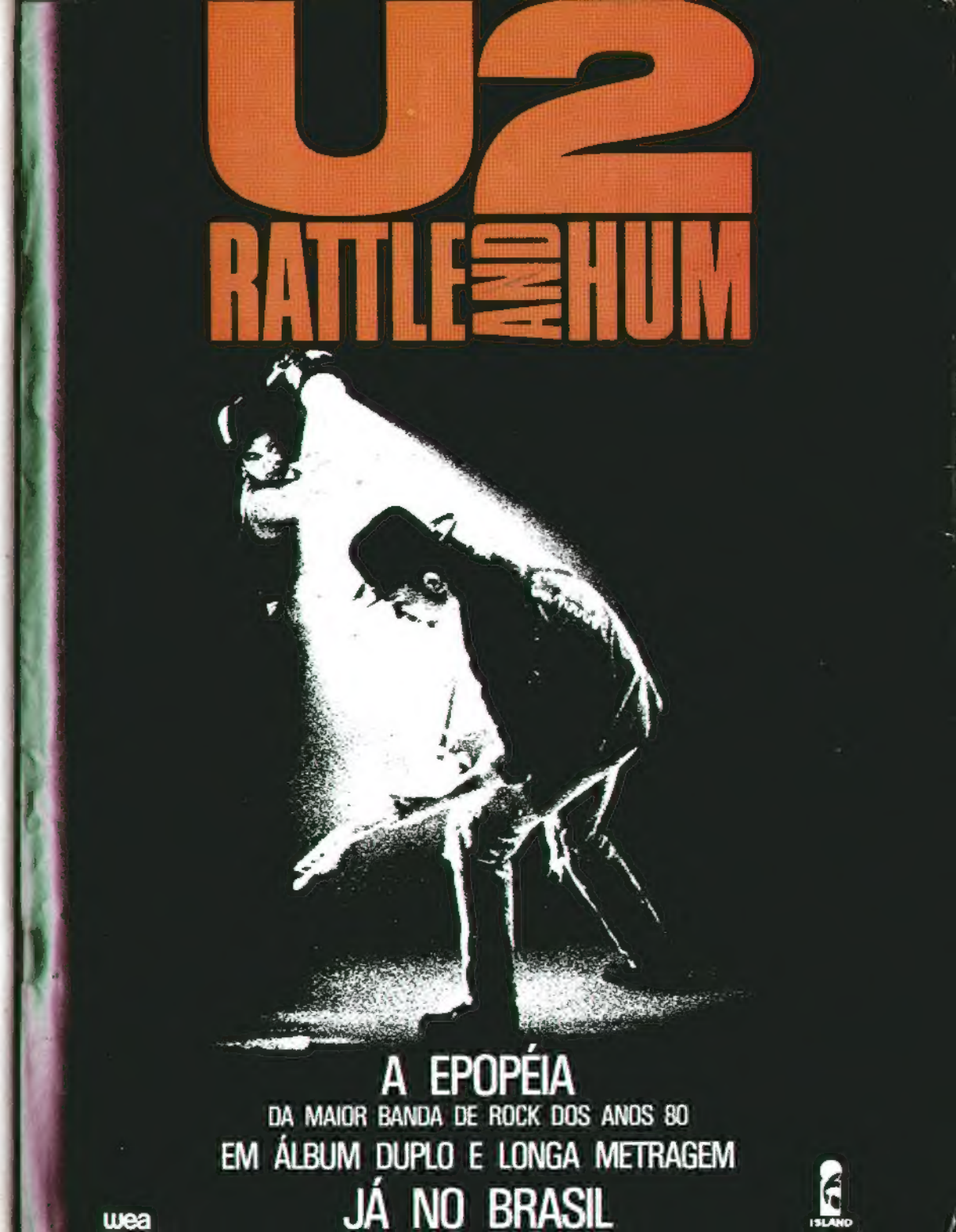
SERVIÇOS EDITORIAIS
Abril Press - Gerente: Judith Barroni. **Escritórios - Nova York:** Lincoln Building, 60 East 42nd Street, Suite 3403, New York, NY 10165, Phone: (001212) 557-5990/5993, Telex: 237670, Fax: (001212) 963-0972. **Paris:** 33, rue de Miromesnil, 75008 Paris, Phone: (00331) 42.68.31.16, Telex: 660731 ABRILPA, Fax: (00331) 42661399.
Departamento de Documentação - Dedoc - **Gerente:** Aula Rojas Barreto - av. Otaviano Alves de Lima, 4400, São Paulo, SP, Telex: (011) 22115
Serviços Fotográficos - Gerente: Pedro Martinelli

COMERCIAL
Diretora: Vera Helena Mirandez Gomes
Gerente de Produto: José Carlos Boldarine
Gerente de Circulação: Gilberto Finoto Gil
Promoção: Sonia M. Amaral

EDITORA AZUL
Diretores: Ana Maria Fadigas, Carlos C. Arruda, Pedro Frazão e Vera Helena Mirandez Gomes

BIZZ é uma publicação da Editora Azul S.A. **São Paulo - Redação, Publicidade e Correspondência:** r. Marquês de São Vicente, 1771, tel. (011) 826-6777, CEP 01139, Caixa Postal 6008, CEP 05095. Telex (011) 26070. **Telegramas:** Editabril-Abriljornais. **Rio de Janeiro:** r. da Passagem, 123, 6º ao 11º andares, CEP 22290, tel. (021) 546-8282, Telex (021) 20674, Telegramas: Editabril-Abriljornais. **Distribuidor em Portugal:** Distribuidora Jardim de Publicações Ltda., Quinta Pau Varais, Alvinhaga dos Fetais, 2685, Camarate, Lisboa. **Assinatura anual:** Cr$ 19.800,00 à vista. Ao fazer sua assinatura, envie a credencial do vendedor e pague somente com cheque nominal a Editora Abril S.A. A Editora Abril garante aos assinantes desta publicação que a interrupção definitiva da entrega dos exemplares contratados, sem que para isto tenha dado motivo o próprio assinante, implicará a restituição da parte do preço (ou antecipadamente paga, correspondente aos exemplares que não forem entregues, acrescida de correção monetária calculada com base na variação do valor nominal das OTN verificada no período. Esta revista vai às bancas mensalmente no dia 3. **Números atrasados:** ao preço da última edição em banca, por intermédio de seu jornaleiro ou no distribuidor de sua cidade. Pedidos pelo correio: DINAP - Estrada Velha de Osasco, 152, Jardim Teresa, 06000, Osasco, SP. Temos um estoque somente as seis últimas edições. Todos os direitos reservados. Distribuição com exclusividade no país pela DINAP - Distribuidora Nacional de Publicações, São Paulo.

IMPRESSA NA DIVISÃO GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A.



DÁ-LHE STRAITS!

O Lp Money for Nothing do Dire Straits chegou a disco de platina em pouco mais de 15 dias. Por quê?

Money for Nothing traz os melhores momentos do Dire Straits, segundo o seu líder Mark Knopfler, responsável pela seleção musical do disco.

Além disso, Money for Nothing traz uma versão inédita (gravação ao vivo) do épico Portobello Belle explodiu nas rádios [illegible] importantes [illegible] do Brasil.

[illegible] sim. Lembra [illegible] The Pool, que [illegible] compacto. Mark [illegible] remixou a mí[illegible] incluiu no cardápio deste genial Money for Nothing.

É por [illegible] e por outras que 300 mil brasileiros não param de ouvir este disco.

Mas, se você quer fazer uma viagem à alma do Dire Straits, uma boa notícia: Todos os discos da banda e os discos solo de Mark Knopfler foram relançados de uma só vez. Sirva-se.

CRIAÇÃO & ARTE POLYGRAM

EM DISCO, COMPACT DISCS E FITAS DE CROMO BASF.